UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

MULHER E SERINGAL:
UM OLHAR SOBRE AS MULHERES NOS SERINGAIS DO AMAZONAS
(1880-1920)

MÔNICA MARIA LOPES LAGE

MANAUS
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

MULHER E SERINGAL:
UM OLHAR SOBRE AS MULHERES NOS SERINGAIS DO AMAZONAS (1880-1920)

MÔNICA MARIA LOPES LAGE

MANAUS
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

MÔNICA MARIA LOPES LAGE

MULHER E SERINGAL:
UM OLHAR SOBRE AS MULHERES NOS SERINGAIS DO AMAZONAS (1880-1920)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Emilio Morga.

MANAUS
2010

MULHER E SERINGAL:
UM OLHAR SOBRE AS MULHERES NOS SERINGAIS DO AMAZONAS
(1880-1920)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA:

DR. Antônio Emilio Morga
Presidente – UFAM

DRA: Eni de Mesquita Samara
Membro - USP

DR: José Bento Rosa da Silva
Membro - UFPE

MANAUS
2010

Dedicatória:

Dedico

Aos meus filhos: Ana Luiza Lage Schineider Jonath

E Wallysson Douglas Schineider Jonath

Agradecimentos:

A gratidão é o único tesouro dos humildes.
Willian Skakespeare

A gratidão pode ser entendida sobre vários prismas: como uma emoção, uma atitude, uma virtude moral, um hábito ou um traço da personalidade. Independentemente destas definições, a gratidão é algo positivo que traz benefícios tanto pra quem a pratica, quanto pra quem a recebe. A gratidão causa reciprocidade, promove bem-estar, provoca bons sentimentos e aproxima as pessoas.

Ao concluir esse trabalho acadêmico, não poderia deixar de expressar a gratidão que sinto por todas as pessoas que fizeram parte neste processo. Desde àquelas que me ajudaram na escolha do tema àquela que me acompanhou na escrita da última palavra do texto. É pouco provável que eu consiga descrever nesse espaço o nome de todas as pessoas que contribuíram, entretanto, procurarei mencionar aquelas que, sem dúvida, foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse.

Agradeço a minha família, meu marido Edivaldo Jonath, meus filhos Ana Luiza Lage Schineider Jonath e Wallysson Schineider, minha mãe Ana Lage e meus irmãos. Estas pessoas sempre acreditaram em mim e sempre me incentivaram a lutar pelos meus propósitos e objetivos. Durante as viagens constantes que realizei para o Amazonas, foram elas quem me ajudaram e me deram o apoio logístico necessário.

Agradeço as minhas amigas de Manaus, Luciane Campos e Suellem Barroso, pelas inúmeras discussões e conversas que tivemos, por me fazerem entender que a natureza de um trabalho acadêmico é sempre uma relação e, que este, deve estar a serviço da coletividade. Agradeço ainda à família “Mesquita” por ter me hospedado em sua casa com tanto carinho e por fazer sentir-me membro da família.

Agradeço aos professores do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Agradeço também a minha amiga Edna Rodrigues de Almeida por mais uma vez ter demonstrado cumplicidade para com a nossa amizade, por ter se dividido entre as inúmeras tarefas que possui como professora de língua portuguesa nas escolas da rede particular de Belo Horizonte e à correção deste trabalho.

Durante os dois anos e meio em que me dediquei a essa pesquisa, algumas pessoas foram imprescindíveis para que ela se realizasse. Essas pessoas merecem destaque especial porque sem elas, provavelmente, este trabalho não teria trilhado os caminhos que trilhou, e não teria alcançado os resultados que alcançou. Essas pessoas agiram individualmente, cada uma dando sua parcela de contribuição e, juntas, me ajudaram a concretizar essa etapa importante da minha vida. Por isso as agradeço!

PROF. DR. ANTONIO EMILIO MORGA - O que dizer para você meu querido orientador? Você ensinou-me que o trabalho acadêmico deve ser escrito com paixão, ora fez-me sentir uma mulher em plena floresta amazônica vivendo o dia a dia em um seringal, ora ensinou-me a olhar o seringal de longe e analisar as experiências vividas por aquelas mulheres como expectadora, ora tirou-me completamente da mata e fez-me analisar aquelas situações com base em discussões teóricas. Os conhecimentos que adquiri através de suas orientações ficarão para vida inteira, serão utilizados em outras pesquisas e, certamente, passarei para meus futuros alunos. Hoje, faltam-me palavras para agradecê-lo.

Obrigada pela sensibilidade, o carinho e a segurança necessária que me possibilitou concluir esse trabalho, muito Obrigada!

DAVI AVELINO LEAL - Procurei o Davi por meio de indicação de amigos. Na época ele estava concluindo o mestrado em Sociedade e Cultura da Amazônia e desenvolvia uma pesquisa sobre as relações de poder nos seringais do Rio Madeira 1880 - 1930. Com um tema e um recorte cronológicos próximos a minha pesquisa, Davi me ajudou consideravelmente no desenrolar do meu trabalho, informou-me sobre os locais de pesquisa no Amazonas, apresentou-me a biblioteca da UFAM e falou-me sobre diversas fontes de pesquisa. Sua ajuda naquele primeiro momento foi de suma importância, pois deu direcionamento a algo que ainda estava sendo construído, muito obrigada!

MARIA DAS GRAÇAS CALDEIRA- Conheci a Graça na biblioteca do Fórum Enoque Reis, em Manaus. Na época ela trabalhava como bibliotecária e assim que nos vimos logo nos reconhecemos, pois éramos duas mineirinhas no calor intenso do Amazonas. Maria das Graças intermediou junto ao Juiz para que eu conseguisse a autorização que obtive para pesquisar nas dependências do depósito público do Fórum Enoque Reis. Sem esta ajuda, provavelmente eu não teria tido acesso à maioria das fontes utilizadas nesse trabalho, muito obrigada!

EDIMEIA VAZ DE MELO PIZZANNI- Bibliotecária do departamento de Belas Artes da UFMG, priminha do coração, ajudou-me no empréstimo dos livros que precisei para realizar essa pesquisa. Sempre disposta, fazia pesquisas semanais nas bibliotecas da FAFICH e Belas Artes. Sua ajuda foi fundamental para que eu tivesse acesso aos livros que me ajudaram a promover as discussões teóricas desse trabalho, muito obrigada!

“E por fim, mas não por último, agradeço a Deus, porque sem a permissão Dele nada disso teria acontecido”

POEMA*: *O HOMEM E A MULHER

O homem pensa.
A mulher sonha.

Pensar é ter cérebro.
Sonhar é ter na fronte uma auréola.

O homem é um oceano.
A mulher é um lago.

O oceano tem a pérola que embeleza.
O lago tem a poesia que deslumbra.

O homem é a águia que voa.
A mulher, o rouxinol que canta.

Voar é dominar o espaço.
Cantar é conquistar a alma.

O homem tem um farol: a consciência.
A mulher tem uma estrela: a esperança.

O farol guia.
A esperança salva.

Enfim, o homem está colocado onde termina a terra.
A mulher, onde começa o céu!

Victor Hugo

Resumo:

A presente dissertação tem como objetivo analisar as experiências vividas pelas mulheres nos seringais do Amazonas, no final do século XIX e inicio do XX. Objetiva-se compreender quais foram as alternativas de sobrevivência encontradas pelas inúmeras mulheres que habitaram a floresta, para dar conta da vida e do cotidiano que a elas se apresentou. Nessa direção, caminhamos em busca da mulher casada, viúva, solteira, amasiada, amante, feiticeira, índia, seringueira, rica, pobre, mãe, esposa e filha. Procuramos discutir algumas das experiências vividas por estas mulheres em um espaço tido como território masculino, o Seringal.

Para entendermos as histórias e o cotidiano destas mulheres trabalharemos à luz da investigação histórica fazendo uso de documentos como jornais, processos de habilitação de casamento, inventários, processos criminais e acordos civis.

PALAVRAS CHAVE – Mulher, Seringal e Floresta

Abstract:

This dissertation aims to analyze the experiences of women in the Amazon rubber plantations in the late nineteenth and early twentieth centuries. It aims to understand what were the alternatives of survival faced by many women who lived in the forest and how they lived an everyday life. By this direction, we searched all kind of women situation, like: married, widows, unmarried, cohabitating, lover, witch, Indian, employee of rubber plantation, rich, poor, mother, wife and daughter. We discuss some of the experiences of these women in an area regarded as male territory. The rubber plantation.

In order to understand these stories and their daily lives, we proposed to work in light of historical research using documents such as newspapers, procedures clearance wedding, inventories, criminal and civil agreements.

KEY WORDS – Women, rubber plantation and forest

Sumário:

Considerações Iniciais:

A história foi por um bom tempo escrita no masculino. Desta forma, uma vastidão de objetos, coisas e sujeitos ficaram soterrados. É o caso, por exemplo, da história das mulheres, do negro, do índio, da criança, entre outras. Esses "excluídos", parafraseando Michelle Perrot, só tiveram notoriedade para os historiadores a partir de 1929, quando se inicia, na França, um movimento que tem como um dos objetivos questionar a história fatalista, centrada nas idéias e decisões de "grandes homens", em batalhas políticas e em estratégias diplomáticas. História que até então vinha sendo praticada pelos historiadores.

A necessidade de uma história mais abrangente e totalizante não podia se resumir apenas ao jogo do poder e era necessário abordar aspectos mais complexos da vida do homem. Nascia então uma necessidade de abordá-lo em sua maneira de pensar, agir e sentir. Desta forma, a história passou a penetrar nos hábitos, costumes, cotidiano, sexualidade, afetividade, matrimônio e na cultura, e foi aos poucos esbarrando nas pessoas simples que até então haviam sido esquecidas pela historiografia. É nesse contexto, que nasce a história das mulheres e foi nesse momento que os historiadores começaram a observá-la como um campo de pesquisa, e se debruçaram sobre esse objeto de estudo tão diverso em sua condição sócio-cultural.

No Brasil, as discussões em torno dos novos campos temáticos da história, principalmente o da história social, só chegou por volta de 1960, foi neste

período que os a história das mulheres começou a despontar no país. A partir daí elas se tornaram um grupo identificável, trazendo para as ciências sociais e humanas uma demanda cada vez maior de informações. Nessa época o país vivia a onda do movimento feminista, o que acabou contribuindo e reforçando a necessidade de estudos sobre a história das mulheres. "A onda do movimento feminista, ocorrida a partir dos anos 60, contribuiu ainda mais para o surgimento da história das mulheres[1]". Desde então, esse campo tão vasto da historiografia vem sendo explorado cada vez com mais intensidade, e a mulher vem sendo analisada em vários aspectos e âmbitos de sua vida.

O desenvolvimento da história das mulheres, articulando as informações no próprio terreno da historiografia, tem dado lugar a pesquisa de inúmeros temas. Não mais apenas focalizam-se as mulheres no campo do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, mas também introduzem-se novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a sexualidade e o corpo, entre outros[2].

Na Amazônia ou no Amazonas, esse processo foi um pouco mais lento. O avanço da historiografia regional em direção à história das mulheres levou um pouco mais de tempo para acontecer. As obras mais relevantes sobre as mulheres da região têm relativamente pouco tempo de publicadas e ainda são poucas se pensarmos nas inúmeras possibilidades de pesquisa que a região oferece. Dentre os trabalhos mais relevantes, destaco os trabalhos das sociólogas Heloísa Lara Costa[3] e Iraildes Caldas[4], mulheres pioneiras no estudo sobre "as mulheres na Amazônia e no Amazonas".

---

[1] SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: Domínios da História. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). Rio de Janeiro: Campus, 1997. p 275.

[2] Idem, p 280

[3] COSTA, Heloisa Lara Campos da. As Mulheres e o Poder na Amazônia. Manaus: EDUA, 2005.

[4] TORRES, Iraildes Caldas. As Novas Amazonidas. Manaus: Edua, 2005. 140p.

A história da extração da borracha foi e continua sendo um dos temas mais estudados e pesquisados pelos historiadores do Norte. Entretanto, o foco que eles têm dado às pesquisas tem sido direcionado para a história econômica da borracha, as relações de poder estabelecidas na mata ou a migração nordestina, sendo poucos os trabalhos que privilegiam a história das mulheres ou as relações de gênero nos seringais.

Uma das primeiras pesquisas que buscou revelar as experiências vividas pelas mulheres nos seringais surgiu por volta do ano de 1991. No contexto da historiografia tradicional, as mulheres não tiveram participação significativa na história da exploração do látex, e quando surgiam eram tidas apenas como "mercadorias", servindo somente para satisfazer os desejos e os anseios dos seringueiros que viviam "ardentes" e solitários na mata.

A mulher foi objeto cobiçado, sonho permanente do seringueiro isolado na floresta. O desejo de uma companheira feia, de qualquer cor, tamanho, idade, naturalidade, espécie moral, torturava o seringueiro.[5]

Desta forma, a visibilidade feminina nos seringais do Amazonas ficou ofuscada e o véu que a escondia começou a ser descortinado a partir de 1991, quando Ligia Simonian publicou na revista da coleção Eduardo Galvão "A mulher existe?", os primeiros resultados de sua pesquisa "*Mulheres Seringueiras na Amazônia Brasileira*: uma vida de trabalho silenciado". A partir daí, e ainda de forma bastante tímida, outros trabalhos foram surgindo. Em 1999 a historiadora Cristina Scheibe Wolff publicou sua tese de doutorado, "*Mulheres da Floresta*: uma história Alto-Juruá, Acre" (1890-1945). Esse trabalho revelou situações interessantes vividas pelas mulheres na mata, trouxe à tona questões importantes sobre a captura de mulheres durante o período de formação dos seringais, sobre a violência sofrida por elas, sobre a conjugalidade na mata, sobre as principais

---

[5] REIS, Artur César Ferreira. O Seringal e o Seringueiro. 2. ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. Governo do Estado do Amazonas, 1977. p 122.

atividades realizadas por elas e sobre a convivência delas com os inúmeros "personagens" históricos que habitaram os seringais do Acre no final do século XIX.

No ano de 2004, Mariana Ciavatta Pantoja lançou o livro "Os Milton" Cem anos de história nos seringais. Através desse trabalho a autora revelou a trajetória de uma família de seringueiros durante cem anos nos seringais dos mais remotos recantos da Amazônia, nas derradeiras cabeceiras do rio Tejo, o último afluente importante do rio Juruá. Seu trabalho é também um dos mais relevantes sobre este tema e tem contribuído e incentivado novas pesquisas na área.

Tanto o trabalho de Ligia Simonion quanto o da historiadora Cristina Sheibe Wolff e de Mariana Ciavatta Pantoja foram trabalhos realizados através de um criterioso estudo de campo e baseados nas ferramentas oferecidas pela história oral. Os resultados desses trabalhos trouxeram importantes contribuições para a história no que tange à vida, o cotidiano e à cultura das mulheres nos seringais. Mas são pesquisas que enriquecem o debate sobre as historias de vida das mulheres que viveram nos seringais do Acre, porque foram trabalhos realizados em regiões de fronteira entre o Acre e o Amazonas, enfocando mais a região Acreana. Estudos sobre este tema voltados para o Amazonas, ainda carecem de pesquisas. Se pensarmos nos inúmeros seringais que existiram ao redor dos extensos rios Amazônicos, nas inúmeras experiências que ainda não foram relatadas e reveladas pela história, podemos dizer que ainda temos um campo fértil a explorar, imensos "rios a transpor" e inúmeras histórias a contar.

Esse trabalho nasceu da vontade de explorar essas histórias, é talvez, o primeiro trabalho sobre as mulheres nos seringais dos rios Negro, Purus e Madeira. É uma proposta que busca mexer e remexer no passado e assim revelar histórias que até então não foram contadas. Muito mais do que resgatar a identidade das mulheres nos seringais do Amazonas, busca-se reverter um processo de "invisibilidade", uma vez que não existem registros e relatos sobre elas, é um trabalho que se propõe lançar um olhar sobre essas mulheres e, a partir deste olhar, compreender como elas viveram, como se comportaram e como organizaram suas vidas no momento em que a floresta se transformou em um palco observado e disputado pelo mundo.

Tudo começou no ano de 2007, quando iniciei meus estudos sobre esse tema e percebi que ainda haviam inúmeras lacunas a serem preenchidas. Nesse ano, elaborei o projeto de pesquisa com o título “Um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas” e em 2008 dei início à pesquisa como mestranda em história pela Universidade Federal do Amazonas. A partir de então, saí em busca de fontes, documentos e vestígios que indicassem um caminho, um rumo em direção a essas mulheres.

Considerando que os poucos trabalhos que existiam sobre elas até aquele ano foram realizados através de uma série de entrevistas feitas com as mulheres na mata, pensei que seria difícil encontrar vestígios documentais sobre as mulheres nos seringais. No entanto, para a minha surpresa não foi preciso vasculhar os documentos nem tão pouco buscar nas entrelinhas dos textos suas histórias e experiências. Elas estavam lá, à vista de todos, se mostrando e se exibindo como se dissessem “sempre estivemos aqui”.

Alguns jornais que circularam as regiões dos principais seringais do Amazonas no final do século XIX, trazem colunas diárias revelando aspéctos da vida e do cotidiano das mulheres na mata, principalmente daquelas que faziam parte da elite da borracha. Trazem também informações sobre a moda e a influência parisiense no jeito de se vestir e de se comportar dessas mulheres, além de revelar aspectos dos encontros sociais freqüentados por elas. Os processos criminais relatam histórias de violências sofridas e praticadas por mulheres nos seringais, revelam momentos em que essa mulher traiu, enganou, seduziu e por isso foi vítima da violência masculina e revelam também, momentos em que ela armou, planejou e praticou violência contra o homem. Os processos de habilitação para casamentos relatam experiências vividas pelos casais ao buscarem efetivar o matrimônio, apontam as dificuldades enfrentadas por aqueles que não tinham condições de efetivar o casamento. Os inventários ou pedidos de prorrogação para inventariar, apontam os principais problemas enfrentados pelas mulheres ao ficarem viúvas, os acordos civis, trazem relatos de situações onde as mulheres viúvas buscaram solucionar problemas pendentes deixados pelos maridos e assim garantirem os bens aos filhos.

Tais documentos que se encontram espalhados pelos arquivos do Amazonas, dentre eles destaco o IGHA – Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas, Museu Amazônico, Fórum Enoque Reis e Palácio da Justiça, são documentos que revelam detalhes das histórias vividas pelas mulheres nos seringais, e contradizem a historiografia tradicional que nega a participação delas no processo de extração da borracha nos seringais do Amazonas.

Após analisar e organizar as informações encontradas nos documentos, formulei os capítulos da seguinte forma: o primeiro traz o título: *"História de vida e História de mulheres: seringais e imagens femininas"*, e aponta as imagens que os periódicos fizeram a respeito do comportamento da população feminina nas vilas e comarcas próximas aos seringais, aborda o comportamento daquelas mulheres que preferiram não adentrar a mata e escolheram ficar onde havia um pouco mais de urbanidade, onde o trânsito de pessoas era maior e grande parte dos "trâmites" envolvendo a borracha acontecia. Em um primeiro momento, tento verificar como o olhar masculino lia e construía as condutas afetivas dessas mulheres, abordo aspectos referentes à moda, à sexualidade, à sociabilidade, ao amor, à festa, à urbanidade, à moral, ao pudor, à afetividade e ao recato. Em um segundo momento, abordo aspectos da vida e do cotidiano daquelas mulheres que viveram na mata, que tiveram suas vidas marcadas pelos perigos reais e imaginários da floresta. Neste contexto falo das índias, das prostitutas e das mulheres que exerceram inúmeras funções na mata.

No segundo capitulo, *"Na tessitura do vivido: casadas, viúvas e amasiadas"*, analiso como se davam as relações conjugais nos seringais do Amazonas. Procuro mostrar como viviam as mulheres na condição de casadas, de viúvas e de amasiadas. Aponto que nem sempre o modelo de relacionamento estabelecido pelo discurso burguês, baseado na união formal, na mulher vivendo para o lar, para o marido e para os filhos, encontrava ressonância no dia a dia das mulheres nos seringais do Amazonas. As dificuldades enfrentadas para oficializar o casamento acabavam gerando um alto índice de mulheres vivendo na condição de amasiadas. Analiso também alguns aspectos envolvendo moradia e vida social, apontando as diferenças nos estilos de construção, entre as casas das mulheres que viviam na capital, nas vilas e comarcas e nos seringais. Ressalto ainda que

algumas mulheres casadas, por viverem as transformações sociais ocorridas no Amazonas no final do séc. XIX, "romperam" com o lar e passaram a freqüentar e a promover encontros sociais ou até mesmo a ocuparem determinados cargos públicos.

No terceiro capitulo: *" casos de amor: sedução, amores e violência"*, analiso quatro casos de amor e violência envolvendo mulheres dos seringais. Discuto a questão da honra, do ciúme e da traição. Aponto os principais motivos que disparavam a violência e revelo que a violência atravessava os seringais em todos os níveis sociais. Desta forma, patrão, seringueiro, regatão, comerciantes, mulheres e crianças, todos estavam sujeitos a praticar ou a sofrer violência na mata.

Este trabalho é mais um dos trabalhos que busca contribuir com este campo tão vasto da historiografia, que é a história das mulheres. É um trabalho que tem a pretensão de unir-se aos poucos trabalhos que existem sobre as mulheres nos seringais do Amazonas e, desta forma, contribuir para trazê-las à luz da história. Busca reverter um processo de invisibilidade e, através deste processo, dar vida, cor, sentimento, gestos e palavras a essas mulheres que se encontravam soterradas em um passado distante e esquecidas.

Capítulo I

Tolo do homem que
queira saber o
que se passa no
coração
feminino.
Machado de Assis

História de vida e Histórias de mulheres: seringais e imagens femininas

Imensas áreas de florestas entrecortadas por belíssimos rios repletos de peixes e animais selvagens por todos os lados. Em um exuberante mundo de plantas, ervas e árvores de várias tonalidades de verdes, que ofuscava o olhar de quem se atrevia a olhar para dentro das entranhas da floresta virgem, que começava logo ali ao alcance dos pés e das mãos.

Lugar de clima quente, sol escaldante, luares intensos, lendas, medos, amores, fantasias, misticismos, ventos avassaladores, chuvas torrenciais e gente de diversas paragens. Foi em meio a essa natureza viva, cheia de sonhos e esperança por dias melhores que se constituíram e se constituíam os seringais.

Por volta de 1870, aproximadamente, começaram a surgir os primeiros seringais no Amazonas. Anteriormente, a borracha era colhida na região, pelos índios que trocavam as "drogas do sertão" por mercadorias. Somente a partir de 1870 quando a maciça migração nordestina atingiu o Amazonas é que os seringais surgem com a forma de organização gerencial – econômico-administrativo e política.

A floresta e seu entorno começam a experimentar e a vivenciar o movimento do rio e seus afluentes. Intrusos a bisbilhotar as partes mais íntimas das árvores virgens. De dentro dos seus segredos, fartamente jorra o látex branco que impulsiona o capitalismo internacional. A floresta se transforma:

> Extensa área de floresta, administrada por um patrão, que coordenava a produção da borracha, mediante arrendamento de estradas de seringa a seus fregueses: os seringueiros.[6]

Seduzidas pela borracha, milhares de pessoas migraram para o Amazonas em busca de uma vida melhor. A possibilidade de educar os filhos e de possuir determinados bens atraiu estes migrantes. Milhares deles abandonaram seus lares, suas cidades, amigos, compadres, familiares e partiram rumo ao novo eldorado – o Amazonas.

Acalentando dentro de si o sonho de acumular alguma riqueza, como possuir um pedaço de terra ou um roçado de onde tirar o alimento e ver os filhos ao redor da casa a pularem de um lado para outro, gritando e correndo, eram anseios que impulsionavam homens e mulheres em busca de seus sonhos, de suas esperanças e realizações.

Boa parte da literatura amazonense que trata desse período tende a dizer que inúmeros homens que foram para trabalhar diretamente na produção da borracha, como seringueiros, foram sozinhos, deixando mulheres e filhos em sua

---

[6] WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 21.

paragem de origem. Esse fato, explica, em parte, a escassez de trabalhos sobre a visibilidade feminina nos seringais.

Entretanto, essa mesma literatura também indica que os homens que vieram em uma posição melhor, como patrões, profissionais liberais, cultores de letras e comerciantes, em sua grande maioria se fizeram acompanhados por mulheres e filhos, só que nem todas elas adentraram na mata, muitas preferiram estabelecer suas moradas nos "grandes centros" ou nas comarcas mais próximas aos seringais.

Heloiza Lara[7] nos aponta informações interessantes acerca do processo migratório para os seringais da Amazônia, mostrando por meio de dados que não houve tanta disparidade entre o número de homens e de mulheres que migraram para as regiões do Amazonas e do Pará nos períodos de 1872 a 1920.

Amazonas	Pará
Media proporcional por sexo	Media proporcional por sexo
45,49% mulheres	48,80% mulheres
54,51% Homens	51,20% homens

Fonte: Censo Nacional Amazonas

Compreende-se por esses dados que o fato de não haver mulheres em número expressivo nos seringais, não foi porque elas não migraram para essas regiões de extração da borracha. Talvez alguns historiadores não tenham percebido que algumas mulheres optaram por morar nas cidades ou comarcas mais próximas aos rios. Nossa hipótese é de que alguns historiadores esqueceram ou não privilegiaram a leitura sobre a presença feminina.

---

[7] COSTA, Heloisa Lara Campos da. As Mulheres e o Poder na Amazônia. Manaus: EDUA, 2005, p. 97.

Neste capítulo interessa-nos investigar os registros que os periódicos do Amazonas fizeram a respeito do comportamento da população feminina nos seringais, vilas e comarcas no decorrer dos séculos XIX e XX. Rastreando as crônicas, os artigos, os anúncios, as notas de aviso, as propaganda de lojas e de armarinhos como fonte de investigação, tentaremos verificar como o olhar masculino lia e construía as condutas afetivas das mulheres que viveram em função dos seringais. Em um primeiro momento, trabalharemos parte da bibliografia que privilegiou a discussão sobre moda, sexualidade, sociabilidade, amor, festa, urbanidade, moral, pudor, afetividade e recato. No segundo momento, revelaremos algumas das experiências vividas pelas mulheres índias, prostitutas e migrantes nos seringais do Amazonas.

Não podemos nos esquecer de que os textos produzidos na localidade e publicados nos jornais dialogavam com os hábitos da comunidade em que estavam inseridos. Nesse caso, a narração das práticas femininas de comportamento não se distanciava nem da existência do narrador, nem dos personagens constituídos pelos discursos.

A vivência dessas mulheres nessas localidades trouxe de certa forma ares de urbanidade e de sociabilidade ao mesmo tempo em que trouxe a visibilidade feminina para os seringais, lugar, muitas vezes, descrito como inóspito e apresentado como território masculino.

Desde a elevação da Comarca do Alto Amazonas à província do império em 1850, iniciou-se o processo de criação de todas as comarcas que se espalhariam pelo interior do Amazonas. Segundo Etelvina Garcia[8], a segunda comarca a ser criada foi a de Tefé, a terceira a de Parintins, em 1858, e assim sucessivamente.[9]

---

[8] GARCIA, Etelvina. O poder judiciário na história do Amazonas. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado de Governo/Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas, 2002, p. 31.

[9] A década de 1870 marcou um crescimento da população em decorrência do surgimento dos seringais e inúmeras comarcas foram se espalhando pelo interior do Amazonas.

De acordo com a lista de comarcas e termos do Estado do ano de 1930, o Amazonas já possuía, nesse período, em torno de quinze dessas instituições – Itacoatiara, Parintins, Maués, Manacapurú, Coary, Teffé, Javary, São Felippe, Lábrea, Floriano Peixoto, Manicoré, Humaythá, Porto velho, Rio Negro, Rio Branco – não entrando no cômputo as da comarcas da capital.

Toda a organização político-administrativa dos seringais se localizava nas comarcas, onde se processavam as vendas, as compras e os acordos sobre toda a borracha produzida nos rios. Gerando com isso um intenso comércio entre o seringal e as comarcas.

Movidas por uma diversidade de motivos, algumas mulheres, como demonstra a documentação e a literatura analisada, optaram por estabelecer suas residências nas cidades, vilas e comarcas. Todavia isso não significa dizer que havia ausência delas nos seringais. Ao contrário disso, a presença feminina se deu de forma constante no labor cotidiano desses locais.

O tráfego de pessoas nesses lugares era intenso. Na imensidão dos rios amazonas, os navios se entrecruzavam trazendo trabalhadores, crianças, mulheres (mãe, esposa, filha, prostitutas), comerciantes, seringalistas com interesses múltiplos que desembarcavam diariamente nos portos improvisados nas encostas dos barrancos. Quando as embarcações atracavam, o burburinho aumentava promovendo a agitação do lugar.

As viagens nos vapores que cruzavam os rios, levando e trazendo mercadorias e pessoas, eram em sua grande maioria longas e levavam dias e dias até alcançarem o destino. Nesse percurso faziam-se amizades, liam-se romances, faziam-se festas, jogavam-se cartas, dormiam-se em redes, firmavam-se acordos comerciais, além das longas conversas sobre política e sobre os últimos preços da borracha na região.

No interior desses vapores, na perspectiva de amenizar a cansativa viagem, observamos a narrativa de um viajante, publicado no Jornal Alto Madeira, sobre os acontecimentos ocorridos em um trecho da viagem – Manaus-Humaitá – no vapor “Madeira Mamoré”. Conta o viajante que os passageiros

saíram de Manaus na noite do dia 10 de dezembro de 1920, na ansiedade de logo ver a manhã redentora chegar:

> As onze e trinta da noite do dia 10 de dezembro, deixamos o porto de Manaos e singrando as águas do rio Negro o 'Madeira Mamoré' como sempre, veloz e altaneiro devorava milhas na anciã de chegar a porto de destino.[10]

Logo após, alguns comprimentos e um distraído e inocente carteado entre cavalheiros, pois a essa altura da noite algumas damas já tinham se recolhido e o restante do grupo que ficara se distraindo em longas conversas se dirigiram aos seus camarotes em busca do repouso necessário:

> [...], às onze e trinta da noite, como saíram tarde, recolheram-se ao camarote para descansar, os passageiros somnolentos e com o tédio próprio de um dia de viagem, recolheram-se aos respectivos camorotes, procurando o repouso.[11]

Ao acordarem bem cedo e aos cumprimentos dos amigos saborearam o delicioso café da manhã, enquanto o pequeno navio deslizava firme e silencioso sobre as águas do majestoso Rio Madeira.

Nesses cafés matinais, tendo ao fundo e ao lado o imenso rio, homens e mulheres trocavam laços de intensa cordialidade, sociabilidade, gentilezas, afetos e encontros furtivos – amorosos ou não.

> No dia imediato muito cedo ao barulho da embarcação estavam todos de pé, trocando os cumprimentos materiais e saboreando o excellente café que o Raul fornece a seus passageiros.[12]

---

[10] Jornal O Alto Madeira, 11-12-1922.

[11] Idem.

[12] Idem.

Ao continuar sua narrativa o viajante relata que para o dia seguinte, corria rumores e bochichos entre os passageiros de que haveria uma grande festa de aniversário de um conceituado comerciante que se encontrava a bordo.

> Para o dia immediato anunciava-se um grande acontecimento a bordo. O aniversario natalício do Sr; Anthero Rica, conceituado comerciante e capitalista no logar denominado Manauense, município de Humaythá.[13]

E ao finalizar seu relato, entre baforada de charuto e hálito de vinho, assevera que tudo ocorrerá dentro dos princípios da sociabilidade e urbanidade. Embalados nessas longas viagens, milhares de pessoas atravessavam os rios do Amazonas, rumo às cidades e às comarcas, cada um em busca dos seus sonhos, ansiedades, lágrimas, encantos, desencantos, mas com a certeza inabalável da conquista de fama e riqueza proporcionada pela exploração da borracha que corria solta pelos igarapés e rios da fértil e próspera região do Amazonas.

Poder-se-ia dizer que embalados pelos seus sonhos e diante deles homens, mulheres e crianças de diversas procedências sociais, econômicas e culturais se lançaram na doce aventura de desbravar e desvirginar a floresta farta e abundante de prazeres e riquezas. Por ela e nela, homens e mulheres se entregaram em busca dos seus mais secretos sonhos e desejos.

O trânsito de mulheres nessas comarcas era intenso. Além das que residiam no local, via-se constantemente grupos de mulheres ou até mesmo mulheres sozinhas, levando pelas mãos o filho caçula a choramingar pedindo doces, transitando pelas ruas tortuosas das pequenas vilas ou comarcas. Também se encontravam nesse intenso burburinho àquelas que estavam de passagem pela região, visitando familiares, adquirindo os produtos das lojas, vendo as últimas novidades em tecidos e artigos de luxo, ou, simplesmente passeando.

As mulheres pertencentes à insipiente burguesia amazonense, oriunda do comércio da exploração da borracha, possuíam privilégios em relação às

---

[13] Idem.

mulheres pobres. Além de terem destaque na iconografia, existe uma farta documentação sobre elas, possibilitando assim o resgate de suas histórias. Na iconografia é comum vermos imagens de mulheres debruçadas nas janelas dos barracões, com olhares vagos para o terreiro, onde geralmente ficavam os homens em volta das grandes pélas[14] de borracha.[15]

Essas imagens buscam reproduzir a idéia de que possuir uma mulher no seringal era privilégio reservado apenas aos patrões, aos donos dos barracões, quando muito, privilégio somente daqueles que possuíam condições de mantê-las nos seringais.

Nos jornais, bailam constantemente notícias sobre os encontros sociais frequentados por elas, anúncios sobre casamentos e óbitos, dicas de saúde e beleza, além de trazerem as últimas tendências sobre a moda de Paris, que influenciava as mulheres que viviam no entorno dos pequenos e grandes seringais.

O mundo feérico se apresentava ao mundo feminino que habitava a cercanias da floresta com o fetiche dos ares da modernidade que adentrava a mata pelas correntezas dos seus rios.

Paris do século XIX e início do século XX não encantava somente pelos traçados de suas ruas, avenidas e luzes que piscavam na imaginária de quem acalentava o sonho de um dia experimentá-la. Paris instigava pelo voar de sua civilidade trazida radiante pela Belle Époque que penetrava pelos recônditos mais distantes e secretos da sociedade amazonense. A feminilidade amazonense não se encontrava imune ao canto da sereia. Pelo contrário, encantava-se pela moda que a cidade das luzes ditava.

> Paris é a cidade da moda, é a única parte do nosso globo que dá o verdadeiro tom, a nota sonante e harmoniosa ao coquetismo mundial, nos adornos femininos que tendem a prender o sexo contrario, enleando-o nas múltiplas esquisitas e

[14] Bola de borracha.

[15] Ver: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. No tempo dos seringais. RODRIGUES, Marly; PAES Maria Helena Simões (Coords.). São Paulo: Atual, 1997.p.13.

> sedutoctoras vestes, talhadas pela arte e traços seductores.[16]

Acompanhar a moda de Paris representava para a mulher da mata um exemplo de sofisticação e bom gosto, afinal elas tinham que aparecer bonitas nos bailes, nos encontros sociais, ao lado dos maridos, dos pais, dos filhos e dos pretendentes que geralmente eram patrões, coronéis, cultores das letras, filhos, profissionais liberais ou grandes comerciantes.

> A cidade do século XIX é um espaço sexuado. Nela as mulheres, se inseriam como ornamentos, estritamente disciplinadas pela moda, que codifica suas aparências, roupas e atitudes, principalmente no caso das mulheres burguesas cujo lazer ostentatório tem como função mostrar a fortuna e a condição do marido. Atrizes no verdadeiro sentindo do termo, elas desfilam nos salões, no teatro ou no passeio público, [...].[17]

Inserido no mundo cosmopolita o mundo que constituía os seringais na medida do possível se integrava aos ventos de urbanidade, sociabilidade e de civilidade que varria a Europa. E na medida da prosperidade do comércio da borracha os comerciantes locais faziam de tudo para atender às necessidades das demandas de consumo oriundas dos seringais.

As lojas, para satisfazer sua clientela, apresentavam constantemente as últimas novidades em tecidos e artigos de luxo que enchiam os olhos das mulheres. Nas páginas dos periódicos locais proliferavam anúncios sobre uma gama de produtos como, por exemplo, este da loja “Modas e Confecções”, situada na comarca de Sena Madureira, na oportunidade a loja anuncia que aceita encomendas para enxovais, batizados e casamentos. O final do século XIX e início do século XX marca uma época em que era muito comum entre as mulheres da elite encomendar a uma modista seus belos vestidos ou até mesmo seus enxovais.

---

[16] Jornal O Alto Madeira, 11-12-1922.

[17] PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins (Org.). Revista Brasileira de História: A mulher no espaço público. São Paulo: ANPUH\Marco Zero, n. 18, v. 9, ago./set. 1989, p. 10.

> *Modas e Confecções* – A casa Marie vende artigos finos para senhoras e senhoritas, interessantes creações cariocas. Madame Mansourt, modista. Acceita encommendas de enxovaes para baptizados, casamentos, etc. Rua Purus.[18]

Umas das mais conceituadas lojas femininas da região de Lábrea, lugar de grande concentração de seringais chamava-se Casa Catiana. Por meio das páginas do jornal "*Alto Purus*", ela anunciava à sua distinta clientela que suas prateleiras e seu estoque encontravam-se repletos de grande sortimento para atender às senhoras de fino trato.

> Vestidos de sêda parisiense, vestidos brancos e de cores, espartilhos ultima moda, meias de sêda e fio de escossia, fitas de velludo e de sêda, rendas de crepú e de sêda ultima moda, sombrinhas de sêda, diversas côres, bolsas, bordados, ligas de galão de sêda, tafetá de sêda, luvas de sêda e algodão, camisa, camisões e combinações, anagoas, matinées, saia de casemira. [19]

Em suas páginas, esse mesmo jornal anunciava para sua encantadora freguesia o que as lojas acabavam de receber, como um grande sortimento de luvas, chapéus, tecidos finos, seda, meias, sapatos, uma variedade de pulseiras e água de cheiro, tudo vindo da cidade das luzes. Segundo esse anúncio, esses artigos eram para mulheres de requinte e bom gosto.[20]

Em 11 de abril de 1915, o comerciante Francisco Barreira Nana, estabelecido na Rua Amazonas, anuncia por meio das páginas do jornal "*Alto Purus*" que seu estabelecimento acabara de receber um grande sortimento de mercadorias de diversas procedências, tudo por preços cômodos:

[18] Jornal O Alto Purus, 28-02-1915.

[19] Jornal O Alto Purus, 30-01-1915.

[20] Jornal O Alto Purus, 18-08-1914.

> [...], previne aos seus freguezes que acaba de receber optimo sortimento de calçados, chapéos, camisas para senhoras e homens; rêdes, brins especiaies, aqrreios para sellas, tinta e óleo, gasolina e muitos outros artigos.[21]

Apesar de viverem na solidão da mata, as mulheres que habitavam nas cercanias das comarcas ou no entorno dos seringais se apresentavam em diversas oportunidades sociais, políticas e culturais com requinte e esmero. Contavam com a "cumplicidade" de um comércio que oferecia uma multiplicidade de bens de consumo que no entendimento das mulheres as deixavam sempre em dia com a *coquetterie*. Porque, além do se vestir bem, a moda suscitava no imaginário das mulheres mais abastadas certa distinção social:

> [...], a moda corresponde ao desejo de distinção social. A maior parte das leis suntuárias atestam a intenção, [...], de manter as distinções de classe sobre as quais a sociedade repousava. [22]

Não podemos nos esquecer, lembrando Gilda de Mello e Souza, que a distinção social por meio do vestuário, a partir do século XV ganha outro sentindo:

> [...], descobriu-se que as roupas poderiam ser usadas com um compromisso entre o exibicionismo e o seu recalque (a modéstia). Desde então, [...], a de devassar o corpo, fazendo com que o exibicionismo triunfe sobre o pudor, o instinto sexual, [...].[23]

Instigante por suscitar no seu leitor e leitora certa inquietude, foi a nota publicada no jornal "*Alto Madeira*", por criticar os modos e o vestuário feminino de algumas moiçolas casamenteiras, e distintas senhoras que compareceram na

---

[21] Jornal O Alto Purus, 11-04-1915.

[22] SOUZA, Gilda de Mello. O Espírito das Roupas: A Moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 47.

[23] Idem, p. 93.

domingueira na residência de um dos mais abastados seringalista com vestidos que segundo o cronista eram insinuantes em demasia, deixando transparecer a opulência dos fartos colos e formas anatômicas que se tornava incomodo aos olhares desprevenidos. Diz ainda que certas modas e modos mais se aproximam das moças alegres parisienses que de tempos em tempos sobem ou descem o rio para refrescar os mais baixos instintos carnais de pobres homens que passam a vida na lida da extração da borracha.[24]

Insinuações sobre os modos, a moda, a afetividade, a sociabilidade e a sexualidade feminina transpareciam com certa frequência nas páginas dos jornais. Sempre alertas, aos baluartes da moralidade estavam atentos, vigilantes e questionando o comportamento que no olhar de quem vigia era considerado inconveniente:

> A mulher sem pudor é depravada, proclama Rosseau. [...]. E Rétif de La Bretonne diz: Renunciaste ao pudor do teu sexo; já não és uma mulher, o Homem já nada tem a ver contigo. [25]

O jurista Viveiro de Castro (1897), em seu estudo sobre a moral feminina, assevera que a vida moderna levava a mulher a romper com a antiga educação que a preparava para a maternidade e para a vida "na intimidade silenciosa do lar":

> [...], e hoje temos a mulher moderna, vivendo nas ruas, sabendo de tudo, discutindo audaciosamente as mais escabrosas questões, sem fundo moral, sem freio religioso, ávida unicamente de luxo e sensações, vaidosa e fútil, presa fácil e muita vez até espontaneamente oferecida à conquista do homem.[26]

---

[24] Jornal O Alto Madeira, 20 -01-1917.

[25] Apud BOLONGE, Jean Claude. História do pudor. Rio de Janeiro: Elfos Ed./Lisboa: Teorema, 1990, p. 11.

[26] RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 144.

O confinamento da mulher na intimidade do lar, teoria difundida por várias correntes no século XIX, tinha como objetivo implícito evitar a desagregação familiar. É importante observar que o discurso médico-higienista associava o crescimento urbano à dissolução dos usos e costumes. Desta forma, o pensamento médico e jurídico do século XIX fornecia argumentos para normatizar as práticas afetivas femininas.

> O século XIX, em especial, reforçou muitas concepções negativas e estigmatizantes sobre a condição feminina, principalmente ao recorrer a métodos supostamente científicos para provar sua inferioridade física e mental em relação ao homem.[27]

A reclusão, portanto, segundo os moralistas era apresentada como um meio para evitar a desonra. A mulher nos dizeres da cientificidade tratava de elaborar conceitos referentes ao viver feminino:

> A reclusão da mulher era, portanto, a melhor garantia para a sua honestidade e boa forma, como se a própria sociabilidade e a participação na vida da comunidade constituíssem outras tantas ocasiões de pecado.[28]

No transcurso do século XIX, aprisionadas pelos discursos morais, éticos, jurídicos, religiosos e sexuais, as mulheres se entretinham diante do bucólico tédio do mundo privado colecionando objetos que as remetiam a lembranças de um tempo de entregas secretas, ora aprisionando o rosto do amado de aventuras vividas, ora recordando por meio das lágrimas momentos experimentados.

> As mulheres têm paixão pelos porta-jóias, caixas e medalhões onde encerram seus tesouros: [...], permitem aprisionar o rosto amado, [...],

[27] Idem, p. 148-149.

[28] SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Sistema de casamento no Brasil colonial. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984, p. 69.

alimentam uma nostalgia indefinidamente declinada.[29]

Entretanto, não podemos inferir que no Brasil do séc.XIX, somente as mulheres pertencentes a burguesia acompanhavam a moda. Nas camadas populares a moda perfilava acentuando a sensação democrática nos usos e costumes como bem ressalva Gilda de Mello e Souza:

> [...], é no século XIX, quando a democracia acaba de anular os privilégios de sangue, que a moda se espalha por todas as camadas e a competição, ferindo-se a todos os momentos, na rua, no passeio, nas visitas, nas estações de água, acelera a variação dos estilos, que mudam em espaços de tempo cada vez mais breve.[30]

Porém, no recôndito da mata, a condição em que viviam as classes menos privilegiadas era de tamanha pobreza que algumas mulheres não tinham o que vestir, e muitas usavam roupas feitas com tecido de estopa e juta. Como relata o viajante Joaquim Gondim, ao descrever a condição em que encontrou algumas mulheres em viagem feita ao rio Purus.

> No baixo rio pude aquilatar do gráo de miséria dos habitantes penetrando em barracas onde muitas pessoas não appareciam, envergonhadas do seu estado de nudez. Muitas mocas pobres usam saias de estopa, e as que ano possuem este vestuário ridículo e attestador da miséria, cingem parte do corpo com o próprio cobertor que lhes serve durante o sono[31].

A sensação de igualdade, “lugar de expressão privilegiada”, a moda e o modo de se vestir expressavam essa “sensibilidade nova”, ou seja, essa maneira de ser e de estar inserido no mundo cosmopolita – “o desejo de purificar” o corpo, a alma, os usos e costumes de um cotidiano repleto de ambiguidades e inquietudes.

---

[29] PERROT, Michelle. Op. cit., p. 13.

[30] SOUZA, Gilda de Mello. Op. cit., p. 21.

[31] Relatório- Dois anos de saneamento no Amazonas, p 12

Assim nessa perspectiva, a principesca burguesia amazonense "segue sua carreira luxuosa num cenário adaptado aos próprios gostos e recursos".[32]

Podemos dizer que a moda ao mesmo tempo em que empresta certa distinção social também produz sensualidade, exageros e exibem mutações econômicas. A intimidade corporal passa a ser mostrada. O frescor da sociedade das aparências e das representações transita com leveza e graça pelos olhares que contemplam a graciosidade dos movimentos.

> Um dos princípios da moda parece ser o de que, uma vez aceito um exagero, ele se torna cada vez maior. Assim, no final da década, as saias armadas pelas crinolinas eram verdadeiramente prodigiosas, ao ponto de tornar impossível que duas mulheres entrassem juntas em uma sala ou sentassem no mesmo sofá, pois os babados dos vestidos ocupavam todo o espaço. A mulher era um navio majestoso navegando orgulhosamente na frente, enquanto um pequeno escaler – seu acompanhante masculino – navega atrás.[33]

Segundo Gilberto Freyre, no nordeste patriarcal, onde a vontade do homem sobre a mulher, cujo papel na vida masculina era ser um objeto ornamental, com a finalidade de se embelezar para aos olhos dos seus homens, os adornos "passaram a constituir testemunho do apreço dos homens" diante de suas mulheres que,

> [...], por suas graças físicas que deviam merecer o máximo de aperfeiçoamentos, através de artifícios que enfatizassem artisticamente os encantos naturais de condições especificamente feminina. [34]

---

[32] DIBIE, Pascal. O quarto de dormir: um estudo etnológico. Rio de Janeiro: Globo, 1988, p. 83.

[33] LAVER, James. A roupa e a moda: uma história concisa. São Paulo. Companhia das Letras, 1989, p. 178-179.

[34] FREYRE, Gilberto. Modos de homem & modas de mulher. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 42.

Outra característica formulada por Freyre para o gosto feminino pelos atavios é correlacionada à miscigenação sanguínea e aos aspectos socioculturais do Brasil patriarcal.[35] A essa reciprocidade de influências, na moda feminina, pode-se acrescentar,

> [...], a de adornos de Nossa Senhora e de santas, mulheres, que, de adornos de altar, passaram a ser adaptados a mulheres comuns, ou que, de mulheres comuns, foram transferidos ao status de adorno de santas.[36]

E é dentro desse cenário de luxo e de recursos que os seringais propiciaram que o periódico "*O Alto Purus*", em 25 de abril de 1915, em sua coluna de curiosidades trouxesse ao seu indulgente leitor algumas considerações sobre o uso de adornos:

> – Julgam as senhoras em geral que podem usar sem prejuízo continuamente as suas jóias, guarnecidas de pedras preciosas. Enganam-se, pois e tais condições as jóias se alteram profundamente.
>
> – As perolas finas, em especial, usadas sem discrição, amarelam, perdem o oriente e acabam positivamente morrendo. O brilho das pedras preciosas gasta-se a luz.
>
> – A esse respeito fizeram-se em Paris, experiências cujos resultados tornaram concludentes. Rubis e outras pedras preciosas foram colocadas uns expostos a luz e outros na obscuridade e ninguém durante dois anos lhes tocou.
>
> – Ao cão desse tempo, compararam-se as pedras referidas. As que tinham ficado na obscuridade estavam como antes da experiência; expostas a luz, tinham sofrido consideravelmente na cor e no brilho.
>
> – Quanto as opalas, são geralmente delicadas. O seu efeito prismático resulta das miríades de

---

[35] Ver MORGA, Antonio Emilio. Práticas Afetivas Femininas em Nossa Senhora do Desterro no século XIX. 1994. 200 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Setor de Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 1994.

[36] Idem, p. 43.

> ranhuras microscópicas existentes na pedra. E nas opalas usadas com demasia freqüência, essas ranhuras desfazem-se e em breve a pedra se torna completamente baça e apagada.[37]

O uso de joias nas manifestações de festa e fé religiosas por mulheres, ao que tudo indica, era constante nesses acontecimentos socioreligiosos. Contudo, como demonstra Mary Del Priore para além do ritual sacro, esses espaços se constituíam no imaginário popular:

> [...], também em espaços secularizados: pontos buliçosos de reunião, praças de congreçamento, palcos para a explosão da libido e até mesmo arenas de violência.[38]

E foi exatamente em uma briga não explicada por um cronista do jornal "*O Purus*", que no leilão em benefício da igreja de Nossa Senhora de Narareth na sessão de objetos perdidos anunciava-se:

> Gratifica-se com 50$000 a pessoa que tiver encontrado um anel de brilhante perdido no leilão de Nossa Senhora de Nazareth e fizer restituição nesta redação.[39]

Dias depois, o cronista insinuava pelas páginas do mesmo jornal que a peleja de sopapos e tapas ocorrera em virtude de um marido enciumado, diante dos gracejos trocados em confidências entre sua bela esposa e um charmoso galanteador da região. Insinuava ainda, o nosso cronista, que a bela morena-esposa se encontrava trajada em um lindo vestido azul marinho, vindo de Paris exclusivamente para a festa, de decote generoso, deixando transparecer os graciosos e fartos colos opulentos. E ao finalizar suas insinuações ele pergunta aos apreensivos leitores, que olhares atentos e observadores da beleza deixariam escapar tão imensa paisagem singela?

---

[37] Jornal O Alto Purus, 25 de Abril 1915.

[38] PRIORE, Mary Del. Deus da licença ao diabo: A contravenção nas festas religiosas e igrejas paulistas no século XVIII. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). História da Sexualidade no Brasil, p. 89.

[39] Jornal O Alto Purus, 30 -11-1915.

> No jogo de sedução que se estabeleceu não era importante quem seduziu ou quem era seduzido. Não havia vencedor ou vencido, mas duas pessoas que aprendiam a se conhecer. [...], uma longa abordagem amorosa que reclamava tempo, paciência e o prazer de uma sublime gradação feita também de espertezas e descaminhos para ficarem a sós.[40]

É interessante notarmos que a moda no Brasil no final do século XIX e início do século XX sofria forte influência da moda parisiense, sendo que seu ponto de chegada ao país era a cidade do Rio de Janeiro, que, por sua vez, ditava as tendências para as outras regiões do Brasil. Mas acompanhar a moda nesse período não era peculiar ao mundo feminino, como bem mostrou Antonio Emilio Morga ao pesquisar sobre a elegância masculina em Nossa Senhora do Desterro,[41] no século XIX. Sua pesquisa aponta que o traje masculino possuía na perspectiva do mundo burguês desterrense a representação e aparência das formalidades da nova urbanidade instaurada na sociedade desterrense do século XIX:

> A necessidade de estar bem trajado diante não somente das conveniências sociais, mas, sobretudo, diante das formalidades de um mundo público, requeria certos cuidados.[42]

Segundo o autor, esses cuidados com as aparências e representações requeriam o exercício constante diante de um mundo de mutações também constantes, onde as formas de desejos e encantos se davam em uma pluralidade de simbologias impregnadas de sentidos diversos.

> Simular o exercício das mutações excessivamente tediosas pelas ambigüidades corriqueiras de um cotidiano carregado de representações simbólicas de certa castidade homilias se colocava para os

[40] PRIORE, Mary. Del. Condessa de Barral: a paixão do Imperador. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 147.

[41] Nossa Senhora do Desterro – Atual cidade de Florianópolis.

[42] MORGA, Antonio Emilio. Nos subúrbios do desejo. Masculinidade e sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no século XIX. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009, p. 231.

modernos como aprendizado constante de um mundo cintilante de encantos, sonhos e desejos.[43]

Além dos jornais abrirem espaços para informações sobre o que havia de mais moderno a respeito da moda vinda de Paris, eles também publicavam constantemente em suas páginas, colunas com assuntos direcionados exclusivamente às mulheres. “Perfis Femininos” e “Saúde da mulher” são colunas que bailavam frequentemente nas edições do jornal “*O Alto Purus*”.

Essas colunas tinham como objetivo orientar as mulheres em uma diversificada gama de assuntos, aconselhando-as como se comportar diante de seu marido, encontros sociais, festas, eventos religiosos ou enaltecendo a beleza, singeleza das atitudes. Orientando em diversos procedimentos, essas publicações redefiniam a mulher idealizada pelos discursos que tinham como objetivo as clivagens de condutas femininas.

PERFIS FEMININOS:

Leitoras gentis.

Contam as lendas antigas que Maria Madalena fizera despertar no coração de Jesus todas as piedades e, todos os perdões.

Cada reflexo do seu olhar, cada expressão dos seus divinos lábios eram tradutores fieis da bondade e meiguice de seu jovem coração.

Pois bem, esta vossa amiguinha desperta ao coração de todos os sentimentos de adoração, a analyse perfeita e a consagração sublime da bondade e do affecto.

Vel-la na maior das simplicidades, olhos grandes, contemplativos brilhando scintilando sempre fixo, rosto de um moreno pálido e sympathico, é ver-se o retrato de quem resume ao espírito e ao coração. Tudo que traduz isso que significa Bondade e Belleza de sentimentos.

A perfillada de hoje é para suas amiguinhas, um relicário de graça e encanto, um cofre simples, porem feito de tanta sinceridade.

[43] Idem, p. 231.

> Por fim, ela tem em nome e em coração a mesma singeleza, o mesmo enquanto que aquella divindade tao falada pelas lendas antigas.
>
> E a Maria Magdalena que somente o Miguel Ângelo, este pintor notável soube traçar seu perfil.
>
> Lábrea, [44]
>
> *Jacintho Amores*

Contudo, como assevera Gilda de Mello e Souza, uma das características desses séculos foi a veiculação de uma série de manuais orientando as práticas de sociabilidade e de afetividade feminina. Nessa perspectiva os manuais de boas maneiras se proliferavam com o intuito de conciliar a arte da sedução com as regras de etiqueta, tendo como objetivo ensinar uma série de técnicas para orientar os contatos entre os sexos.

> [...], ensinando as mulheres como se portar diante dos homens, como aceitar a corte, aconselhando que as relações 'fossem estabelecidas com excessiva cautela', que as cabeças não se chegassem muito perto lendo o mesmo livro, que as moças 'não aceitassem sem necessidade o auxílio para se cobrir com a capa, o xale, calçar as galochas', etc.[45]

A atenção dada à mulher nos jornais tinha como uns dos objetivos as clivagens das condutas. Não se pode esquecer que a imprensa foi o grande veiculador dos dizeres e dos fazeres que a modernidade difundia diariamente por meio de crônicas, artigos, notas de advertências, anúncios e denúncias.

Nesse sentindo, os agentes da modernidade encontraram na imprensa um aliado para propagar os ideários do mundo burguês fundamentado na razão, no cientificismo e na civilidade, e ao circularem suas prescrições sobre o mundo urbano, a sociabilidade, a afetividade, a sexualidade, o pudor, a distinção, o comedimento, a economia dos gestos e das atitudes os amantes da modernidade –

---

[44] Jornal O Alto Purus, 5-02-1915.

[45] SOUZA, Gilda de Mello e. Op. cit., p. 92.

os ávidos por mudanças, impulsionados pelos dizeres – espalhavam sobre a tessitura do corpo social público e privado referências sobre o viver cotidiano.

Nada passava despercebido ao olhar que operacionalizava e administrava as transformações urbanas e de sociabilidade. Os discursos que afloravam nas páginas dos jornais no decorrer do século XIX orientavam a construção da sociedade civilizada e higienizada:

> [...], a sensibilidade profunda de um ser não se desvela senão em raros momentos, que é necessário saber apreender, observando-se incessantemente os outros e a si mesmo. [46]

Muitos periódicos traziam em suas edições poesias repletas de romantismo enaltecendo o amor e os eternos amantes e amores que povoavam o imaginário feminino. A literatura romântica difundida no transcurso do século XIX e metade do século XX enaltecia os amores impossíveis e irrealizáveis. Tratava-se de criar e decifrar signos e, diante desses olhares intensos, a imagem – doce da mulher amada.

O tom romântico fazia parte de novelas, poesias, artigos e crônicas veiculadas por meio da imprensa amazonense, denunciando práticas julgadas inaceitáveis pela elite ascendente local. E entre essas práticas, as correlacionadas com a afetividade feminina mereceu uma vigilância e um controle mais frequente nas páginas dos jornais.

Ao pesquisar sobre "Nossa Senhora do Desterro", atual cidade de Florianópolis, Antonio Emilio Morga[47] afirma que era corriqueiro, no decorrer do século XIX, encontrar na imprensa local informações sobre os modos de comportamentos femininos nos espaços públicos e privados. Essas informações

---

[46] VICENT-BUFFAULT, Anne. História das Lágrimas: séculos XVIII e XIX. Tradução de Luiz Marques e Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 167.

[47] MORGA, Antonio Emilio. Práticas Afetivas Femininas em Nossa Senhora do Desterro no século XIX. 200 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Setor de Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 1994, p. 163.

eram frequentes nos textos que prescreviam sobre o amor, fidelidade, sedução, asseio, moda, lazer, costumes e condutas sociais.

Nesse período a versão propagada pela literatura, o “amor romântico”, embora se projetasse como um amor volatizado estabeleceu múltiplas interpretações sobre a condição amorosa. Essas intervenções tinham como um dos objetivos questionar as práticas de afetividades femininas.

Os jornais que circulavam no Amazonas não fugiam à regra, em suas páginas poesias românticas enalteciam o amor e a idealização da mulher amada.

ALMA DA NOITE:

Não sei por que motivo, esta mulher
Tão depressa esquecida
Constantemente, em sonhos me apparece
Pousa em meu peito a delicada mão
Como quem vem do azul, purificada em
Prece dar conforto a minha vida
E alívio ao meu triste coração.

Vejo-a e contemplo-a deslumbrado
E uma silhueta, pequenina e airosa
De mãos pequenas, que não sei dizer
Sua boca rescendendo rosa
E tão perfeita e tem tantos encantos
Que se quiseres ter compaixão de mim
Della eu faria apagando prantos
Pátria de beijos para eu morrer

Seus olhos que tem o azeviche a cor
São dois luzeiros, jóias reais
E eu, que amo o sublime e adoro o bello
Das causas natura
Peco e supplico ao Redemptor
Que os olhos seus
Fujam de amor dentro dos meus.[48]

Santos Junior, 1918.

[48] Jornal O Alto Madeira- 31-01-1918.

O discurso moralista da época construía discursos referentes às virtudes necessárias na mulher que se pretendia tomar como esposa. No século XVIII, Francisco Joaquim de Souza Nunes escrevia:

> [...], seja pois a mulher que se procura para esposa formosa ou feia, nobre ou mecânica, rica ou pobre; porém, não deixe de ser virtuosa, honesta, honrada e discreta.[49]

Robert de Blois recomenda as donzelas,

> [...], conduzir-se bem no mundo. Damas devem saber falar com graça quando estão em sociedade, mas não tagarelar demais, pois passarão por pedantes e fúteis, enquanto as silenciosas serão tidas por tolas. Diante dos homens, espera-se que sejam ao mesmo tempo afáveis e reservadas: nada de muita amabilidade, se não querem ser acusadas de impudência.[50]

Esses manuais recheados com discursos morais vinculados no transcurso dos séculos XIX e XX ensinavam como ser uma boa esposa diante de um homem atarefado com a labuta cotidiana. Marina Maluf e Maria Lúcia Motta, em um vigoroso estudo sobre o recôndito do mundo feminino, nos apresentam o que se entendia sobre o que era ser mãe, esposa, mulher e filha:

> [...], boa esposa é aquela que sabe perfeitamente quais os gostos do marido, seus pratos preferidos e a maneira pela qual os quer arranjados, [...] sabe o lugar onde ele gosta de sentar, a cadeira escolhida, o descanso para por os pés, [...]. Quando o marido lê não interrompe, nem deixa

[49] Apud SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Op. cit., p. 70.

[50] Apud DIBIE, Pascal. O Quarto de Dormir: um estudo Etnológico. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Rio de Janeiro: Globo, 1988, p. 77.

> pertubá-lo sem motivo. Mas se ele lhes fala o que a leitura sugere, mostra-se interessada, ou procura se interessar pelo assunto porque em tudo quer ser agradável ao marido e isso agrada-lhe sem duvida.[51]

A carência de pesquisas sobre o comportamento das mulheres que viveram na região norte do Brasil, entre os séculos XIX e XX, limita o entendimento sobre essas mulheres, pois os poucos trabalhos que existem ainda não são suficientes para uma elucidação e compreensão do seu universo feminino.

Maria Luiza Ugarte, ao pesquisar sobre a imagem da mulher nos periódicos de Manaus entre os séculos XIX e XX, afirma que a literatura de viagens tem apontado a Amazônia do século XIX como um espaço onde a liberdade de ação das mulheres era extremamente acanhada:

> [...], dois importantes viajantes do período deixaram depoimentos de que o controle masculino, de tão rígido, assemelhava-se a conduta de culturas mulçumanas, cujo fundamentalismo religioso impunha às mulheres a condição de mero patrimônio masculino. [52]

Vale ressaltar que a autora se refere a viajantes que percorreram o Amazonas no decorrer do século XIX. Na virada do século XIX para o século XX, a mesma autora reforça que:

> Com as mudanças estruturais sinalizadas pelo progresso tecnológico e cientifico, assiste-se a uma crescente ampliação da visibilidade feminina nos espaços públicos. Rompendo aos limites tradicionais que as associavam a casa e a vida privada, a emancipação feminina passa a

---

[51] MALUF, Maria e MOTT, Maria Lucia. “Recônditos do mundo feminino”. In: NOVAIS, Fernando A. (Org) História da Vida Privada no Brasil 3. República: da Belle époque à era do rádio. 1998. São Paulo: Cia das Letras. p 389.

[52] PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte: Periodismo e Cultura Letrada no Amazonas (1880-1920). Tese de doutorado em História. São Paulo: PUC-SP, 2001, 220 p.

> incorporar espaços até então restritos ao mundo masculino.[53]

Heloiza Lara, por sua vez, convida-nos a analisar até que ponto o discurso religioso, patriarcal e sexual que prevalecia sobre a mulher da região sul e sudeste do Brasil recebeu eco no caso da Amazônia:

> A Amazônia foi uma região tida como inóspita, isolada do contexto nacional, ou até mesmo mágica, na visão da época, foi uma região que sofreu uma forte influência da cultura indígena, e que estes fatores deixaram marcas culturais diferentes na região.[54]

A autora ressalta que algumas pesquisas sugerem um comportamento diferenciado da mulher amazônica em relação as mulheres do sul e sudeste do Brasil no tocante à maternidade, matrimônio e sexualidade,

> [...], tais mulheres guardam certa autonomia na área social, que se traduz também no exercício de certa sexualidade mais liberada, e de um poder decisório no âmbito da família. [55]

Comenta ainda que

> Na região Amazônica há pesquisas sobre o relato de mulheres, contida em diários do século XIX, indicando a participação significativa de esposas de seringalistas ou de políticos locais, que exerceram trabalho de apoio político para seus maridos, filhos ou irmãos, ajudando-os a se elegerem quer como intendentes, deputados, senadores e mesmo governadores. [...]. Elas se encarregavam de preparar os grandes almoços, para os políticos que vinham de fora, fazer sua campanha na comunidade e colaborar no apoio logístico para os eleitores no dia das eleições. Em troca o que recebiam? Às vezes a nomeação do marido para um cargo importante na burocracia,

---

[53] Idem, p. 219.

[54] COSTA, Heloisa Lara Campos da. Op. cit., p. 42.

[55] Idem, p. 73.

> ou a garantia de manutenção no cargo quando ele já era um funcionário público o emprego para parentes ou para ela mesma. [56]

Os documentos analisados nesta pesquisa não apontam as mulheres do Amazonas dos séculos XIX e XX como sendo submissas, ao contrário há vestígios encontrados sobre a história de vida delas que mostram-nas como mulheres fortes que souberam tomar decisões, que lutaram por seus maridos, filhos e bens, que não se curvaram perante as dificuldades da vida, nem renderam as limitações impostas pela sociedade patriarcal amazonense.

Casos interessantes de serem analisados são os das mulheres viúvas, seja de seringalistas, de comerciantes, seja de aviadores. Essas mulheres, ao se tornarem viúvas se viram diante de situações até então desconhecidas, mas souberam conduzir suas vidas e a de seus filhos com êxito e coragem.

Eni de Mesquita Samara, ao estudar sobre "*As mulheres o poder e a família*" na cidade de São Paulo no período do século XIX, afirma que em caso de morte do cônjuge essas mulheres assumiam o papel de chefe do lar, cabendo a elas resolver todos os problemas que anteriormente eram resolvidos pelo marido.

> Morrendo o marido, esposa assumia o papel de 'cabeça de casal' e ocorrendo o inverso, o marido continuava a ocupar a mesma posição, adquirida a partir da celebração do casamento.[57]

Com uma nova função social, ao se tornarem viúvas as mulheres tinham que tomar decisões importantes para o bom andamento do lar e resolverem questões como o que fazer com o seringal, como dividir a herança, com os filhos de outros relacionamentos, como administrar os bens deixados pelo marido, como fazer com as dívidas frente às casas aviadoras e como lidar com os seringueiros, entre outras questões que assolavam o seu cotidiano e exigiam soluções rápidas.

---

[56] Idem, p. 73.

[57] SAMARA, Eni de Mesquita. As mulheres, o poder e a família. São Paulo: Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989, p. 146.

Caso interessante foi o da dona Joana de Hollanda e Silva, moradora de um pequeno rio denominado Rio Acre, localizado próximo a boca do Acre: tendo ficado viúva e com dois seringais para administrar, resolveu arrendá-los por conta própria e o fez sem a presença de um advogado, atitude pouco comum entre as mulheres de seu tempo, que geralmente davam plenos poderes a um advogado para administrar os bens deixados pelo marido.

> Tendo chegado a nosso conhecimento que D. Joana de Hollanda e Silva, residente no lugar de Aripuanã, no rio Acre, neste Estado, arrendou ultimamente seus seringais 'Aripuanã e São Felismino', sitos no mesmo rio, os quais nos foram arrendados pela própria senhora, por espaço de quatro annos. Conforme contracto lavrado nos livros, na vila de Floriano Peixoto em 20 de agosto de 1908, cujo arrendamento findará em 30 de dezembro de 1912.[58]

Ao que tudo indica dona Joana provavelmente sabia ler e escrever, coisa que poucas mulheres de seu tempo sabiam fazer. De acordo com o documento toda a tramitação do contrato de arrendamento dos dois seringais, "São Felismino e Aripuanã" foi feita por ela. Provavelmente dona Joana dirigiu-se ao cartório da vila de Floriano Peixoto, acompanhada pelas pessoas interessadas nos seringais e ali, juntas, decidiram as bases do contrato que teria duração de quatro anos, sendo eles de 20 de agosto de 1908 a 30 de dezembro de 1912.

O caso de dona Joana foi o único encontrado nos periódicos analisados, porém não quer dizer que outros casos não tenham ocorrido, onde uma mulher decide sem a presença de um advogado o destino dos bens deixados pelo marido, nesse caso dois seringais. Na grande maioria dos casos as mulheres viúvas recorriam a um advogado, como procurador, a quem conferiam plenos poderes para cuidar e administrar os bens deixados pelo marido.

> Por este meu particular instrumento de procuração de meu próprio escripto e assignado, nomeio e constituo meu bastante procurador ao advogado tenente-coronel Virgilio Esteves de Lima, a quem

[58] Jornal Correio do Purus 20 -08-1908.

> confiro poderes amplos e especiais, para por mim requerer ao Egrégio Superior Tribunal de Justiça deste Estado, o prazo de seis meses em prorrogação do que me é marcado por lei para dar bens a inventariar por morte de meu marido, o capitão Macário Miquelino Cunha, podendo pois o meu direto procurador requerer e assinar o que preciso for e praticar todos os mais atos necessários e conducentes ao fiel dezempenho deste mandato, inclusive substabelecer este em quem convier. Requerente Antonia Pacheco Cunha: Prazo para inventario: Villa de Floriano Peixoto, anno de 1912.[59]

Esposa de um rico comerciante, Macário Miquelino da Cunha, que explorava a indústria extrativa da goma elástica, que segundo consta no inventário aviava grande número de pessoas empregando nessa indústria, Antonia Maria Pacheco Cunha se vê na seguinte situação após a morte do marido.

Segundo consta no inventário, o senhor Macário faleceu em uma data considerada "início de fábrico", ou seja, momento em que as pélas de borracha são produzidas, deixando um valor alto em borracha a receber de seu pessoal, os seringueiros. Temendo as constantes fugas que aconteciam nos seringais, ficando o barracão em prejuízo, pois a borracha recebida liquidaria as dívidas dos seringueiros frente ao barracão e seria repassada a casa aviadora do Pará, onde o senhor Macário possuía uma dívida de seiscentos contos de réis a ser paga por meio do negócio da borracha, foi que dona Antonia Pacheco Cunha recorreu ao Tribunal de Justiça do Estado, solicitando um prazo maior para inventariar os bens deixados pelo marido, já que a justiça só concedia 30 dias após o falecimento. Tendo um prazo maior Antonia Pacheco poderia se dedicar aos problemas dos seringais, que naquele momento demandavam maior atenção.

> Ao fazer-se o respectivo inventário no prazo de trinta dias marcado pela lei, acarretará graves prejuízos ao casal, notadamente aos orphãos, pela interrupção do fabrico e natural debandada

[59] Processo de inventario: ano 1912.

> daquele pessoal extractor, que só possuindo para garantir o débito o próprio trabalho, aproveitando o mínimo motivo para fugir do seringal, o que levado a effeito, passará desde logo o valor do débito a ser considerado de difícil recebimento – quer a supphicante no intuito de evitar este prejuízo e como medida acauteladora dos haveres do casal, demorar o inventário até a conclusão do atual fábrico.
>
> Em vista do exposto, a supphicante requer a este Egrégio Tribunal de Justiça se digne a conceder-lhe o prazo de seis meses em prorrogação ao marcado por lei para inicio do inventario respectivo. Instruindo a presente petição em duas certidões de casamento e óbito – a supphicante – Floriano Peixoto, 29 de junho de 1912.[60]

As mulheres até aqui estudadas faziam parte de um grupo seleto feminino. Elas usufruíam do luxo e da riqueza proporcionada pela borracha, possuíam bens, andavam na moda e tinham espaço nas colunas e nos principais jornais que circulavam nos rios do Amazonas. Mas à medida que nos distanciamos das comarcas ou dos “grandes centros”, aonde geralmente essas mulheres residiam e seguimos em direção à mata, ao seringal, deparamo-nos com um quadro bastante diferente do que foi apresentado até aqui.

As mulheres que residiam na mata eram mulheres acostumadas ao trabalho pesado, habituadas a lavar as roupas nos rios, a subir e descer ladeiras com filhos nos quadris, a encerar a casa com argila, a cozinhar no fogão a lenha, a passar as roupas na brasa, a cuidar da pequena horta nos fundos do quintal, enfim, mulheres que viviam um cotidiano distinto ao das mulheres urbanas.

Os seringais, onde essas mulheres viviam se localizavam em meio à selva, cercado por mata fechada, cheia de bichos, plantas e animais. Os barracões onde geralmente se localizava toda a sede administrativa ficavam em um lugar mais acessível próximo a um igarapé, por onde os seringueiros passavam, de preferência uma vez por semana para fazer os devidos acertos com o patrão. Eram casebres de

[60] Processo de Inventario: ano 1912.

madeira com varanda ao redor, janelas grandes e, geralmente, ficavam suspensos do chão, escorados com paus.

O romancista Paulo Jacob, ao descrever o seringal Andirá consegue expressar de forma brilhante como eram estes barracões e seu entorno:

> A mata cerrava perto. Os galhos abraçando o alpendre, mordendo as negras paredes de itaúba do velho barracão do seringal Andirá. No interior, o cheiro ativo de estiva. Embaixo das grandes pernas da construção, ciscavam as galinhas, patos babujavam à lama, grandes porcos, com os pés fartos de bicho de pé, metiam a focinheira no solo, revolvendo a terra. Um cão com as orelhas caídas, corpo ossudo de fome, rosnava para um gato pirento. Em frente rolava o igarapé da Anta.[61]

Quando surgiram os seringais no Amazonas, por volta do ano de 1870, o número de mulheres que moravam neles era bastante reduzido e só aumentou à medida que os seringais iam ficando cada vez mais populosos. Estudos comprovam que em determinadas regiões não havia a presença de uma mulher sequer, e essa situação fazia com que os seringueiros se sentissem sozinhos e solitários.

> O grau de isolamento variava, contudo de um lugar para outro, sendo pior no oeste da Amazônia, escassamente povoado, que parece ter atraído seringueiros solteiros e solitários.[62]

A ausência de mulheres brancas e "honradas" na mata fez com que os seringueiros recorressem a mulheres índias e as prostitutas, buscando nelas suprir toda falta que uma mulher podia causar.

A relação dos seringueiros desbravadores com os índios nunca foi uma relação amigável. Estudos indicam que muitos índios sabendo da ameaça que o

[61] JACOB, Paulo. Andirá. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/Secretaria do Estado de Cultura/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003, p. 71.

[62] WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 42.

seringueiro representava, mantinha suas mulheres longe, pois não queria perdê-las para o novo habitante da mata. Entretanto, essa estratégia não obteve muito êxito, logo os seringueiros adotaram a prática das correrias, para assim capturar índios e índias para trabalharem a seu favor.

Cristina Sheib Wolff, que pesquisou essa prática adotada nos seringais, define as correrias da seguinte forma:

> As correrias consistiam em expedições de matança e apressamento organizadas por profissionais contratados pelos patrões, ou muitas vezes realizadas pelos próprios seringueiros.[63]

Nessas correrias milhares de mulheres foram capturadas e levadas para os seringais para neles viverem de forma totalmente diferente do que elas viviam até então. Os estudos de Cristina Wolff apontaram resultados interessantes sobre o comportamento das índias capturadas. Muitas lutavam até o último instante para não serem capturadas, subiam em árvores, se escondiam atrás dos arbustos, agachavam-se no chão, pulavam nos rios e corriam horrores para mata adentro, e quando capturadas, eram sisudas e levavam tempo para aceitar a nova condição de vida imposta a elas, isso quando não desobedeciam as regras, armavam fugas e burlavam o sistema. Outras já se mostravam menos arredias e se deixavam levar com menos resistência. A autora ressalta ainda:

> [...], muitas índias capturas adaptavam-se a nova vida podendo até escolher um companheiro, ou ainda escolher um ofício e contar com a proteção de compadres.[64]

Os objetivos dessas correrias poderiam variar de acordo com a necessidade, dessa forma muitas índias foram capturadas apenas para serem trocadas por um rifle ou por uma espingarda, arma muito utilizadas na mata,

---

63 WOLFF, Cristina Sheib. Mulheres da Floresta. Uma história do Alto Juruá. Acre. (1880-1945). São Paulo: Hucitec, 1999, p. 159/160.

64 Idem, p. 159.

outras para satisfazer os desejos sexuais dos seringueiros, outras para a realização de tarefas domésticas, e, por fim, outras apenas para serem trocadas por alguns quilos de borracha.

Mas o interessante que podemos extrair desses estudos é o novo olhar com que podemos lançar sobre a mulher indígena, compreender que muitas não se submeteram aos seringueiros, que armaram fugas, que desobedeceram as regras, implica em entender que algumas mulheres lutaram por suas escolhas e que não se renderam ao seu opressor. “Por este novo prisma a mulher índia deixa de ser apenas objeto de captura e passa a ser sujeito da história.”[65]

Assim como as índias, tidas não menos que meras mercadorias, surgem as prostitutas, ditas e pensadas como mulheres de vida fácil que foram enviadas para os seringais na expectativa de acalmar os desejos ardentes dos homens da mata. A situação em que se encontrava o seringueiro, sem mulher, era uma preocupação constante dos patrões, pois eles sabiam que estando o seringueiro com seus desejos à flor da pele seu desempenho poderia ficar comprometido, e logo sua produtividade baixar.

Os estudos apontam que várias foram as tentativas de amenizar a falta de mulheres nos seringais do Amazonas, desde encomendá-las às casas aviadoras até retirá-las à força dos cabarés de Manaus e enviá-las aos seringais. Recuperando a narrativa de Alfredo Lustrosa Cabral, Cristina Wolff, registra em diversas passagens de seu trabalho a condição de Manaus como pólo fornecedor de prostitutas aos seringais do interior. Mostrando que tudo era feito com a aquiescência das autoridades públicas

> A polícia de Manaus, de ordem do governador do Estado, fez requisição nos hotéis e cabarés dali de umas cento e cinqüenta rameiras. Com tão estranha carga, encheu-se um navio cuja missão foi a de soltar, de distribuir as mulheres em Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá. Houve destarte, um dia de festa e de maior pompa que se tinha visto[66].

[65] Idem, p. 167.

[66] WOLFF, Cristina Sheib.Op.cit.;p 86

A prática de enviar mulheres para lugares distantes, onde elas representavam a minoria em relação aos homens, não parece ter sido um ato apenas das autoridades do Amazonas, pois Leila Mezan Algrant afirma que a gênese desse comportamento se encontra desde o estabelecimento dos primeiros portugueses no Brasil. Poucas eram as mulheres que acompanhavam seus maridos na travessia perigosa do Atlântico, cujos riscos atiçavam a imaginação com crenças em monstros e relatos de naufrágios que aterrorizavam a população, porém a visão paradisíaca das novas terras induzia os homens mais aventureiros e menos temerosos a enfrentarem a travessia. As mulheres, entretanto, permaneciam no reino à espera do retorno de seus maridos, espera, muitas vezes, prolongada que se tornava infrutífera. Bem cedo, portanto, a Coroa e os agentes colonizadores defrontaram-se com o problema de falta de mulheres brancas que pudessem casar com os portugueses na América e auxiliar na conquista e no povoamento da colônia no início da colonização.

Para a historiadora Algranti

> [...], a primeira medida empreendida pela Coroa para amenizar a falta de mulheres, concentrou-se no envio de órfãs que pudessem casar-se no Brasil. Com esse Intuito Manuel da Nóbrega, solicita ao monarca que envie donzelas, mesmo que não fosse das mais honestas.[67]

Nenhum estudo rigoroso foi feito sobre a história das mulheres que foram enviadas aos seringais do Amazonas para servirem como prostitutas. Pouco se sabe sobre a história que elas construíram ao chegarem aos seringais, quantas se adaptaram, quantas rejeitaram o novo modo de vida, quantas se casaram e constituíram famílias, quantas optaram por continuar na vida do meretrício ou quantas retornaram a Manaus, estas são perguntas que ainda carecem de respostas.

Contudo, a mulher de "vida fácil" foi tida por muito tempo como um mal que deveria ser extirpado das ruas, porque não se incluíam no cenário moderno das

---

[67] ALGRANTI, Leila Mezan. Honradas e Devotas: Mulheres da Colônia feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: Edunb, 1993, p. 53.

grandes cidades brasileiras em ascensão, elas faziam parte do mundo da desordem como mostrou Magali Engel

> [...], a ordem na sociedade do séc. XIX era constituída por três mundos, o mundo do governo, constituído pelos grandes homens, o mundo do trabalho, constituído pelos escravos e o mundo da desordem, que era o mundo ligado ao não trabalho, onde habitavam as prostitutas, os mendigos, os pobres e todos aqueles que viviam a margem da sociedade poluindo o cenário social.[68]

O ato de retirar as prostitutas das ruas e dos cabarés de Manaus e enviá-las aos seringais do Amazonas cumpria assim duas funções sociais distintas: a de "limpar" as ruas de Manaus que vivia o auge da *Belle Époque* e a de satisfazer as necessidades ardentes dos seringueiros.

Com o passar dos anos, as migrações foram aumentando e a diferença entre a quantidade de homens e de mulheres nos seringais foi diminuindo, um maior equilíbrio entre os gêneros foi se estabelecendo, com a vinda de pessoas dos mais diversos lugares, em maior número do nordeste, esses migrantes foram tomando seus lugares na mata e estabelecendo ali seus costumes, sua cultura e seu modo de viver.

Ao chegarem, as mulheres foram se agrupando as outras que já residiam nos seringais, na maioria das vezes essas eram esposas ou filhas de seringalistas, seringueiros ou de comerciantes locais. Aos poucos elas foram se inserindo nas mais variadas atividades econômicas que os seringais ofereciam, podendo trabalhar diretamente na extração da borracha, cuidar da pequena horta[69] que a maioria dos seringueiros possuía nos fundos do quintal para ajudar na subsistência da família, cuidar da casa e dos filhos ou, ainda, trabalhar na extração de outros produtos da floresta.

---

[68] ENGEL, Magali. Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

[69] Sobre o cultivo de hortas, sabe-se que a princípio essa era uma prática proibida pelo patrão, afinal era de seu interesse manter o seringueiro somente na extração da seringa, mas essa priobição com o tempo foi dissolvida.

> Atividades como coleta da castanha, plantação, coleta e beneficiamento de tabaco ou guaraná e até mesmo a coleta de ovos de tartaruga, eram atividades femininas, mas que tenderam a ser desconsideradas como 'periféricas'.[70]

Além das funções acima mencionadas, algumas mulheres se destacavam na floresta por exercerem atividades como parteiras, rezadeiras, feiticeiras ou curandeiras. Essas mulheres exerciam influências sobre os demais habitantes da mata. Para Cristina Sheibe

> [...], foram elas que acudiram as espinhelas caídas, os peito-aberto, mal de reza, mal de mulher, dor de dente, dor de goela, zipra, cobreiro, quebrante e foram elas que fizeram os partos, fácies e difíceis dos muitos filhos dos seringais.[71]

Por muito tempo a vida no seringal seguiu um percurso normal, com muito trabalho, muitas dificuldades e algumas alegrias, mas, com a crise da borracha, as coisas mudaram e os habitantes da mata tiveram que encontrar outros meios de sobrevivência. Por volta do ano de 1911, milhares de pessoas começaram a abandonar os seringais em busca de trabalho em regiões urbanas, e a sobrevivência dos seringueiros que ali permaneceram foi garantida pela diversidade das atividades, que só foi possível com a incorporação de mulheres ao grupo e a formação de grupos familiares que passaram a centralizar a produção.

Nesse período, os jornais não desistiam de publicar notas solicitando ao governo o envio de trabalhadores para atuar em atividades como: agricultura, pastoreio e exploração de madeiras. Tidas como alternativas, essas atividades passaram a ser exploradas com mais afinco após a queda da borracha, e o chamado para que famílias inteiras viessem para a mata eram notas constantes nos jornais.

---

[70] UGARTE, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte, Periodismo e Cultura Letrada no Amazonas (1880-1920). Tese de doutorado em história. São Paulo: PUC-SP, 2001. 226 p.

[71] WOLFF, Cristina. Op. cit.; p 134

> Infelizmente o que se observa agora é o despovoamento provocado pela crise da borracha. Piscoso e rico em Madeira, o Rio Purus chegaria a ter grande importância econômica de para li se podesse mandar uma corrente imigratória de famílias de lavradores. Em quanto não, continuará o rio a ser abandonado nas frases do prateado Euclides da Cunha.[72]

Se no momento anterior as mulheres foram lembradas como inexistentes ou raras, com a crise e seu aprofundamento elas tiveram reconhecida a importância para o sustento do grupo.

> O seringueiro solitário, comprometido apenas com a produção da borracha, não era mais viável. Mesmo os migrantes que vieram do nordeste ainda em intenção de voltar em situação mais vantajosa, após passarem alguns anos como seringueiros, nesse momento procuraram aliarem-se as mulheres.[73]

A história das mulheres que viveram nos seringais do Amazonas não é diferente das histórias de muitas mulheres que viveram em outras regiões interioranas espalhadas pelo Brasil. As que tiveram o privilégio de nascer ou de passar a fazer parte da burguesia em ascensão puderam desfrutar do luxo e do conforto que a riqueza da borracha ofereceu. Já as que não tiveram a mesma sorte foram obrigadas a encontrar uma maneira de reinventar a vida. Em um cotidiano, talvez, hostil aos que permaneceram no outro lado da margem econômica do Amazonas da borracha.

A riqueza vinda da exploração da borracha permitiu à mulher da elite desfilar suas joias com seus belos vestidos criados à moda de Paris pelos bailes, praças, ruas e avenidas do Amazonas. Permitiu inúmeras viagens realizadas nos mais belos “vapores” e ocupando os mais confortáveis camarotes. Além de

---

[72] Jornal O Alto Purus, 15-03- 1915.

[73] SHEIBE, Cristina. A construção da sustentabilidade nos seringais em crise. Uma questão de gênero. Alto Juruá, Acre/Brasil, 1912 a 1943, p. 243.

proporcionar aos filhos a oportunidade de serem educados em colégios distantes, os mais bem conceituados da Europa.

E as mulheres que viveram as fimbrias dessa classe social privilegiada? O que dizer das mulheres que se embrenharam na mata e foram viver próximo à extração do látex?

Nos seringais, as mulheres encontraram um ambiente que exigiu delas um pouco mais de coragem, de astúcia e de maldade. A sobrevivência na selva era marcada por perigos constantes, seja por perigos naturais ou ambientais, como por perigos causados pelo homem. E essa condição fez com que essas mulheres se mostrassem mais “senhoras de si” diante da vida.

Mulheres que tomaram as rédeas de seus destinos, que tiveram altivez diante das intempéries desse mesmo viver de um mundo que se desenhava hostil e masculino – território do macho desbravador.

Enquanto isso as mulheres que viveram sobre a riqueza da borracha, como tem demonstrado a historiografia, foram reinventar a vida dentro das possibilidades que lhes restaram.

A mulher migrante, chegada principalmente do nordeste, encontrou formas de sobrevivência nos seringais, trabalhou, seja na extração da seringa, seja na coleta de outros produtos da mata, criou seus filhos, cuidou de seu lar.

Contudo, como demonstra a historiografia amazonense, uma multiplicidade de imagens sobre a visibilidade feminina no cotidiano dos seringais do Amazonas foi construído de forma difusa na tentativa, poder-se-ia assim dizer, de obscurecer o viver dessas mulheres que direta ou indiretamente tiveram um papel relevante na construção histórica desse período para a compreensão da sociedade amazonense.

Mulheres que fluíram no manuseio metodológico das fontes como mãe, esposas, amantes, trabalhadoras, filhas, prostitutas e migrantes, e que de uma forma ou de outra escreveram parte desse mundo complexo chamado seringal.

Histórias de vidas e histórias de mulheres que diante dos percalços colocados por um cotidiano de incertezas e dúvidas foram construindo lentamente e de forma contínua seu viver. Que através de suas permanências e rupturas registraram de forma descontinua por meio da documentação analisada as suas histórias dentro das possibilidades surgidas.

São mulheres de diversas procedências de diferentes olhares sobre si e sobre o mundo na qual estavam inseridas. Mulheres patroas, mulheres migrantes, mulheres prostitutas, mulheres índias ou, simplesmente, mulheres. Mas que de uma forma ou de outra vivenciaram a labuta e o desconforto, que enfrentaram com argúcia e sensibilidade os juízos éticos e morais sobre o seu dia a dia.

Nesse conjunto de falas é tentador ressaltar a existência de uma mulher descrita como fútil tendo sua existência associada à moda, joias e acontecimento social. Ora como mulheres dos prazeres mundanos e um perigo para a moralidade familiar, outras vezes mulheres inferiores, sem significado na constituição da teia social do mundo dos seringais. Porém como identificar a mulher real da mulher imaginária, principalmente quando o imaginário social,

> [...], constrói a mulher (ou se trata da verdadeira natureza feminina que se revela quando deixada sem a tutela do homem?): fonte do pecado, ardilosa, propiciadora, inspiradora de crimes, [...].[74]

Muitas leituras possíveis assim se revelaram as fontes quando do seu manuseio metodológico. Instigada nas pluralidades do viver-mulher, pus-me a estudar a dinâmica da sociedade “fundada” no comércio do látex e seduzida pelas crônicas, anúncios publicitários, colunas, notas, mofinas jornalísticas e pela bibliografia que privilégio o estudo sobre a condição feminina nos seringais me lancei em busca desse viver mulher-seringal.

---

[74] PENSAVENTO, Sandra Jatay. Mulheres e história: A inserção da Mulher no contexto cultural de uma região de fronteira (Rio Grande do Sul), In: ZAHIDÉ, L. Muzart (Org.). Mulheres-Século XIX. Revista do curso de Pós-Graduação em Letras, periodicidade semestral. Florianópolis: Ed. da UFSC, v. 23, 1991, p. 57.

Foram imagens, representações das várias formas de diversas procedências. Afinal, que vozes formularam a mulher dos seringais e a que interesse atendia? Em momento algum estamos a dizer que as mulheres dessa região possuíam essas ou outras características, apenas chamamos a atenção do leitor para o fato de que elas existiram nas cercanias dos seringais e que de uma forma ou de outra se fizeram notar.

Mulheres que se fizeram ver e ao serem percebidas foram registradas sempre na idealização de mulher Virgem Maria a Maria Madalena. Sempre no limear entre o mundo profano e o mundo sagrado, ou seja, na ambigüidade como meadora de sua existência.

> Na maioria dos casos, elas possibilitaram que um encontro encarregado de uma violência latente resulte em uma deliberação amigável. [...], situação de contato requerem tradutores, negociadores ou intermediários.[75]

Tradutores, negociadores e intermediários, talvez tenham sido esses os papéis desempenhados pelos periódicos e seus colaboradores. Ao intervirem sobre o mundo feminino pode-se dizer que esses, de alguma forma, construíram imagens sobre as mulheres que viveram na órbita dos seringais a partir do que seu juízo ético revelava diante da visibilidade feminina.

> Não passou despercebida o comportamento e o luxo de certas senhoras da sociedade por ocasião de um almoço festivo na casa de um conhecido Coronel. Enquanto algumas desfilavam suas jóias e seus generosos decotes. Outras senhoras preferiam o risinho contido e o cochicho galanteador de certo conhecido. Muitas esqueceram que eram esposas e mães.[76]

---

[75] METCALF, C. Alida. A mulher como intermediaria: Estudos de casos de história e de literatura. In: MORGA, Antonio Emilio; BARRETO, Cristiane Manique (Orgs.). Gênero, Sociabilidade e Afetividade. Itajaí/SC: Casa Aberta Editora, 2009, p. 28.

[76] Jornal O Alto Purus, 18 -05-1918.

Seu arguto olhar civilizador também não deixou passar despercebido para seu ávido leitor o comportamento de um grupo de moças casamenteiras.

> Durante a comemorativa festa moças de boa família se entretinham dando risadas altas diante dos afoitos rapazes que mesmo de longe se via que seus olhares não saiam de cima dos gêneros decotes das meninas faceiras. Enquanto suas mães se entretinham entre outros divertimentos inconvenientes a moral familiar.[77]

Os resultados encontrados nessa pesquisa mostraram que o comportamento das mulheres que viveram nos seringais do Amazonas, entre os séculos XIX e XX, não condiz com o estereótipo de mulher "submissa", colocado sobre as mulheres de seu tempo. Na prática, elas se mostraram fortes e destemidas, sendo de personalidade mais dócil ou não, elas souberam conduzir e orientar suas vidas independentemente das agúrias e das intempéries desse viver que se tinham ao lado uma figura masculina.

Não é objetivo deste capítulo ir em busca de uma verdade dos acontecimentos, mas sim tentar compreender as práticas afetivas femininas no intricado mundo do comércio de riquezas do látex, sonhos, dor, lágrimas e esperança. "O melhor conhecimento que se pode ter delas vem da descoberta de que papel elas encenam"[78] no cotidiano, onde as imagens são extraídas da sua visibilidade nos espaços do mundo privado e público dos seringais.

---

[77] Idem.

[78] VICENT-BUFFAULT, Anne. Op. cit., p. 73.

Capítulo II

Mas a mulher ri-se do frágil
obstáculo e vai caminhando sempre...
D. João de Jaqueta - 1887
Horácio Nunes Pires.

Na tessitura do vivido: mulheres casadas, viúvas e amasiadas

Contrariando o "princípio da igualdade[79]" que norteava os casamentos no período colonial no Brasil e que orientava as pessoas a se casarem com os "iguais", nos seringais do Amazonas os casamentos não obedeciam a nenhum destes critérios. As pessoas casavam-se e se davam em casamentos não se importando com as diferenças – sociais, econômicas, políticas e culturais.

A documentação analisada para a construção desse capítulo revelou que nos seringais do Amazonas era possível encontrar mulheres em diversas situações: casadas, apartadas, amantes, viúvas e amasiadas. Poder-se-ia dizer que

[79] Sobre o princípio da igualdade nos casamentos no Brasil no período colonial, ver: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Sistema de Casamento no Brasil Colonial. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984. Pg. 66 a 70.

estudos realizados na região Amazônica sinalavam que havia outras formas de composição familiar, contrapondo-se ao modelo de conjugalidade preconizado pelo mundo burguês.

> [....], a conjugalidade no seringais do Alto Juruá/ Acre, portanto não correspondia exatamente aos modelos de conjugalidade burguesa que se procurava instaurar no Brasil urbano. Na elite dos seringais e na cidade de Cruzeiro do Sul esses modelos até se faziam presentes, conformando muitas das relações e fazendo das mulheres “ornamentos” a serem mostrados na sociedade como signo de distinção para as famílias. [80]

Nosso objetivo neste capitulo é mostrar, através da análise de documentos como jornais, processos de habilitação de casamentos, acordos civis e inventários como se davam as relações conjugais nos seringais do Amazonas, além de revelar alguns aspéctos do cotidiano das mulheres - moradia e vida social.

Sempre que chegava a notícia de um casamento, ou que alguém importante estava para se casar, a imprensa não perdia a oportunidade de homenagear os nubentes. Nos jornais do Purus, constantemente encontrava-se alguma nota comunicando à comunidade sobre esse ou aquele matrimônio. Convidar, agradecer, divulgar, parabenizar eram algumas das funções efetuadas pela imprensa.

> Tiveram a gentileza de convidar-nos para assistir ao seu próximo enlace matrimonial, a realizar-se em 04 de maio vindouro, o Sr. Manuel Rodrigues do Nascimento e a graciosa senhorita Maria Brazil. Fazemos sinceros votos para que largos annos de felicidade guardem o futuro dos jovens noivos.[81]

---

[80] WOLFF, Cristina Sheib. Mulheres da Floresta. Uma história do Alto Juruá. Acre. (1880-1945). São Paulo: Hucitec, 1999, p.228.

[81] Jornal do Purus 30-04-1893

Essas publicações feitas nos jornais do Amazonas tinham também a função de tornar público e notório o matrimônio, para que, havendo algum impedimento, o casamento pudesse ser interrompido a tempo.

> Faz-se saber que pelo seu cartório se estão habilitando para casar: João Bruno Duarte com Mathilde Velloso Duarte. Quem souber de algum impedimento acuse-o para os fins de direito.[82]

Poder-se-ia dizer que a imprensa no Amazonas ao buscar normatizar a conduta dos sujeitos ainda exercia a função de ensinar como deveriam proceder àqueles que almejavam em seu coração efetuar um pedido de casamento.

> A boa sociedade manda que para se effectuar bom casamento preceda um pedido sempre por pessoa de certa importância, quando verbal, ou por dedicada cartinha quando o pretendente se julga em condições de ser bem aceito.[83]

Divulgando e enaltecendo o matrimônio e a coquiterrie da elite da borracha, a imprensa amazonense, no início do século XX, através das páginas do Jornal Purus, comunica à sociedade amazonense do casamento do comerciante e filho de uma família de políticos influentes na região Sr. José Mendes Portella e a Senhorita Edwige Felix Guimarães. Entusiasmado com o chic do enlace matrimonial o entusiasta colunista salienta que os convidados serão recepcionados a bordo da lancha “Santa Rosa”.

> Comunicamos do Ituxy. Contrahirem matrimônio o Sr. José Mendes Portella e a Senhorita Edwige Felix Guimarães no dia 17 de março corrente, a bordo da lancha “Santa Rosa” de propriedade do Sr. Coronel Luiz da Silva Gomes.[84]

---

[82] Jornal Senna Madureira 21-01-1918

[83] Jornal do Purus 13- 05- 1905

[84] Jornal do Purus 02-03-1905

Tempos depois, no mesmo jornal, o colunista tece comentários sobre a festa de matrimônio. Compareceu à festa de matrimônio do elegante e abastado casal a fina flor da sociedade amazonense.

> Um mundo de luxo, comida e bebida da melhor procedência da cultura francesa. Nossas amigas e seus cavalheiros rigorosamente vestido para um ato de tal importância. Não deixamos de perceber que em uma roda bem localizada se encontra os verdadeiros homens públicos da região.[85]

Mas o casamento era um sonho que nem todas as mulheres podiam realizar e os motivos variavam desde condição financeira às próprias dificuldades de locomoção enfrentadas na mata. Quando surgem os seringais no Amazonas, a condição em que viviam as pessoas na selva era basicamente de sobrevivência. O que havia no meio da mata era um barracão que servia de ponto de apoio para os seringueiros, aonde geralmente residia o patrão, sua família e talvez um funcionário, “guarda livros”. Um pouco mais distante alguns casebres de madeira, aonde viviam os seringueiros e, ao redor as enormes “estradas de seringa”, lugar onde os seringueiros passavam a maior parte do dia.

Nesse espaço viviam as pessoas em busca de seu sustento e de sua sobrevivência. No decorrer dos anos os seringais foram se tornando mais populosos, o número de habitantes cresceu consideravelmente, comércios foram se estabelecendo, mesmo assim era pouco provável que um seringueiro ou até mesmo um patrão ou comerciante conseguisse realizar em um seringal um casamento conforme o modelo exigido pela igreja católica, que só reconhecia um casamento como verdadeiro, aquele que fosse realizado diante do juiz e de testemunhas.

O casamento em uma igreja, esse também era pouco provável de acontecer em um seringal. Na mata, nem sempre era possível contar com a presença de um pároco ou de uma capela. Embora houver registros da presença de

---

[85] Jornal do Purus 02-03-1905

missionários e clérigos na mata desde o início da colonização, a vastidão da floresta e os obstáculos impostos pela imensidão dos rios impediam que alguns lugares fossem presenteados com a visita de um religioso.

> A igreja se debatia com uma enorme dificuldade: a falta de clérigos, sobretudo no interior, que sempre fora reduto dos missionários e clérigos seculares. [86]

Maria Terezinha Corrêa, ao descrever a historia de Humaitá/AM, conta que nessa região, até por volta do ano de 1870, não havia sequer uma capela. A autora ressalta que José Francisco Monteiro, conhecido como "comendador Monteiro", fundador de Humaitá, homem de influência no território amazônico, ao passar pela região próxima ao rio Madeira, sentiu falta de uma capela e decidiu, por conta própria e sem licença prévia eclesiástica, edificar uma bela capela às margens desse rio. A capela funcionou por algum tempo nessas condições, realizando batizados e festas, até que, no ano de 1875, Jesualdo Macchetti, um missionário franciscano, ao visitar Humaitá e ver a construção da capela, lembrou o comendador da legislação canônica, e este teve que enviar um requerimento ao Bispo do Pará, solicitando a devida licença.

> Quase dois anos depois, em dois de fevereiro de 1876, a capela foi benta solenemente a "Beatíssima Virgem Maria Imaculada, como principal padroeira, e a Santo Antonio de Pádua" pelo mesmo frei Macchetti. [87]

Semelhante à condição de Humaitá, muitos lugares espalhados pelo interior do Amazonas não possuíam nem capelas, nem padres. A ausência de

---

[86] COSTA, Heloísa Lara Campos da. As Mulheres e o Poder na Amazônia. Manaus: EDUA, 2005. p.156.

[87] CORRÊIA. Maria Terezinha. Princesa do Madeira. Os festejos entre populações ribeirinhas de Humaitá-AM – São Paulo: Humanitas, 2008. p. 61

clérigos e de capelas era no período colonial um fator de impedimento muito grande para a realização de um casamento. Segundo Maria Beatriz Nizza da Silva, uma das primeiras medidas que uma pessoa interessada em casar-se deveria tomar, era apresentar o fato ao padre ou ao pároco, antes que qualquer outra medida fosse tomada, essa atitude servia para a divulgação da intenção do matrimônio na região aonde residiam os cônjuges e se houvesse algum impedimento o casamento pudesse ser interrompido a tempo.

> [...], como deveriam proceder aqueles que queriam contrair matrimônio? “Os que pretendem casar, o farão saber o seu pároco, antes de se celebrar o matrimônio de presente para os denunciar, o qual antes que faça as denuncias se informará se há entre os contraentes algum impedimento.[88]

Se não havia juíz, cartório, capela ou padre, como faziam os eternos amantes, ávidos de amor e desejo para se casarem? Após ficarem noivos - e o noivado podia acontecer no seringal mesmo - eles tinham um ano para oficializar o matrimônio. O noivado no séc. XIX e XX, já era uma prática comum entre os casais, representava o momento em que o noivo pedia aos pais a mão da noiva em casamento, algumas regalias eram concedidas ao casal, como por exemplo, passear juntos com a presença de uma pessoa de confiança. O casamento era cobrado aos noivos depois de um ano juntos.

> O noivado era uma instituição obrigatória. Era o momento do pedido do noivo a mão da moça aos pais, seguido de uma festa. No dia seguinte, era comunicado nos jornais e o casal podia aparecer junto em público, acompanhado por alguém de confiança da família da noiva. Esperava-se que o noivo gastasse a maior parte de seu tempo livre

[88] SILVA, Maria Beatriz Nizza da. op.cit.: p.144.

> com sua noiva. Dentro de um ano deveria ser realizado o casamento.[89]

Após um ano, o casamento deveria acontecer. Todos os processos analisados apontam que os casamentos eram realizados nos centros urbanos próximos aos seringais, ou seja, nas vilas e comarcas, e em alguns casos até mesmo na capital do Amazonas, em Manaus. Isso leva-nos a crer que os casais tinham que viajar longas distâncias para oficializar o matrimônio. Os rios surgiam como estradas obrigatórias a percorrer, portanto, era imprescindível uma embarcação.

> É preciso a um morador ao fazer viagem a outra terra do Amazonas, porque há de ter para isso embarcações, e remeiros de casa, ou se não os tem não poderá fazer a viagem.[90]

As distâncias eram acentuadas, podendo levar dias e dias para chegar a uma vila ou a uma comarca. Os noivos tinham que se preocupar com hospedagem e alimentação, ter condições financeiras para pagar as taxas para a efetivação do matrimônio e apresentar as pessoas que serviriam de testemunhas do casamento. Todas essas situações foram, aos poucos, minando os sonhos e as esperanças de se casar da maioria das pessoas que viviam na mata. E apenas uma minoria, bastante seleta, chegava à concretização do matrimônio.

O documento abaixo corresponde a um processo para habilitação de casamento, do ano de 1894, onde os noivos saíram de um seringal próximo ao rio Purus e foram para Manaus a fim de efetuar o casamento. Raymundo Andre Cursino, natural do Amazonas, homem de 35 anos de idade, solteiro, deu entrada ao pedido de casamento na comarca da capital no dia dois de junho de 1894,

---

[89] COSTA, Heloisa Lara Campos da. Op.cit.: p.292.

[90] TOCANTINS, Leandro. Amazônia: natureza, homem e tempo: uma planificação ecológica 2 ed. Rio de janeiro: civilização Brasileira, 1982. Coleção retratos do Brasil.

p 7.

pretendendo casar-se com Maria da Silva, viúva de 28 anos, natural do Maranhão. De acordo com o documento o cônjuge solicita que os tramites para a realização do matrimônio seja efetuado o mais rápido possível, pois tem "negócios" no rio Purus que exigem sua presença. No documento não consta a atividade de Raymundo, mas provavelmente ele deveria ser uma pessoa influente no seringal, um comerciante, um guarda-livros ou até mesmo um patrão.

> Dizem Raymundo André Cursino e Maria da Silva que tendo contratado casar-se um com o outro no mais breve espaço de tempo possível, pois tem o contrahente de impreterivelmente seguir para o rio Purus, onde tem negócios que reclamam sua presença, querem justificar perante a Vossa Excelência os itens seguintes com as testemunhas que no acto apresentaram.[91]

Além das despesas mencionadas, os cônjuges também tinham que apresentar no cartório, no ato da solicitação da habilitação para o casamento, toda a documentação exigida para a realização do matrimônio. Sobre esta documentação sabe-se que esse assunto ainda carece de pesquisa, os processos geralmente não mencionam a documentação exigida aos cônjuges para a oficialização do casamento, mas a autora Maria Beatriz Nizza da Silva nos da um direcionamento sobre os papéis que provavelmente eram apresentados nos processos de habilitação para casamento no período colonial do Brasil.

> As constituições não esclarecem, contudo, quais os papéis a serem apresentados pelos contraentes, embora seja de supor que se exigissem certidões de batismo, atestado de residência, certidões de óbitos do primeiro cônjuge, no caso de um dos contraentes serem viúvos, etc.[92]

[91] Processo de habilitação de casamento 02-06-1894

[92] SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Op.cit.: p.144.

Cada casal deveria apresentar cinco testemunhas, estas testemunhas prometiam dizer a verdade diante do que lhes fossem inquirido. O papel das testemunhas era fundamental no processo para habilitação de casamento, pois elas serviam de prova de que o casal estava apto a contrair o matrimônio, geralmente elas diziam da condição dos cônjuges se eram solteiros, viúvos ou divorciados, e se vinham das respectivas famílias mencionadas no processo. Inúmeros eram os homens que vinham para o Amazonas deixando mulheres e filhos em sua terra natal e, como medida de segurança, para impedir que novos matrimônios fossem contraídos à revelia, surgiam as testemunhas. A primeira testemunha apresentada por Raymundo Andre Cursino foi Alfredo Dias de Souza.

> Alfredo Dias de Souza, de vinte e três anos de idade, solteiro, artista, natural do Amazonas, residente em Manaus, testemunha que promete dizer a verdade do que souber e lhe for perguntado. Inquirido acerca dos itens da petição que lhe foi lida, respondeu pela a afirmativa. E assim deu-se por findo este depoimento.[93]

Em outros processos a aparição das testemunhas dá-se da seguinte forma:

> Arthur Pereira Pimenta, com quarenta annos de idade, natural de Portugal, solteiro comerciante, residente no Paraná da Eva, testemunha que debaixo do compromisso legal promette dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado, e sendo inquirido pelo juiz as perguntas por este feitas respondeu: Que a muitos annos conhece os justificantes, bem como suas respectivas família, sabendo de sciencia própria que os justificantes são viúvos, não sendo parentes entre si, e nem delles conhece impedimento capaz de prohibir de casar-se. Que o justificante tem cinqüenta e um

[93] Idem

> annos de idade e a justificante quarenta e dois anos de idade, affirmando por isso ser verdade tudo quanto os justificantes allegam na petição que lhe foi lida. E como mais não disse nem lhe foi perguntado deu-e por findo este depoimento.[94]

No Amazonas os casamentos entre a elite também eram baseados no sistema de dotes, "na Amazônia da época era regra para o casamento a exigência do dote".[95] O dote consistia em um valor pago ao noivo pela família da noiva em presentes como terras ou propriedades como garantia ao sustento e à proteção da noiva. Além destas garantias, o dote também era uma forma de ostentar o prestígio da noiva. Assim, famílias ricas de todo o Brasil entregavam como dote, não só propriedades, como também móveis, jóias e escravos, servindo como um indicador da importância da família.

Segundo a socióloga Heloísa Lara da Costa, na Amazônia devido às riquezas serem mais modestas, os dotes geralmente não eram tão altos comparados com a análise de sistema de dotes de outras regiões do Brasil. "Dotes tão imponentes, evidentemente, não eram a regra na Amazônia, onde as fortunas eram mais modestas".[96]

Decidido o dote e realizado o casamento, era hora da festa. As festas geralmente duravam de dois a mais dias, com muita comida, muita bebida e muita dança. O momento da festa era um momento de muita alegria para os moradores do interior, pois representava confraternização e reencontro. "Wallace e outros viajantes que passaram pelo interior da Amazônia admiravam-se das festas que chegavam durar dois dias ou mais". [97]

> O casamento considerado de "bom gosto" era acompanhado de uma longa festança que durava vários dias. Mandava-se vender algumas vacas para a obtenção do dinheiro para a festa, a casa

---

[94] Idem

[95] COSTA, Heloisa Lara Campos da. Op.cit.: p 284.

[96] Idem

[97] COSTA, Heloisa Lara Campos da. Op.cit.: p 282

> era caiada e se faziam alguns reparos para abrigar parentes que viriam de longe. Os músicos eram contratados para o baile.[98]

Matrimônios, grupos de amigos reunidos, familiares que se faziam presentes vindos de longas distâncias e festas, parecem serem os principais acontecimentos sociais no Brasil no período. O historiador catarinense Antônio Emilio Morga, ao estudar as práticas de sociabilidade e afetividade da população desterrense no transcurso do século XIX, nos oferta um generosa compilação de anúncios sobre enlaces matrimoniais dos periódicos que circulavam na cidade. Entretanto, não foram somente os jornais que registram estes acontecimentos, pois alguns viajantes estrangeiros, que visitaram a cidade de Florianópolis do século XIX, deixaram-nos seus relatos de viagens, suas observações sobre o comportamento afetivo e de sociabilidade dos homens e das mulheres desterrense.

Em sua viagem pela província de Santa Catarina, o viajante francês Auguste Saint-Hilaire, observou os modos dos “assistentes e dos noivos” durante uma cerimônia matrimonial, num domingo, ao entardecer, na residência dos pais da noiva.

> [...], o sacerdote paramentou-se e deu início à bênção nupcial e durante todo o tempo que durou a cerimônia os noivos e os assistentes conversaram e riram como se estivessem numa praça pública. [99]

Relata o viajante que após a cerimônia matrimonial os convidados participaram de uma grande festa.

---

[98] FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In História das mulheres no Brasil. (ORG) Mary Del Priore. Carla Bassanezi (coord. de textos) 9 Ed – São Paulo: Contexto, 2007. p 259.

[99] SAINT-HILAIRE, Auguste de, Viagem a Curitiba e Santa Catarina, Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizinte; Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 182-3.

> Celebrado o casamento, o altar foi imediatamente retirado e a sala encheu-se de gente. Todos se puseram a dançar, sendo a festa assistida pelo oficiante e por outros eclesiásticos. Havia muitos homens presentes, entre oficiais e funcionários públicos, e umas quinze mulheres. [100]

E diante dos modos associáveis e afetivos da população desterrense, o viajante não deixou de registrar o comportamento das mulheres.

> Todas estavam muito bem vestidas e dançavam muito bem, não se mostrando constrangidas ou desajeitadas como as mulheres de Minas. De um modo geral os homens não as assediavam, mas quando eles lhes dirigiam a palavra elas respondiam amavelmente e sem embaraço.[101]

Os casais da elite da borracha no Amazonas, geralmente estabeleciam moradia em Manaus, nas vilas e comarcas próximas aos seringais, e somente aqueles em que os negócios exigiam a presença diária na mata moravam nos seringais, como os patrões por exemplos.

Os que moravam em Manaus desfrutavam de uma realidade distinta dos que moravam no interior. Por volta do final do séc. XIX, a cidade recebeu o código municipal que a constituía como uma cidade moderna. Novos bairros, um novo modelo urbanístico, iluminação elétrica, pavimentação de ruas, circulação de bondes, além de um sistema de telégrafo fluvial que ligava a capital ao mundo. Os casais que passaram a viver em Manaus neste período puderam desfrutar de um conforto que não se encontrava no interior do Amazonas.

> Foram implantados vários serviços urbanos, redes de esgoto, iluminação elétrica, pavimentação de ruas, circulação de bondes e o sistema de telegrafo fluvial que garantia a comunicação da

[100] Idem, p. 183.

[101] Idem, p. 183.

> capital com os principais centros mundiais de negociação da borracha.[102]

As transformações sociais, urbanísticas, políticas e econômicas que ocorreram em Manaus a deixou mais semelhante ao que se via em outras capitais do Brasil, principalmente nas do sul e sudeste. Essas semelhanças podiam ser percebidas através das novas construções realizadas na cidade e no estilo de vida que as pessoas passaram a adotar. A partir do ano de 1900, as famílias tradicionais da cidade abriram suas casas para encontros sociais e culturais, "Nos anos 1900, abriram-se as casas de família para encontros, palestras, músicas, bailes e tertúlias literárias[103]".

Este também era um costume das famílias tradicionais da elite paulista no final do séc. XIX. Ao descrever as casas dos paulistas neste período, Maria Ângela D'Incao assevera que as casas possuíam salas e salões amplos, exclusivamente para receber visitas e realizar saraus, onde se liam poesias e tocavam-se pianos. Os espaços internos das casas eram mais aconchegantes, após a república as casas passaram a ser construídas longe da rua, separadas por calçadas, continham jardins e corredores ao redor, "ouve uma maior valorização da intimidade[104]"

> Nas casas, domínios privados e públicos estavam presentes. Nos públicos como as salas de jantar e os salões, lugar de máscaras sociais, impunham-se regras para o bem- receber e bem-representar diante das visitas. As salas abriam-se freqüentemente para reuniões mais fechadas ou saraus, em que se liam trechos de poesias e

---

[102] DAOU. Ana Maria. A belle époque Amazônica. Editora: Jorge Zahar, 2004. p 36

[104] D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In História das mulheres no Brasil. (ORG) Mary Del Priore. Carla Bassanezi (coord. De textos) 9 Ed – São Paulo: contexto, 2007. P 228.

> romances em voz alta, ou uma voz acompanhada por piano ou harpa.[105]

Ao pesquisar as práticas de sociabilidades e de afetividades das famílias de Nossa Senhora do Desterro/Florianópolis, no século XIX, Antonio Emilio Morga nos revela um mundo de luxo proveniente do mundo burguês que, segundo o autor, nesse período patrocinava na cidade do Desterro a clivagem de condutas e das reformas urbanas conclamada pela inebriante burguesia desterrense através de sua imprensa.[106]

> Desde os tempos coloniais que a sociedade desterrense mereceu elogios de quantos puderam penetrar na sua intimidade. Todos foram unânimes em tecer elogios à grã-finagem do desterro, mesmo quando dela havia apenas um pequeno circulo bastante reduzido e de pouca significação.E, tais elogios, tais referencias lisonjeiras, não raro se fizeram na base da comparação com outros centros, outras comunidades que não lhes pareceram superiores, antes, bem ao contrario. [107]

Ao descrever o cotidiano dessas famílias, Morga nos oferta uma paisagem de contradições e ambigüidades dessa população insular. Inserida nos ventos de modernidade trazidos pelo capitalismo internacional, a cidade aderia freneticamente aos novos modos de ser e estar em família. Na ilha do Desterro do século XIX, rara era a família que não possuía um piano na sala. Possuir um piano era sinal de distinção social e bom gosto.[108]

---

105 Idem, p 228

106 MORGA, Antonio Emilio. Nos Subúrbios dos Desejos: masculinidade e afetividade em Nossa Senhora do Desterro no século XIX. Manaus, EDUA, 2009, p. 85

107 CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro. Florianópolis, Lunardelli, 1979, p. 17.

108 MORGA, Antonio Emilio. Op.cit.; p. 92

A casa deveria estar sempre limpa e organizada, tudo perfeitamente em ordem para que os membros se sentissem confortáveis dentro dela. Não era conveniente que o trabalho e o esforço para mantê-la limpa e organizada aparecessem, apenas o resultado desse esforço é que tinha que ser notório entre os membros e visitantes do lar. Tudo deveria permanecer em uma constante harmonia. Além de representar o espaço onde as mulheres reinavam, a casa também era o lugar onde os primeiros aprendizados aconteciam, lugar de recordações da infância “A casa é o sitio de memória fundamental que nosso imaginário habita para sempre”.[109]

> A casa é o ninho, o local em que o tempo se suspende. A idealização do ninho leva a idealização da personagem da senhora do lar. E preciso que como uma fada, ela faça surgir a perfeição ocultando os esforços empregados para obtê-la, que se veja somente o resultado e não o trabalho da execução “Como maquinista da ópera, ela preside a tudo sem que a vejam em ação.[110]

Longe dessa realidade eram as residências das pessoas que viveram no interior do Amazonas no final do séc. XIX início do XX. Lugar onde a maioria das casas era de madeira e pequenas, ter uma casa de alvenaria com mais de um quarto e quintal grande já era um diferencial muito grande a ressaltar. As casas nas vilas e comarcas próximas aos seringais ofereciam um pouco mais de conforto em relação às casas dos moradores da mata, mas ainda assim não podiam ser comparadas com as casas da capital. A casa que dona Rosa Pereira de Lima colocou a venda no ano de 1918, localizada na comarca de Lábrea, nas

[109] PERROT, Michelle. Maneiras de morar. História da vida privada, vol. 4. Da revolução Francesa à Primeira Guerra. (ORG.) Michelle Perrot: Tradução, Denise Bottman, partes 1 e 2, Bernardo Joffily, partes 3 e 4 – São Paulo, Companhia das letras, 1991. p.321

[110] FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In: Historia da vida privada, vol. 4. Da revolução Francesa à Primeira Guerra. (ORG.) Michelle Perrot: Tradução, Denise Bottman, partes 1 e 2, Bernardo Joffily, partes 3 e 4 – São Paulo, Companhia das letras, 1991. P.201

proximidades dos seringais do rio Purus, com certeza era uma casa diferenciada das outras a sua volta, pois tinha vários quartos, inclusive para serem alugados, instalação elétrica, balcão, quintal, estava pintada e era toda cercada com arame.

> Vende-se uma boa casa situada a rua Purus, com diversos quartos para alugar, uma armação toda pintada e balcão, instalação elétrica, bom quintal todo cercado de arame farpado. Quem desejar fazer qualquer negocio, dirija-se ao café acreano, no mercado público com a proprietária Rosa Pereira de Lima. [111]

Na mata, a situação era bem diferente, porque os moradores só tinham duas opções para a construção de seus barracões, podendo construí-los, próximo aos rios e igarapés, para isso eles deveriam erguê-los sob enormes "pernas de pau", que visavam escapar das cheias do rio, ou construí-los longe das margens do rio, mantendo uma distância de segurança, mas essa escolha acarretava em algumas conseqüências, pois toda a água utilizada no barracão era retirada do rio.

O barracão era construído com madeira forte e resistente à água e ao calor excessivo da mata; a cobertura fazia-se com telha de zinco que os moradores traziam de Manaus e quando não havia essa possibilidade, cobria-se com palha[112]. Ao descrever o cenário que constituía os seringais do Amazonas, Arthur Cesar Ferreira Reis, afirma que nem sempre o bom gosto andou distante da mata. Segundo o autor, a medida que os seringais foram crescendo e ficando mais populosos, os estilos dos barracões foram mudando e ficando mais modernos. Muitos deles foram construídos com excessivo bom gosto, lembrando até mesmo alguns chalés europeus, com varandas, cerca de arame, proteção para moscas e animais nas janelas e um belo jardim em volta, feito com flores nativas.

---

[111] Jornal O Alto Purus 10-02-1918

[112] REIS, Artur César Ferreira. O Seringal e o Seringueiro. 2. ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. Governo do Estado do Amazonas, 1977. p 83.

> Mas o progresso, o bom gosto, nem sempre andaram fugidos do seringal. Eis que , do mesmo modo por que se passou do barracão único, em que tanta coisa se albergavam, para os barracões de destinação variadas, os tipos residenciais também se alteraram. Assim ao invés do barracão de aparência pouco agradável, denunciando o primarismo dos que o habitavam, houve e há hoje muita residência de seringalistas a feição de chalets europeus, de tijolo, alguns de dois andares cobertos de telha francesa, ou de telha de Algéria, muitos avarandados, telados de arame fino para evitar, à noite, permitindo um sono sossegado, o ataque dos mosquitos incomodativos e perigosos a saúde. Esses chalets, sinal de civilização batendo as portas dos seringais, tem a frente pequenos jardins, com flores nativas ou alienígenas e trepadeiras.[113]

As observações feitas por Arthur Cesar Ferreira Reis sobre as condições de alguns barracões no interior do Amazonas puderam ser confirmadas através de uma nota publicada no jornal “O Alto Madeira”, do ano de 1917, a qual descreve as condições que se encontrava o barracão central do seringal “Suspiro” antes do terrível incêndio que o assolou.

> Terrível tragédia foi aquela, conta-se que o senhor Roman Chaves e sua mulher dormiam tranquilamente quando as primeiras chamas começaram a surgir. Ao acordarem e verem que o fogo já estava alto, saíram em busca de ajuda. De tudo tentaram os seringueiros mais pouco puderam fazer. O barracão que doravante era tão belo já estava todo coberto pelo fogo.[114]

---

[113] Idem

[114] Jornal O Alto Madeira 27- 05-1917

As mulheres nos seringais também eram observadas pela forma com que conduziam suas casas. Entretanto, as condições oferecidas na mata para manter uma casa limpa e em ordem eram bem diferentes das oferecidas na cidade. As roupas eram lavadas nos rios, passadas no ferro a brasa, as casas muitas vezes encerradas com barro, a comida feita no fogão à lenha, o quintal varrido com vassoura de palha, feita muitas vezes pelas próprias mulheres, a carne e a verdura cultivada no próprio quintal. Manter a casa limpa era, além de uma obrigação da mulher, uma forma de prevenir doenças e epidemias que constantemente assolavam os seringais. As mulheres eram diariamente conclamadas pelos jornais a manterem suas casas limpas, asseadas, seus quintais sempre varridos, seus jardins aparados e as partes mais íntimas das casas sempre limpas para evitar a proliferação de qualquer doença.

> A higiene é o melhor remédio do mundo, ella dissipa todos os males extraordinários, como peste, endemia e epidemia. As mulheres devem sempre manter suas casas limpas, pois o asseio rigoroso nas casas, nos jardins, nos quintaes, nos recônditos mais íntimos da habitação afugenta o ar mephitico que envenena o ar puro que aspiramos, produzindo quase sempre a morte.[115]

A função de uma mulher casada era basicamente restrita à vida doméstica, seu papel era cuidar bem da casa, mantê-la limpa e organizada, cuidar da imagem social do marido e cuidar da educação social e religiosa dos filhos. Estas eram as funções básicas que uma mulher casada deveria desempenhar dentro do lar. As mulheres que conseguiam desempenhar com afinco tais funções eram reconhecidas como boas donas de casa. Ao pesquisar sobre os papéis que definiam uma boa dona de casa em Blumenau, Santa Catarina, Cristina Sheibe nos oferece algumas informações sobre o que deveria saber e fazer uma mulher para ser considerada uma boa dona de casa.

[115] Jornal do Purus 21-05-1911.

> Limpar, cozinhar, lavar roupa, costurar, bordar e tricotar. Era importante que a mulher soubesse fazer pão de cerveja; matar animais e preparar carnes, cuidar da criação, plantar e cuidar da horta e ajudar o marido em seu trabalho, fosse ele agricultor ou artesão, isso sem esquecer-se de cuidar da educação dos filhos do casal. O papel das donas de casa é, portanto de suma importância para a manutenção da família.[116]

Para além das obrigações com a casa, também se cobrava da mulher uma boa educação dada aos filhos. A mãe deveria se empenhar em oferecer educação moral e religiosa aos filhos. Os filhos eram observados do nascimento à vida adulta como o espelho do lar. Os jornais sempre parabenizavam os pais quando mais um rebento chegava à família.

> Felicitamos ao Sr. Capitão José Ferreira Brazil e sua amorável e virtuosa esposa D. Clotilde Uchoa residentes no seringal “Nova Amélia”do Purus, pelo nascimento de mais uma filhinha.

Como vimos no capítulo anterior, apesar do discurso burguês do final do séc. XIX restringir a mulher ao lar, as mulheres da elite da borracha que moravam nas vilas e comarcas próximas aos seringais do Amazonas tinham certa visibilidade no espaço público, porque transitavam pelas ruas, saiam às compras, freqüentavam bailes e encontros sociais, como também participam de encontros e festas religiosas. O documento abaixo é uma chamada à população da vila e seringais próximos ao rio Purus para assistirem ao espetáculo das pastorinhas, conhecidas como “Filhas de flora”, organizado por algumas senhoras. O espetáculo cumpria duas funções - religiosa e social, a renda arrecada com a apresentação das meninas serviria para ajudar a escola primaria noturna e a biblioteca pública da região, que seriam brevemente inauguradas.

---

[116] WOLFF, Cristina Sheibe. “Como se forma uma boa dona de casa”. A educação das mulheres teuto-brasileiras na colônia de Blumenau (1850-1900) In: Historia das mulheres de Santa Catarina. (Org). Antonio Emilio Morga. Argos editora Universitária e letras contemporâneas, Santa Catarina, 2001. P159.

> Realiza-se na próxima quinta feira, 24 do corrente uma encantadora representação das pastorinhas “Filhas de Flora” que tantos sucessos alcançaram nas festas de natal, anno bom e Reis, em beneficio da escola noturna de instrução primaria e biblioteca pública que a benemérita loja fraternidade e trabalho pretende fundar brevemente. O programa que será publicado na integra, naquelle dia, consta de números interessantes e dignos de serem apreciados pela nossa platéia, tomando parte as gentis amadoras que tanto agradam ao publico[117].

Além de se engajarem em projetos sociais, muitas senhoras, preocupadas com a educação de seus filhos, organizavam eventos para ajudar as escolas da região e assim arrecadar verbas para mantê-las. Não somente as senhoras, mas políticos, patrões e coronéis se uniam em favor da implantação de escolas nos seringais. Em alguns seringais havia escolas separadas entre meninos e meninas, em outros, as escolas eram mistas. No ano de 1911 a comarca de Lábrea, sede administrativa dos seringais do rio Purus, liberou uma verba para a criação de uma escola em um seringal denominado “Santa Maria”. Insatisfeitas por não terem uma escola também, as mães, moradoras de outro seringal denominado “Iracema”, realizaram uma campanha e colheram inúmeras assinaturas solicitando os mesmos direitos concedidos ao seringal de “Santa Maria”. O movimento chamou àtenção da imprensa e a nota foi publicada pelo jornal do Purus em 04 de junho de 1911.

> A lei do orçamento actual estabelece verba para a manutenção de duas escolas municipaes, uma nesta cidade e outra no logar “Santa Maria” de propriedade do Sr. Raymundo Antonio da Silva. Firmados no mesmo direito que alegam os moradores de Santa Maria, para a creacao de uma escola mixta, ali vem agora as mães do lugar “Iracema” de propriedade do Senhor Antonio

[117] Jornal O Alto Purus 20-01-1918

Gomes de Moura, um abaixo assignado solicitando igual favor. Acho justo o pedido e submetti-o por isso ao vosso critério de deliberação.[118]

Com a expansão do comércio no Amazonas e com os novos ares de modernidade pairando, muitas mulheres casadas "romperam com o lar" e saíram em busca de trabalho e oportunidade. Algumas chegaram a ocupar determinados cargos públicos, principalmente o magistério. "O magistério primário se constituía numa outra opção para a mulher da classe media[119]"

As mulheres da elite e de uma pequena burguesia que emergia nas cidades, por forca da expansão do comercio e dos serviços começavam a ganhar os espaços públicos conquistavam o direito ao magistério primário, e alguns cargos públicos e despontavam na Imprensa, com um discurso feminino, mais não ainda feminista[120].

As professoras nas escolas nos seringais eram muito queridas pela população, elas assumiam uma posição de respeito entre os moradores que as admiravam. Seus nomes apareciam nos jornais sempre por ocasião de aniversários, nascimento de filhos, falecimento e etc. Suas qualidades eram ressaltadas como bondosas, amáveis, simples e distintas.

Fez annos ante-hontem, dona Mariinha Rodrigues digna professora de prendas do grupo escolar "Francisco Sá, desta vila. A aniversariante que, incontestavelmente no meio social de Senna Madureira, é muito estimada pelas suas virtudes,

[118] Jornal do Purus 04- 06-1911

[119] SOIHET, Rachel. Condição Feminina e formas de violência**:** Mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920. Rio de Janeiro Forense Universitária, 1989. 171

[120] COSTA, Heloisa Lara Campos da. Op.cit.: p 288

> affabilidade de trato e bondoso coração, recebeu inequívocas provas de merecida distinção no dia do seu natal, festejado na intimidade com aquella nota de simplicidade característica da simpathia que a extorna[121].

A vida das mulheres casadas pertencentes à elite da borracha nos seringais do Amazonas era baseada nas atividades domésticas, no nascimento dos filhos, no zelo e cuidado com o marido, mas também era marcada por um cotidiano cheio de atividades, onde se envolviam em encontros religiosos, participavam de eventos de cunho sociais e algumas até ocupavam determinados cargos públicos, como o magistério.

A condição da mulher viúva, principalmente daquela que havia ficado viúva há pouco tempo, era diferente da condição da mulher casada, pois muitas vezes ela ficava absorvida com os problemas que a morte do marido trazia.

Ser e estar viúva no final do séc. XIX e inicio do XX, não era uma condição muito favorável à mulher. Alguns padrões de comportamento eram impostos a ela na condição de viúva, e a sociedade a observava quanto ao cumprimento ou não desses padrões e regras. Por ter tido uma vida sexual ativa, a viúva representava ameaça, era tida como sexualmente perigosa, e esta condição a deixava muito vulnerável em relação à sociedade e aos homens.

Não era bom que a mulher estivesse só, ela deveria estar sempre sob a proteção de alguém, pois acreditava-se que a mulher sozinha era mais propensa a cometer erros. Quando solteira, a mulher deveria viver sob a guarda e a proteção da mãe, e quando casada, do esposo. A mulher sozinha era tida como desprotegida e a qualquer momento poderia fraquejar.

> Se há uma coisa que a natureza nos ensina com clareza é que a mulher é feita para ser protegida,

[121] Jornal Senna Madureira 27-01-1913

para viver quando jovem junto a mãe, e esposo sob a guarda e autoridade do marido[122].

Certa ocasião o Bispo do Pará apresentou, através de uma carta pastoral que anunciava o jubileu da diocese de Belém, uma série de normas de conduta que as mulheres deveriam seguir. Registrada na obra da socióloga Heloísa Lara, essa carta apresentava nove dicas de comportamento que as mulheres viúvas deveriam seguir para serem consideradas puras, honestas e atingir a santificação.

- ♦ Viver pura como as virgens;
- ♦ Vigilante como as casadas;
- ♦ Dar exemplo de virtudes a umas e outras;
- ♦ Ser amiga do retiro;
- ♦ Inimiga dos divertimentos mundanos;
- ♦ Aplicada à oração;
- ♦ Cuidadosa pelo seu bom nome;
- ♦ Amante da mortificação;
- ♦ Zelante pela gloria de Deus.

Além desses fatos, com a morte do marido recaía sobre ela toda a responsabilidade do lar tanto moralmente quanto economicamente. Quando a mulher, não apresentava condições de manter o lar, sozinha, a viuvez passava a

[122] PERROT, Michelle. Solteiros e solitários. In: Historia da vida privada, vol. 4. Da revolução Francesa à Primeira Guerra. (ORG.) Michelle Perrot: Tradução, Denise Bottman, partes 1 e 2, Bernardo Joffily, partes 3 e 4 – São Paulo, Companhia das letras, 1991. P.298

ser um tormento em sua vida. O peso da responsabilidade de sustentar os filhos era o que as levavam a saírem em busca de trabalho e oportunidades, e quando não conseguiam essa oportunidade tinham que recorrer à solidariedade de parentes e amigos. “Na ausência de bens por parte dos filhos, cabia alimentá-los a custa do seu patrimônio pessoal, havendo impossibilidade o dever era transferido aos parentes[123]”

Além de lidar com os olhares observadores da sociedade, administrar a ausência do marido, cuidar da casa e dos filhos e tomar as providências para o bom andamento do lar, a mulher viúva tinha que providenciar o inventário e muitas vezes resolver pendências judiciais deixadas pelo marido. Todas essas situações exigiam da mulher viúva um pouco mais de coragem e audácia diante da vida, para isso ela não podia ficar presa aos padrões de comportamento exigidos pela sociedade

Alguns processos de acordos civis envolvendo viúvas de seringalistas, mostraram que as mulheres, ao ficarem viúvas, não hesitavam em lutar e até brigar se fosse preciso para garantir o patrimônio deixado pelo marido. O caso de dona Juliana Maria Alves de Araujo, apresentado a seguir, mostra claramente que essa viúva lutou na justiça insistentemente para defender parte de um seringal que ficou ameaçado após a morte do marido.

Na qualidade de mãe e tutora de seu filho menor chamado Amaury, no dia 27 de agosto de 1920, requereu ao doutor juíz de direito dos feitos da fazenda do Estado do Amazonas, um mandato proibitório contra Francisco Bayma do Lago, alegando que este lhe estava invadindo a posse de propriedade “Serra Azul”, um seringal que se localizava em ambas as margens do rio Guariba, afluente do rio Aripuanã, que por sua vez é tributário do rio Madeira. Consta no processo que o seringal “Serra Azul” confrontava-se pelo lado de cima com o seringal Pajurá que pertencia ao senhor coronel Francisco Bayma do lago. Com a morte do esposo de D. Juliana , o Sr Francisco Bayma achou-se no direito de

[123] SAMARA, Eni de Mesquita. As mulheres, o poder e a família. São Paulo: Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989. p 151.

invadir parte das terras que outrora pertencia à dona Juliana. Insatisfeita com a situação, D. Juliana passou a brigar na justiça pelos seus direitos.

> Diz que o seringal “Serra Azul” confronta-se pelo lado de cima (norte) com o seringal “Pajurá” pertencente hoje a Francisco Bayma do Lago, a começar no estirão _ Cabelo de Cuia_ e ao sul, com o igarapé “Água Branca”, também conhecido por “Acote”, propriedade que diz ter seu falecido marido coronel João Martins de Araujo Adquirido por usucapião onde vinha mantendo uma posse trintenária, com trabalhos constantes por si e por seus fregueses e aviados[124].

Segundo dona Juliana M. Alves, ela, juntamente com seu marido, ha trinta anos vinham fazendo benfeitorias no seringal “Serra Azul”. Abrindo estradas de seringa, contratando seringueiros, cultivando a terra e criando animais, e que de acordo com o tempo em que isso vinha acontecendo já havia se caracterizado diante da lei a posse da terra por usucapião, sendo assim recaía sobre ela o direito àquelas terras e não ao senhor Francisco Bayma do Lago.

O problema e que a viúva não tinha nenhum documento que comprovasse o cultivo daquelas terras por todos esses anos. O único argumento apresentado por ela é que tinha testemunhas que podiam comprovar o tempo em que ela, juntamente com o marido falecido, vinham ocupando aquelas terras.

> Não a dúvidas que aquelle que por trinta annos, sem interrupção nem opposição, possuir como seu um imóvel, fazendo nelle plantações e benfeitorias, adquirir-se-lhe-á o domínio, mas no caso em espécie, está provada essa posse trintenária? Não, existe, é verdade nos autos, uma justificação, na qual depuseram quatro

[124] Processo de acordo civil – 27-08-1920

> testemunhas, tomadas no juízo de Borba, affirmando ter o coronel João Martins de Araujo, posse trintenária no seringal Serra azul, aonde por si e por fregueses seus vinha trabalhando por todo aquele tempo[125].

A falta de documento que pudesse comprovar a posse do seringal levou dona Juliana Maria Alves a perder em primeira instância o direito de permanecer naquelas terras. Mas a viúva não se conformou com a decisão do juiz e como consta no documento, dona Juliana Alves recorreu da decisão e tentou mais uma vez reaver a parte do seringal que havia perdido.

> Com essa decisão não se conformou a autora D. Juliana Maria Alves de Araujo e da mesma appelou para esta superior instancia, onde foi reformada a sentença appelada, para se julgar procedente a ação nos termos pedidos na petição inicial[126].

A expressão "a viúva não se conformou" com a decisão do juiz demonstra que dona Juliana se indignou, não aceitou, não admitiu, contestou a decisão final, pouco se importando com o julgamento alheio, com os olhares críticos da sociedade que condenava esse tipo de comportamento para uma mulher na condição de viúva e brigou novamente pelo seringal Serra Azul.

Mas o desfecho desta história não foi favorável à viúva. Reaberto o processo as testemunhas que dona Juliana dizia ter em seu favor foram convocadas a depor, porém não se sabe como, duas delas depuseram contra a viúva. A primeira, Inocêncio Antonio Gonçalves, alegou que não sabia da existência do seringal Serra Azul, que nunca havia entrado no rio Aripuanã, que há muito tempo atrás assinou uns papéis a pedido de João Martins, mas assinou-os

---

[125] Idem

[126] Idem

sem ler, porque se trava de uma pessoa conhecida e se soubesse que se tratava de explorações naquele rio, não teria dado sua assinatura, pois desconhecia o lugar.

> Innocencio Antonio Gonçalves, que ultimamente reinquirido, declarou em folhas 53 a 53 v.,"que ignora a existência do seringal Serra Azul no rio Guariba; que nunca entrou no rio Aripuanã, que achando-se a annos passando em Borba, ali encontrou o coronel João Martins de Araujo, a pedido de quem assignou, sem ler, uns papeis de inventário, segundo lhe dissera o mesmo coronel João Martins de Araujo, pois se soubesse tratar-se de explorações no rio Aripuanã não teria dado sua assignatura porque não conhece e nunca entrou no rio Aripuanã[127]".

A segunda testemunha convocada foi Antonio Lopes de Oliveira, este declarou que morava em Borba a mais de 34 anos e que já havia sido intendente e delegado de polícia na região, mas que nunca havia entrado no rio Aripuanã, e que nunca havia ouvido falar que o coronel João Martins de Araujo houvesse explorado terras naquela região. Que em 1919 ele havia encontrado o coronel João Martins por aquelas bandas, mas que nunca assinou documento algum pra ele, que seria incapaz de dar sua assinatura sobre coisas que ele desconhecia.

> A segunda testemunha, Antonio Lopes de Oliveira, também reinquirida, declarou a fls. 54 que reside no município de Borba fazem 34 annos, aonde já foi intendente e delegado de polícia, que nunca entrou no rio guariba, affluente do Aripuanã, que nunca ouviu dizer nem sabe que o coronel João Martins de Araujo havia explorado e occupado terras em nome de Serra Azul. Que effetivamente, elle depoente esteve em Borba em fins de 1919, onde encontrou o coronel João Martins de Araujo, mas pode asseverar e

[127] Idem

> assegurar, não ter assignado documento algum que tivesse relação com o coronel, ou com o rio Guariba, que não conhece, que seria incapaz de dar seu testemunho sobre factos e cousas que não conhece, que protestava, portanto contra o conteúdo do seu depoimento constante da certidão de uma justificação, que consta se ter feito em Borba em 1919.

Dona Juliana Maria Alves, viúva do coronal João Martins acabou perdendo definitivamente a causa na justiça para o Sr. Coronel Francisco Bayma do Lago, este por sua vez pode ampliar seu seringal que fazia divisa com o seringal Serra Azul, lugar aonde dona Juliana, seu falecido marido João Martins e seu filho Amaury haviam passando bons tempos de suas vidas. Entretanto, alguns fatores nos chamam a atenção neste processo, o primeiro foi a coragem que teve uma viúva de lutar contra um coronel. Os coronéis geralmente eram homens temidos e respeitados por todos, eram homens que não se intimidavam ao mostrar sua masculinidade caso fossem desafiados "Os patrões geralmente apresentavam características que eram vistas como parte da masculinidade: coragem, destemor, determinação[128]". Dona Juliana não se deixou intimidar diante do coronel Francisco Bayma do Lago, pelo contrário, quando os indicadores do processo apontaram uma suposta vitória para ele, ela se vê indignada e resolve recorrer da decisão da justiça. Comportamento que mostra que ela não temia o fato dele ser um coronel.

O segundo aspecto que me chamou a atenção nesse processo diz respeito aos depoimentos dados pelas testemunhas. Chamadas a depor as duas foram unânimes em dizer que não conheciam aquelas terras, que não sabiam da existência de exploração naquele rio, que estiveram com o coronel João Martins a muito tempo atrás e a pedido dele assinaram alguns documentos sem muita noção do que se tratava. A indagação que surge é, a quem seria mais interessante defender? Uma viúva que possuía como um único bem um seringal que não tinha

---

[128] WOLFF, Cristina Sheib. Op.cit.: p 207

sequer uma escritura ou um coronel, homem de grande influência na região temido e respeitado por todos?

Ao perder as terras de onde tirava seu sustento e do seu filho, dona Juliana provavelmente teve que encontrar outra forma e reinventar a vida. A luta da viúva Juliana Alves foi a luta de muitas mulheres viúvas nos seringais do Amazonas. A morte do marido trazia dívidas, problemas com heranças, problemas com terras e brigas na justiça.

Mas nem todas as viúvas acabavam tendo o desfecho de suas histórias de forma negativa. Alguns processos de acordos civis indicam que muitas viúvas lutaram e ganharam, outras entraram em acordos com os requerentes e conseguiram assim resolver suas pendências judiciais. Dona Cândida do Monte Cavalcante, por exemplo, viúva de José Rodrigues Cavalcante, herdou uma dívida deixada pelo marido no valor de cento e dez contos de réis em nota promissória. A dívida se estendeu do ano de 1911 até o ano de 1914, quando Raymundo Rodrigues da Cunha resolveu reaver o dinheiro e entrou na justiça contra a viúva e esta teve seus três seringais penhorados, “Caviana”, “São Miguel” e “Novo Horizonte”

> Raymundo Rodrigues da Cunha, comerciante e residente no seringal, Sacacado, rio Pauhiny termo da Lábrea, sendo credor do fallecido José Rodrigues Cavalcante, da quantia de cento e dez contos de réis (110.000$000) constante da nota promissória vencida em trinta de maio de 1911, requereu, em trinta de maio de 1914, ao juiz municipal daquelle termo a expedição de mandato executivo contra a viúva do referido Cavalcante, D. Cândida do Monte Cavalcante e seus filhos impúberes, herdeiros do devedor, tudo de acordo com a lei n.2.044 de dezembro de 1908. Em conseqüência foram penhorados os seringais Caviana, São Miguel e Novo Horizonte de propriedade da viúva e herdeiros do devedor. [129].

Dona Cândida entrou em composição amigável com Raymundo Rodrigues da Cunha e conseguiu resolver a pendência que vinha se arrastando

[129] Processo de apelação civil – 14-01-1916

para mais de três anos. Não se sabe se ela ofereceu um seringal em troca da dívida ou se tinha condições financeiras para saná-la. O que se sabe é que ela e Raymundo resolveram a questão de forma amigável, e dona Cândida provavelmente garantiu parte do patrimônio deixado pelo marido para os filhos.

> Neste pé a causa, a viúva D. Cândida do Monte Cavalcante, como tutora nata de seus filhos menores, havido de seu casal com o fallecido, José Rodrigues Cavalcante por escriptura pública lavrada nesta capital em notas do tabelião Barroso, a 28 de dezembro de 1915 entrou em composição amigável com o credor exeqüente, ora embargante, Raumundo Rodrigues da Cunha, dando-lhe este plena e geral quitação do debito exeqüendo custas e despesas judiciais e extras judiciais constantes dos autos da accao executiva mediante a ratificação de todos os actos e termos do processo, para o fim de ser expedida e ele, exeqüente a competente carta de arrematação[130].

Ao morrerem os maridos, inúmeros problemas enfrentavam as mulheres ao ficarem viúvas, mas nem todas se esmoreciam diante deles. Os documentos mostram que elas acabavam dando conta de criar os filhos, cuidar da casa e lutavam para não deixar “escapar das mãos” tudo que fora construído durante uma vida conjugal. Quando não resolviam pessoalmente os problemas, recorriam a advogados e davam a eles plenos poderes para responder por elas. Algumas viúvas acabavam refazendo a vida, casando-se novamente ou simplesmente amasiando-se.

> Dizem, João Martins da Encarnação e Celina Soares Corrêa, abaixo assignados que, tendo contractado casamento um com outro, desejam que o acto tenha logar o mais breve possível para evitar danos que a menor demora possa acarretar. Afirmam que o justificante é viúvo, sem bens a inventariar, de cinqüenta e um anos de idade, filho de Manoel Vicente da Encarnação. Afirmam também que a justificante e viúva, sem bens a inventariar, de quarenta e dois anos de idade, filha de Manoel dos Reis Soares, e Victoria da Costa Soares[131].

[130] Idem

[131] Processo para habilitação de casamento - 1920

Além das mulheres viúvas, nos seringais do Amazonas muitas mulheres se encontravam na condição de amasiadas. Devido às dificuldades enfrentadas para a oficialização do matrimônio e, a comodidade que era amasiar-se muitos casais optavam por esta condição. “O casamento civil era, pode-se dizer, até raro, além de restrito a uma só vez, não dando conta da diversidade de relações existentes[132]. Esta realidade era percebida no Brasil, não somente no interior do Amazonas, mas até nos grandes centros urbanos dos séc. XIX e XX, onde muitos casais constituíam seus lares através de uniões informais. “O lar idealizado pelo discurso dominante na verdade, não encontrava ressonância na vida real do Brasil, no começo do século[133]”.

> O casamento era uma opção para uma parcela ínfima da população, representando a união de interesses entre a elite branca. Entre as camadas mais baixas da população predominava os concubinatos, inclusive devido aos autos custos das despesas matrimoniais[134].

Nos seringais as uniões informais podiam ser duradouras ou passageiras. As mulheres amasiavam-se com um homem e com ele ficavam caso fosse interessante permanecer na relação, do contrário elas não hesitavam em partir para outra relação que julgavam ser menos conflituosa. Esse tipo de união teve sua origem nos seringais do Amazonas, logo com a chegada dos primeiros seringueiros à mata. O número de mulheres brancas, nesta época, era bastante reduzido em relação ao número de homens, logo, essa situação fez com que os seringueiros recorressem às índias e com elas passassem a viver através destas uniões tidas como informais. Os homens da mata viam nas uniões informais a única alternativa de possuir uma mulher, e entre os casais não havia preconceito quanto à condição de amasiados. “Para os populares, estar amasiado era

---

[132] WOLFF, Cristina Sheib. Op.cit.: p.114.

[133] MALUF, Maria e MOTT, Maria Lucia. “Recônditos do mundo feminino”. In: NOVAIS, Fernando A. (Org) História da Vida Privada no Brasil 3. República: da Belle époque à era do rádio. 1998. São Paulo: Cia das Letras. P 376.

[134] SOIHET, Rachel. Op.cit.. p 249.

considerado um estado próprio da sua cultura, equivalente a um estado civil da ordem jurídica"[135].

Em entrevista concedia à historiadora Cristina Sheibe Wolff, dona Mariana, filha de uma índia que havia sido pega em uma "correrias" conta como foi a vida de sua mãe desde quando fora capturada e levada para viver com seringueiros,e de como foram se constituindo seus relacionamentos conjugais no decorrer de sua vida

> Que não tinha sorte minha mãe, ela se juntou-se com o primeiro que pegou ela, o rapaz, ai quando tava com dois anos ai ele morreu, ela ficou só, ai se ajuntou-se um cearense, ai passou cinco anos mais esse cearense, ai ele era muito malvado pra ela, judiava muito, ela deixou. Ai foi e ficou na casa desse compadre dela, esse veio, ai passou bem dois anos com esse compadre dela, todos dois era cearense. Ai tinha um rapaz pernambucano ai se engraçou-se dela, foi lá, foi lá morar mais ele. Ela disse que queria[136].

Nota-se por este relato, que a mãe de dona Mariana teve vários relacionamentos e todos na condição de amasiada. Da mesma forma repentina em que essas uniões começavam, elas terminavam. No caso dessa senhora, um marido morreu, o outro ela abandonou por que a judiava, o outro era mais velho, e por fim, o último se apaixonou por ela, e ela não hesitou em largar tudo e ir viver com ele.

Desde a época dessas "correrias", capturar mulheres e com elas passar a viver, tornou-se uma prática comum nos seringais, e mesmo quando o número de habitantes aumentou, as uniões informais continuaram sendo o meio mais rápido e mais fácil de manter uma relação conjugal. O número de casais nos seringais que viviam na condição de amasiados era tão expressivo que certa ocasião o escrivão de paz da cidade de Lábrea, comarca do rio Purus, divulgou uma nota no jornal

[135] AREND. Silvia Maria Fávero. Amasiar ou casar? A família popular no final do sec. XIX. Porto Alegre. Editora da Universidade UFRGS, 2001. p 61.

[136] WOLFF, Cristina Sheib. Op.cit.: p. 166.

convocando os moradores que se encontravam amasiados e que não tinham condições financeiras para oficializar o casamento, a comparecerem, até o dia 31 de dezembro de 1915, para realizarem gratuitamente o matrimônio, para que desta forma saíssem da condição infeliz moral e social em que se encontravam.

> O Escrivão de paz desta cidade, lammentando immensamento a situação infeliz, moral e social em que se acham muitos patrícios e patrícias tão dignos de melhor sorte, por estarem ligados por outra união que não seja pelos vínculos do casamento civil, único valido e reconhecido pela republica na forma do artigo 72 da nossa carta constitucional, resolveu fazer ate dia 31 de dezembro do vigente anno e absolutamente grátis para que não se pretexte falta de recurso, o casamento das pessoas reconhecidamenteate pobres, que ate esta data estejam unidas pela cerimônia religiosa e que se habilitem nos termos do artigo primeiro do dec. 181 de 1890[137]

Ao perceber que esta era também a condição de muitos casais em Minas Gerais, no decorrer do séc XIX, Luciano Figueiredo, explica por que as instituições insistiam tanto em combater esse tipo de união.

> E por que tantos esforços por parte dos poderes institucionais? A disciplina, a definição dos papeis, a austeridade e a tolerância subjacentes ao modelo cristão de organização familiar tornavam-se elementos que justificavam os esforços da ordem temporal e espiritual. Cabia disciplinar não apenas os papeis sociais, mas também os afetos e o uso do corpo[138].

Para a sociedade não era bom que os casais vivessem amasiados, o melhor a fazer diante da lei dos homens e da lei de Deus era mesmo oficializar o casamento. Mas nem sempre isso era possível. Silvia Maria Fávero Arend, ao estudar sobre o cotidiano dos casais amasiados em Porto Alegre, afirma que

---

[137] Jornal Purus 10-11-1915

[138] FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In História das mulheres no Brasil. (Org.) Mary Del Priore. Carla Bassanezi (coord. de textos) 9 Ed – São Paulo: contexto, 2007. p 167.

mesmo havendo a possibilidade de oficializar o casamento os populares preferiam a condição de amasiados. Para a autora o amasiamento fazia parte da cultura deles, que eram fiéis ao seus costumes.

> Mesmo havendo a possibilidade legal do casamento, e ainda a expectativa de realizá-lo, os populares preferiam o amasiamento. Ao realizarem essa opção diante da encruzilhada cultural que se estabelecia, os populares escolhiam dentro de um universo cultural, ou seja, permaneciam fiéis ao seu próprio universo[139].

Para a justiça e para a polícia, o amasiamento também não era reconhecido como uma união formal, e os amasiados eram considerados por eles como solteiros. “Já a polícia e a justiça, devido à ausência de contrato de casamento consideravam os amasios como solteiros”, ou seja, não havia reconhecimento dessa união por nenhuma instituição. Conseqüentemente a mulher amasiada não tinha diretos sobre nada que fosse do amásio, mesmo diante de anos de relação. As uniões surgidas à margem do matrimônio eram identificadas com o nome de concubinato de acordo com o Código Civil de 1916. Com o propósito de proteger a família constituída pelo casamento, este código omitiu-se em regular as relações extra matrimoniais. “Em alguns casos acabou por puni-las, vedando doações a instituição de seguro e a possibilidade de a concubina ser beneficiada por testamento”[140].

A falta de direitos sobre os bens adquiridos no período de relacionamento era um dos problemas que a mulher amasiada enfrentava. Situação difícil foi a que se encontrou dona Ana Cândida Lobo, quando emprestou uma quantia em dinheiro para que seu amasio pudesse entrar como sócio em uma casa aviadora conhecia como Jayme Jorge & irmão. As casas aviadoras eram grandes centros comerciais que tinham a função de receber e

---

[139] AREND. Silvia Maria Fávero. Op.cit.: p.65

[140] Sobre a condição da mulher concubina no sec. XIX e XX, ver: PEREIRA, Rodrigo da Cunha. Concubinato e união estável: De acordo com o novo Código Civil. 6. ed. rev. atual. e ampl. Rio de Janeiro: Del Rey, 2001.

distribuir toda a borracha produzida nos rios, eram elas quem despachavam a borracha para o exterior, enviavam trabalhadores para os seringais, abasteciam os barracões, se encarregavam de realizar empréstimos a bancos locais a curto e a longo prazo, se ocupavam da compra e venda de navios e vapores, se encarregavam da distribuição de ferramentas necessárias para os trabalhadores, além de decidirem todos os trâmites da venda e o destino que a borracha tomaria após sair dos seringais. Para Barbara Weinstein as casas aviadoras eram o elo mais importante na cadeia comercial da Amazônia[141].

> As casas aviadoras são os estabelecimentos comerciais que se constituíram para abastecer os seringais, deles recebendo em troca, a borracha que produzem e na posse dela realizar as operações de venda para o exterior[142].

Por motivos que não se encontraram expressos no documento, a casa aviadora Jayme Jorge & irmão não teve êxito em seus negócios e veio à falência no ano 1907. Dona Ana Candido havia emprestado ao seu falecido amasio uma quantia em dinheiro para que ele pudesse entrar na sociedade com Anthero de Sá, entretanto, com a falência da empresa, ela passou a lutar na justiça para que de alguma forma pudesse ser ressarcida do valor emprestado. Mas segundo Anthero de Sá, a quantia que a amásia de seu sócio havia emprestado inicialmente fora referente a 19:000$000 (dezenove mil contos de réis) e que após o desfecho e falência da firma, dona Ana alegava ser uma quantia superior, referente a 30:000&0000 (trinta mil contos de réis) os quais exigia que fossem pagos em forma de móveis e utensílios que restaram do acervo da casa aviadora Jayme Jorge & irmão, conforme havia sido acordado em contrato de penhor.

> Anthero de Sá liquidário da massa fallida Jayme Jorge & Irmão, usando da atribuição que lhe confere o art. 88& da lei n 2024 de 17 de dezembro de 1908, quer propor contra D. ANNA CANDIDA LOBO uma ação summaria especial, correr da qual o suplicante se propõe a provar:

[141] WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo: HUCITEC – Editora da Universidade de São Paulo, 1993. p34.

[142] REIS, Artur César Ferreira. Op.cit.: p.172.

> Que a suplicada concubina do sócio solidário da firma fallida Jayme Jorge, segundo a relação organizada pelo syndico, foi incluída como credora chirographaria da importância de 19:000$000 reis provenientes de dinheiro que allega haver emprestado aos fallidos. Que no mesmo processo da fallencia, a mesma suplicada D. ANNA CANDIDA LOBO, apresentou-se como credora de 30.000$000 reis em dinheiro que allega haver emprestado à firma fallida da qual o seu amasio faz parte, sob a garantia pignoratícia de moveis e utensílios pertencentes ao acervo da massa[143]

A decisão do juiz foi a de que dona Ana Cândida Lobo não tinha nenhum direito sobre os bens da firma falida, primeiro por não ser ela esposa legítima do sócio de Anthero de Sá, segundo porque o juiz entendeu que dona Anna estava forçando um acordo com Anthero de Sá, para através deste acordo se beneficiar de alguma forma com o que havia sobrado da referida firma. Para o juiz o contrato de penhor que a amásia dizia ter, estava cheio de fraudes e não serviria para beneficiá-la.

> Que impugnado esse credito de 30.000$000 reis pelo credor Baptista Jorge, depois de processo regular, que correu seus tramites legaes, julgou este juízo (Doc. n 1) que tal contracto de penhor era manisfestamente simulado e eivado de fraude, decretando, por isso, a sua ineficácia, e a sua exclusão da supplicada, que já havia aberto mão do pretenso privilegio para forçar a passagem de uma concordata, tornando-se credora chirographaria, decisão essa que foi confirmada em recurso de aggravo della interpotso, pelo superior tribunal de justiça[144].

Na condição de amasiada, dona Ana Cândida não tinha direitos sobre nada que pertencesse ao seu amásio, desta forma a quantia emprestada para ele iniciar a firma com Antero de Sá era praticamente impossível de ser recuperada. Na prática a sociedade não demonstrava preconceito em relação às uniões informais, isso porque o número de pessoas que se encontravam nesta condição

---

[143] Processo de acordo civil - 1920

[144] Idem

nos seringais era grande, mas quando os casais amasiados tinham problemas com a justiça, com a igreja, ou com a polícia, estes não reconheciam a união.

A história de dona Ana não termina com a perda da causa na justiça. Convocada a prestar depoimento sobre as origens do dinheiro que havia emprestado aos sócios da firma Jayme Jorge & irmão, ela é questionada quanto a sua conduta moral. De acordo com o depoimento a amasiada ora se dizia costureira, ora prostituta e ora prestamista de grossas quantias. Essa situação revelou uma má conduta de dona Ana, o que acabou por contribuir ainda mais com a decisão do juiz de dar a causa ganha para o Sr. Anthero de Sá, que não precisou pagar ou devolver em forma de bens, nenhum móvel ou utensílio à referida senhora.

> [....] reconhecendo a sentença deste juízo que a suplicada – Ora se diz costureira, ora se diz prostituta de casa aberta, ora se diz prestamista de grossas quantias, ignorando na realidade de quando se diz credora, os juros porquanto emprestou o dinheiro e o modo porque o adquiriu. [....] se pede a sua exclusão, pelas razões expostas, de credora da fallencia de JAYME JORGE & IRMAO, para o fim de decretada afinal a exclusão pedida, ser cancelado no quadro geral de credores o crédito de que a supplicada falsamente se diz titular, por ser o mesmo fraudulento, sendo condenada nas custas e prosseguindo nos ulteriores termos de direito[145].

A história relatada neste processo revela que um dos problemas enfrentados pela mulher amasiada era o de não ter direitos sobre os bens do amásio, mesmo que de alguma forma tivesse tido participação na aquisição deles. Revela também que as instituições não reconheciam o amasiamento, deixando explícito que algumas mulheres amasiadas podiam ser questionadas quanto a sua conduta moral.

Além destes problemas, as mulheres amasiadas aparecem muito em processos criminais dos seringais do Amazonas. Os motivos da violência contra elas são bem variados, podendo ser ciúmes, defesa da honra, interferência de

[145] Idem

parentes e amigos na relação, convivência com filhos de outros relacionamentos e traição. Agravando a estes fatos, nos seringais do Amazonas, por um bom tempo o número de homens foi bem mais expressivo do que o de mulheres, o que os deixavam os extremamente inseguros. Em contrapartida, as mulheres podiam escolher seus parceiros. Tudo isso gerava conflito e violência entre casais amasiados, provocando um alto índice de violência entre eles. Como podemos observar no inquérito que buscava explicar a morte de Rosa Amância de Almeida e do amásio de sua irmã, ambos assassinados pelo suposto Raulino de Tal, conforme o documento.

> Ilustríssimo Senhor subdelegado, constando que o individuo de nome Raulindo de tal, assassinou a Rosa Amâncio de Almeida, sua amasia, a 30 de maio do corrente, sendo testemunha deste facto, Francisca Pinheiro, moradora na Terra Preta em cuja casa faleceu Rosa e a José Parente, amasio da irmã de sua victima.[146]

Histórias de amor e histórias de vidas. Mulheres que amaram e fizeram dos sentimentos legais ou ilícitos a eterna primavera desse viver apaixonado.

A floresta não só suscitava a riqueza mas também amores, dores, namoros, casamentos e amasiamentos. Nela e através dela, famílias se constituíram e constituíram os seringais no final do século XIX e início do século XX. Homens e mulheres, através das relações afetivas, criaram sua prole nas cercanias dos seringais do Amazonas.

Nas vilas e comarcas passaram a viver aqueles que optaram por estarem mais próximos aos seus “negócios” e desta forma acompanhar de perto a extração do látex na mata e o desfecho final que era dado à borracha após sair dos seringais. Esses moradores viviam em condições mais simples comparadas às condições em que viviam os casais ricos em Manaus. Suas casas eram mais modestas, pois o interior do Amazonas não acompanhou as transformações sociais que aconteceram na capital. Nos seringais moravam aqueles em que o “negócio” da borracha exigia a presença diária na mata:, patrões, seringueiros e um ou outro

[146] Inquérito sobre a morte de Rosa Amacio de Almeida 30-06-1909

comerciante que vivia do abastecimento de seringais. Com suas respectivas famílias, esses moradores viviam em barrocões de madeira suspensos do chão devido aos problemas que as cheias dos rios poderiam causar.

Algumas mulheres casadas eram engajadas em projetos de cunho social e religioso. Com a expansão do comércio na região e com as transformações sociais ocorridas no Amazonas no final do séc. XIX, muitas mulheres casadas passaram a ocupar alguns cargos públicos e a opção que mais lhes chamou àtenção foi o magistério. Nesta função elas eram respeitadas e queridas, os moradores tinham uma admiração e um senso de agradecimento muito grande pelas professoras. "A profissão de professora de meninas requeria simplicidade, modéstia e discrição, além é claro, de dons naturais[147]".

As mulheres viúvas viviam sob um forte discurso moral e religioso ditado pela classe dominante, porém na prática, esse discurso não encontrava ressonância, pois os problemas que emergiam da condição de viúva exigia da mulher mais coragem e atitude diante da vida. Dívidas, problemas judiciais, repartição de herança, feitura do inventário, criação de filhos e sustento da casa eram os principais problemas que a mulher viúva se deparava após a morte do marido. Os documentos mostraram que as mulheres viúvas, nos seringais do Amazonas, na sua grande maioria, não se intimidavam diante dessas dificuldades, mas conseguiam resolver seus problemas e muitas, inclusive, refaziam suas vidas casando-se novamente ou amasiando-se.

Mas a grande maioria das mulheres vivia mesmo era na condição de amasiada. Além de esta ter sido uma cultura implantada nos seringais desde os tempos das correrias, as dificuldades de oficializar um matrimônio eram muitas, e os casais acabavam optando pela via mais fácil, que era o amasiamento. Entretanto, essa condição não era muito favorável ao casal, pois não era reconhecida pelas instituições. As mulheres amasiadas não tinham direito sobre os bens adquiridos durante o relacionamento, e essa situação não era favorável a

---

[147] CUNHA, Maria Teresa Santos. Práticas de leitura entre professores primários. In: Historia das mulheres de Santa Catarina. (Org). Antonio Emilio Morga. Argos editora Universitária e letras contemporâneas, Santa Catarina, 2001. P 212.

mulher. Muitas mulheres amasiadas sofriam violência de seus parceiros, e este é um dos motivos porque muitas delas estavam sempre trocando de parceiros.

Um estudo interessante que buscou revelar a relação entre mulheres amasiadas e violência foi o trabalho de Sidney Chaullob. A obra "Trabalho, Lar e Botequim", analisa os padrões de comportamento revelados por homens e mulheres da classe trabalhadora ao se envolverem em relações de amor na cidade do Rio de Janeiro no decorrer do séc.XIX. Seu estudo contribui para pensarmos até que ponto o discurso moral da ordem burguesa influenciava o comportamento no dia a dia desses casais. Neste sentido, o autor revela alguns fatores que disparavam a violência entre os casais amasiados: por não terem condições de morar sozinhos, alguns casais dividiam a casa com outros parentes, essa situação acabava causando a interferência de outros na relação; por haver um número bem maior de homens na cidade, a mulher não se sentia presa a um só homem, pois sabia que se não desse certo com um, facilmente arrumaria outro; muitos desses casais tinham filhos de outros relacionamentos e a convivência com esses filhos também traziam conflitos.

> Três fatores fundamentais da vida dessas pessoas pareciam determinar mais fortemente o seu ato de amar. Havia a necessidade da existência de fortes laços de solidariedade entre parentes, compadres e amigos, o que levava a uma maior probabilidade de interferência de outros indivíduos nos problemas de relacionamento entre os casais. Segundo mulher pobre realizava certas atividades remuneradas que lhes possibilitava certa independência em relação ao homem, terceiro, o grande desequilíbrio numérico entre os sexos, com a existência de um número bem menor de mulheres tornava o ato de amar bastante competitivo para o homem, ao mesmo tempo em que ampliava as possibilidades da mulher de escolher seletivamente seu companheiro.[148]

Na imbricada relação amorosa, os principais problemas causadores de violência entre os casais amasiados na cidade do Rio de Janeiro no final do séc.

---

[148] CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores na Belle époque, São Paulo. Editora Brasiliense S.A, 1986. p 143

XIX início do XX, eram semelhantes aos problemas vividos pelos casais amasiados nos seringais do Amazonas. Em várias regiões do Brasil imperial e republicano a violência familiar se constitui como um ponto nevrálgico nas relações amorosas.

Casada, viúva ou amasiada, a mulher nos seringais do Amazonas construiu sua história, desempenhou seu papel e viveu de acordo com as condições que lhe foi oferecida. Com dificuldades ou não, elas fizeram suas histórias e deixaram rastros de suas existências.

Capítulo III

Não me venha falar
Na malícia de toda mulher
Cada um sabe a dor
E a delicia de ser o que é
Caetano Veloso

Casos de amor: sedução, amores e violência

Os seringais do Amazonas se mostravam como um cenário ideal para o amor. A bela natureza em volta convidava os amantes a explorar cada canto secreto da mata. No entorno da floresta, os igarapés de águas esverdeadas, as árvores a acalentar os desejos no seu regozijo matinal, os casebres abandonados e alcoviteiros, as canoas embaladas pela suavidade da brisa do entardecer, as cachoeiras a jorrar suas águas cristalinas e convidativas, nada passava despercebido aos olhares dos eternos apaixonados que viam nesses lugares a possibilidade de um encontro – da entrega.

O cenário languido e a solidão da mata que muitas vezes atormentava os corações, eram a junção perfeita para despertá-los diante das embriagadoras paixões. Paixões que moviam os corações a arquitetarem encontros secretos, à desobedecerem regras morais – a fugirem do estabelecido e vivenciar com ternura o desvirginar dos corações apaixonados. Homens e Mulheres – casadas (os), solteiras (os) e viúvas (os) - a pulsarem corações adormecidos, esquecidos nas noites e dias longínquos de abandonos e desamores.

Neste cenário cheio de reentrâncias, inúmeras foram as situações vividas por homens e mulheres ao permitirem que seus amores fossem vividos. Histórias e romances que aconteciam nos bailes, nos encontros sociais, em casas de parentes, amigos e compadres. Casos que quando proibidos se arrastavam para o recôndito da mata - virgem e que possibilitava aos amantes vivenciarem as mais diversas situações de riscos. Casos e histórias que muitas vezes terminaram em sangue e dor e que hoje podem ser analisados através de inúmeros processos criminais arquivados pela justiça do Estado do Amazonas.

Crimes cometidos em nome do amor envolvendo mulheres, tendo como motivos o ciúme, a intriga, a traição, a honra, a vingança, o estupro, o defloramento, o rapto e feitiçaria, serão analisados neste capítulo. Com base nas histórias relatadas em alguns processos criminais e jornais, tentaremos mostrar como a violência atravessava os seringais em todos os níveis de relações sociais. Mostraremos também que em alguns casos a mulher aparece não apenas como vítima, mas como agente dessa violência.

Estudos[149] têm mostrado que a violência nos seringais sempre foi algo presente, muitos destes estudos, privilegiou as relações de poder estabelecidas entre patrões e seringueiros, apontando os inúmeros recursos utilizados pelos padrões para coagir e disciplinar o seringueiro de forma que ele pudesse continuar na mata exercendo com obediência seu trabalho.

Estes mesmos estudos também não deixaram de privilegiar os vários mecanismos de defesa adotados pelos seringueiros para “burlar” o sistema e, desta forma, se livrar “em boa medida” dos métodos coercitivos empregados pelos patrões, gerando assim conflitos e violência nos seringais. Entretanto, não podemos restringir os conflitos vividos nos seringais à apenas as relações estabelecidas entre patrão e seringueiro. Cristina Wolff afirma que:

---

[149] VER: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Trabalhadores do Rio Muru**:** O rio das cigarras (1970-1990). São Paulo: PUC - Dissertação de Mestrado, 1995. LEAL, Davi Avelino. Entre barracões, varadouros e tapiris: Os seringueiros e as relações de poder nos seringais do Rio Madeira (1880-1930). Dissertação de mestrado – mestrado em Sociedade e Cultura. Universidade Federal do Amazonas. Manaus 2007

> A sociedade do Alto Juruá era atravessada pela violência em praticamente todos os níveis de relações sociais. A violência marcava a autoridade, o controle, mas também a resistência e a revolta, e assumia o papel de uma linguagem, com a qual, muitas coisas eram ditas, e que não se dizia de outra maneira. Ela era a linguagem utilizada entre patrão e seringueiro, entre patrão e “regatão” (Comerciante ambulante) entre homens e mulheres, adultos e crianças, e acontecia também horizontalmente. [150]

A violência nos seringais acontecia muitas vezes no ímpeto, nem sempre era pensada, planejada, bastava um pequeno ato ou motivo para que ela surgisse. Desta forma, os crimes passionais aconteciam com freqüência.

Fruto da imaginária a violência correspondia ao abrutamento da cultura propagada nos seringais, territórios vivenciados e experimentados pelo macho, os seringais poder-se-ia dizer eram palcos privilegiados das manifestações dessa brutalidade forjada com intuito de reafirmar o poder dos coronéis. Nesta perspectiva o poder funcionava como um dispositivo que se alastrava por todos os caminhos vividos pela população que habitava os seringais.

> Ele é luta, afrontamento, relação de forças, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa. E não é uma relação unívoca, uniletaral: nessa disputa ou se ganha ou se perde. [151]

Crimes envolvendo homens e mulheres passaram a ocorrer no Brasil desde o princípio da colonização. Já nos primeiros anos de ocupação do território

---

[150] WOLFF, Cristina Sheib. Mulheres da Floresta. Uma história do Alto Juruá. Acre. (1880-1945). São Paulo: Hucitec, 1999, p.195

[151] FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Trad. Roberto Machado. Ed. Graal. Rio de Janeiro, 1979, p. 17.

brasileiro, a Coroa Portuguesa passou a ter problemas com os crimes que passaram a ser uma preocupação constante das autoridades que buscavam soluções para conter os casos e punir os responsáveis.

Neste período da história do Brasil, as leis que vigoravam no país eram as chamadas Ordenações Filipinas de 1603[152], era com base nesta lei que as autoridades agiam, buscando respaldo para aplicar, com justiça, as punições cabíveis para cada caso. Este conjunto de leis dava ao homem o direito de matar a esposa em caso de adultério. O artigo referente a esse tipo de crime explicitava assim sua punição.

> Achando o homem casado sua mulher em adultério, licitamente poderá matar assim a ela como o adúltero. Salvo se o marido for peão, e o adultero Fidalgo, ou nosso desembargador, ou pessoa de maior qualidade. E não somente poderá o marido matar sua mulher e o adúltero que achar com ela em adultério, mas ainda os pode licitamente matar, sendo certo que eles cometeram adultério. [153]

De acordo com as Ordenações Filipinas o marido tinha o direito de matar a mulher, salvo se o homem encontrado em adultério com ela fosse de melhor condição social. Percebe-se por esta lei que as desigualdades sociais naquela época eram muito claras e acentuadas. "As desigualdades sociais nunca mais serão com tanta clareza como aí". [154]

Mas o crime passional tal qual o conhecemos não provem deste período da história do Brasil. O crime passional ganha notoriedade por ocasião da implantação do código penal brasileiro de 1890, quando se estabelece na lei a igualdade da responsabilidade criminal para todos, independente da identidade do

---

[152] Conjunto de leis em vigor em Portugal e suas colônias.

[153] CORREIA, Marisa. Os crimes da paixão. Editora Brasiliense. São Paulo, 1981. Coleção Tudo é História. p. 15

[154] Idem, p15

infrator. Neste novo código, abre-se a possibilidade na lei de isentar de culpa os que se encontrarem no ato do crime em condição de alienados mentais.

> Estão isentos de culpa os que acharem em estado de completa perturbação de sentidos e de inteligência no ato de cometer o crime, artigo destinado principalmente à proteção dos alienados mentais.[155]

Aproveitando-se deste argumento é que vários advogados de defesa passaram a defender seus clientes argumentando que a paixão era uma espécie de loucura momentânea.

> Os advogados de defesa de maridos, noivos, namorados ou amantes, assassinos de suas companheiras, passaram a afirmar então que a paixão era uma espécie de loucura momentânea, tornando irresponsáveis na ocasião do crime os que estavam por ela possuídos.[156]

Foi então no período de vigência deste código penal brasileiro (1890-1940), que se propagou o crime passional, ou crime da paixão, onde vários juristas passaram a utilizar do argumento de que a paixão é um sentimento devastador, que ocupa o lugar da razão, provém da falta de controle, cega o indivíduo, tornando-o irresponsável pelos atos cometidos quando possuídos por ela.

Nos seringais do Amazonas a paixão "*andava solta*." As relações que se estabeleciam entre homens e mulheres não eram medidas por obstáculos. Desta forma, homens mais velhos se envolviam com meninas e mulheres mais moças,

---

[155] Idem, p 21

[156] Idem, p 22

casados envolviam-se com solteiras, solteiros envolviam-se com amasiadas e assim sucessivamente. “As mulheres relatavam que buscavam no homem mais velho, nos estrangeiros, incluindo os sulistas, uma proteção, um abrigo, um amparo material”. [157]

O amor, a transgressão amorosa e a paixão eram constantemente exaltadas nos periódicos que circulavam nas regiões dos seringais. Ora anunciando futuros casamentos, ora explorando belas poesias que retratavam os corações e mentes apaixonados. O romantismo difundido no século XIX, chegava a selva a acalentar os amores reais e imaginários.

Poesia: TROVAS:

Saudades, tantas saudades

Qual jamais tive-as assim

Me trazem saudades tuas

Saudades tristes sem fim

Saudades do meu canteiro

Saudades do meu jardim

Saudades no mundo inteiro

Saudades dentro de mim.

Se aqui fecharem meus olhos

E fôres saudosa vê-los

Enxuga a saudade deles

Nas tranças do meu cabelo

[157] D; INCAO, Maria Ângela. O amor na fronteira. In coleção Eduardo Galvão. A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. (Org.) Maria Luiza Miranda Alves e Maria Ângela D; Incao. – Belém: GEPEM, 1995. p. 187.

São saudades do meu peito

Saudades triste canção

Saudades de amor desfeito

Saudades do coração[158].

Santos Júnior, 1918

Muitas histórias que começavam com uma intensa paixão acabavam em tragédia. Os crimes passionais nos seringais do Amazonas aconteciam com significativa freqüência, e tal hipótese se justifica pelos inúmeros processos encontrados no depósito do Fórum Enoque Reis na cidade de Manaus, que são documentos seguidos de pedidos de habeas corpus, feitos pelos advogados de defesa dos réus, e muitos deles buscavam inocentar o acusado, alegando legitima defesa da honra.

São documentos que nos fornece informações de significativa importância para a compreensão de como estes crimes aconteciam. Além de descreverem toda a cena do crime, eles trazem dados pessoais dos acusados, estado cível, grau de instrução, profissão, testemunhas, descreve o local e a data do crime e apresentam todas as condições do conflito.

Ao analisar um número razoável destes processos foi possível perceber que grande parte dos crimes passionais que aconteciam nos seringais do Amazonas estavam atrelados a questão da honra.

A honra, no decorrer dos séculos XIX e início do XX era o valor que norteava a conduta das famílias patriarcais da sociedade brasileira, entretanto ela possuía valores diferentes para homens e mulheres. Para os homens a honra muitas vezes estava ligada aos atos de heroísmo, aos desempenhos nas batalhas, a masculinidade, as ações públicas. Já para as mulheres a honra estava ligada à

[158] Jornal O Alto Madeira 11-06-1918

pureza sexual e à fidelidade. Entretanto, tanto para um como para o outro, a desonra cobria ambos de vergonha e os excluía de uma comunidade de iguais. [159]

> A honra sexual era a base da família, e esta a base da nação, Sem a força moralizadora da honestidade sexual das mulheres, a modernização, termo que assumia diferentes significados para diferentes pessoas, causaria a dissolução da família, um aumento brutal da criminalidade e o caos social.[160]

Cabia ao homem evitar que a desonra da família viesse a acontecer. Sempre atentos eles mantinham sob seus olhares e sob sua tutela todas as suas mulheres - mães, esposas, filhas, irmãs ou amantes, e caso a desonra viesse a acontecer, só restava lavar a honra com sangue.

> Se a desonra chegasse a ocorrer, especialmente na forma de adultério, so restava ao homem “lavar a honra com sangue”, o que era também reconhecido pela justiça como “legitima defesa da honra” ou como ação cometida em momento de “privação dos sentidos e da inteligência.[161]

Estes valores norteavam a conduta da sociedade brasileira do século XIX e atingia a todos, até mesmo os que por opção ou necessidade passaram a viver nos seringais mais distantes do Amazonas. Por viverem num ambiente de perigo constante, os homens nos seringais, já eram mais propensos a serem fortes, corajosos e valentes, quando a honra desses homens via-se ameaçada eles não

---

[159] ALGRANT, Leila Mezan. Honradas e devotas da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos no sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro. Jose Olimpo. Edunb, 1993. p 112

[160] CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940) – Campinas SP. Editora da Unicamp/ Centro de pesquisa em historia social da cultura, 2000. p. 26

[161] WOLFF, Cristina Sheib. Op.cit.; p.218.

temiam em defendê-la com sangue. A preocupação com a imagem social era o fator motivador que os impulsionavam para o crime, conforme mostra o caso abaixo:

O crime aconteceu em um seringal localizado próximo ao Rio Madeira. O Rio Madeira era uma das principais vias fluviais do Amazonas, nele trafegavam balsas, navios e canoas transportando pessoas e mercadorias. Segundo Maria Terezinha Correia seu nome foi dado pelos portugueses por causa da enorme quantidade de madeiras que fluíam rio abaixo na época de chuvas. Neste rio existia uma quantidade enorme de igarapés e afluentes que adentravam a floresta, "nele via-se constantemente botos, jacarés, tracajás e muitas espécies de peixes, principalmente os mais almejados pelos beiradeiros, o Pirarucu" [162]. Devido a riqueza natural deste rio, a quantidade de seringais que se formou ao seu redor fez dele um dos rios mais populosos e produtivos no auge da borracha no Amazonas.

E foi justamente em um destes seringais localizados nas proximidades deste rio que um morador conhecido por Oscar matou a tiros seu empregado por acreditar que este o havia desonrado quando se envolveu em um caso amoroso com sua amasia. Consta que o crime ocorreu no rio do Conto, afluente do Jacy Paraná, no seringal do coronel Elias Solsol e se deu por motivo de ciúmes.

> Em dias da semana passada, no rio do Conto, affluente do Jacy- Paraná, no seringal do Sr. Elias Solsol, deu-se um assassinato por questões de ciúme. [163]

Paixão, amor, sedução e rapto, são elementos que compõem a cena do crime. Oscar, peruano de meia idade, não resistiu aos encantos da jovem sedutora Patrícia. Esta por sua vez deixara para trás marido e filhos e apaixonada se entregou ao jogo do amor e da sedução.

---

[162] CORRÊIA. Maria Terezinha. Princesa do Madeira. Os festejos entre populações ribeirinhas de Humaitá-AM – São Paulo: Humanitas, 2008, p. 40

[163] Jornal Alto Madeira 31-01-1918

> Vivia ahi o peruano Oscar de tal, homem já entrando em annos, e empregado do dicto Sr. Solsol, em companhia de uma moça jovem e formosa. Patrícia sua, que alleivosamente roubara da companhia de dois filhos e do marido, Tião Calixto, no Mutum-Paraná.[164]

Patrícia era uma moça jovem e formosa que vivia na companhia de seu marido Tião Calixto e de dois filhos no lugar denominado Mutum – Paraná, quando fora raptada da companhia de seus entes queridos pelo peruano conhecido como Oscar de Tal.

O rapto ou o roubo de mulheres foi uma prática muito comum no Brasil no decorrer do século XIX. Segundo Boris Fausto[165], o crime de rapto consistia em 5,1% dos casos de crimes contra mulheres na cidade de São Paulo, no período de 1880-1920. Maria Beatriz Nizza da Silva afirma que diante da lei ele podia ser analisado e julgado através de duas maneiras: existia o rapto por sedução e o rapto por violência. O rapto por violência estava de modo geral ligado ao crime de estupro e eram abordadas as mesmas punições para ambos os crimes. Já o rapto por sedução, segundo a autora, não parece ter tido muita severidade de punição, pois quando este ocorria bastava o raptor reparar o erro, tomando a moça como esposa.

> Sedutores e raptores eram, portanto aqueles que sem violência, mas com afagos e promessas, com dolo mau, e para fim libidinoso tirarem alguma mulher, ou reputada tal, capaz de sedução da casa de seu pai, mãe, tutor, curador, senhor ou outra pessoa, debaixo de cujo poder, ou guarda ela estiver, levando-a para lugar diverso.[166]

---

[164] Idem

[165] FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924) 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 253

[166] SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Sistema de casamento no Brasil colonial – São Paulo: T. A. Queiroz: Ed da Universidade de São Paulo, 1984, p. 76.

Ao que tudo indica, Patrícia fora roubada do marido e seduzida pelo peruano Oscar. Apaixonados, Patrícia e Oscar foram viver no seringal onde o peruano tirava seu sustento. Feliz, radiante e embebecida pela paixão, a jovem sedutora Patrícia trocara sua condição de esposa para condição de amasia. Poder-se-ia dizer que a paixão empresta aos valores morais outras ordens para o sentimento, e estas outras ordens não condenam e nem julgam através da moral. Ela simplesmente empresta aos amantes a condição da felicidade que só o estado amoroso propicia. Patrícia não pensou em nada que havia ficado para trás, ela simplesmente foi viver a magia do seu grande amor.

> Para a mulher não há impossíveis. Quando a mulher concede um pensamento é inútil dizer-lhe – "Não irás avante"-, porque ela arrostará tudo, saltará por cima de tudo para realizar seu pensamento. A palavra impossível foi inventada pelos homens para porem um paradeiro aos desejos da mulher, [....], mas a mulher rir-se do frágil obstáculo e vai caminhando sempre, [....].[167]

Provavelmente com medo e receio da reação do marido atraiçoado, o amante sedutor, andava na companhia de um capanga, o qual o acompanhava por todos os lados, rapaz mais moço, bonito e atraente, "Oscar tinha por capanga um Chôlo, rapaz moço e sacudido que o acompanhava por toda parte".

Oscar, o capanga e a jovem sedutora Patrícia de longos cabelos negros e de olhar que fluíam toda languidez da sua juventude, conviviam intensamente no cotidiano do seringal e nas festas. Sempre próximos, Patrícia e o Chôlo trocavam gestos e olhares amáveis e cada vez mais intensos. Nas festas dançavam juntos com a permissão de Oscar que, entretido num copo de cachaça, não percebia que a dança provocava nos corpos dos jovens dançarinos um calor intenso. Calor que cada vez mais atraía a bela e encantadora Patrícia para os

---

[167] APPEL, Carlos Jorge. D. João de jaqueta, um elogio a inteligência. In. Pires, Horácio Nunes. p.43

braços fortes do capanga. E na medida em que os encontros fluíam “A moça em extremo volúvel e namoradeira começou a dar corda ao Chôlo, até que o embriagou com seus encantos e meiguices. [168]

Nas entrelinhas do documento, em leitura subjacente, o capanga vem á superfície como um inocente filho da natureza que fora atraído pelas armadilhas dos jogos de sedução da jovem Patrícia de longos cabelos negros e olhares lânguidos que é descrita como uma mulher vulgar, namoradeira, assanhada e frívola que seduz o rapaz com seus encantos e meiguices. Por este olhar-moral retira-se do rapaz-capanga toda a responsabilidade do que vinha acontecendo, ficando só a mulher responsável pelo suposto jogo de sedução. Talvez a aparição da mulher, desta forma descrita no documento, se deu pelo fato de ela ter sido casada com Tião Calixto, amasiada com Oscar e agora se encontrava de gracejos com o tal capanga.

Ao descobrir o romance da sua jovem e bela amasia e seu capanga, o amante atraiçoado é tomado por uma raiva incontrolável. “O Oscar soube de tudo e espumando de raiva, esperou o rapaz na porta da barraca”.[169] Poder-se-ia dizer que no olhar masculino Oscar experimentava da mesma dor e zombaria que o marido da jovem Patrícia e seus filhos tinham sido colocados. Antes visto como viril e macho, agora exposto a olhares alheios que viam nele o corno do seringal.

Na ambigüidade do universo masculino, na traição se lava a honra com sangue. Interessante pensarmos este ponto: seria o sangue do capanga a salvação da honra de Oscar diante do olhar da população do seringal no qual estava inserido? Quando Oscar rapta a jovem esposa e mãe do ceio familiar e contrata um jovem como seu Chôlo para se defender de um possível tentativa de vingança de Tião Calixto, esposo de sua amasia que agora se via em encontros furtivos com o capanga, Oscar, o peruano, pensava e se regozijava de quais sentimentos? Honra, paixão, dor e vingança. Seria fácil remeter a violência amorosa para o mundo embrutecido do seringal como apresenta a historiografia e a literatura. Mas não queremos trilhar esse caminho. Gostaríamos de pensar quais

[168] Jornal O Alto Madeira 31-01-1918

[169] Jornal O Alto Madeira 31-01-1918

discursos morais formularão e associarão a honra - amorosa com sangue. Como lembra Renato Janine Ribeiro, no Antigo Regime a honra era associada à fama e á glória. Portanto, só tinha honra os iguais, ou seja, os senhores feudais. Oscar, o amante atraiçoado, por analogia não se insere como Senhor do seringal, pelo contrário, o peruano era um peão dentro da estrutura sócio-econômica das atividades do seringal.   Qual discurso alimentava a ira de Oscar? Seria a honra – amorosa, um discurso que perpassa por todos os seguimentos sociais?

Diante das tentações carnais, de tédio, solidão, abandonos conjugais e vinganças pessoais, o padre moralista Manuel Bernadetes, século XVII, em nove regras ensina como as mulheres casadas devem proceder para evitar cair em adultério.

> Seja muito amiga da honra, e bom nome, pois este vale mais que muitas riquezas. [...]. Leiam e meditem exemplos de matronas castas, que antes escolheram perder a vida, que violar a fé conjugal. [...]. Nas ausências do marido convém observar mais recato, e reconhecimento. [170]

Dizer-ia-se que para o universo masculino a traição pertence ao mundo da zombaria e do escárnio. Talvez o ato da violência seja um exercício de mostrar a sua dor e tornar público o que lhe aconteceu e alertar o outro que o mesmo pode ocorrer com ele. O ato de ri do corno pode ser lido como uma atitude de exercitar seus próprios fantasmas diante da possibilidade de ser o próximo traído. Diante dessa possibilidade, objetiva purificar a honra através da violência seja tolerada pela sociedade patriarcal do século XIX, legitimada pelos discursos morais, religioso, jurídico e ético

> A honra é um valor moral de uma pessoa para si mesma, mas também para a sociedade. É sua opinião sobre seu próprio valor, sua reivindicação de orgulho, mas também é a aceitação desta

[170] Apud. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Op. cit.; p. 192

reivindicação, sua excelência reconhecida pela sociedade, seu direito de orgulho. [171]

Possuído pelo desejo de vingança, o amasio traído fica de tocaia num ponto estratégico da barranca a espera do seu capanga. O entardecer surgia no movimento silencioso das águas do rio Madeira. Descontraído e sem a mínima noção do que o aguardava, caminhava o capanga Chôlo em direção ao local do crime e pego de surpresa foi morto com tiros na cabeça, os quais, o deixou com o crânio exposto a céu aberto.

> [....] Vinha este descuidado, saboreando sem duvidas, as doçuras de sua paixão. Oscar apontou-lhe o rifle à cabeça e o poz por terra, com o craneo espedaçado. O assassino está preso na cadeia da visinha Villa de Santo Antônio.[172]

A amizade cultivada entre a jovem amasia de Oscar e seu agregado talvez tenha ofertado o surgimento da paixão e do desejo. Foi, quem sabe, no rebolado dos corpos em danças, do sorriso meigo e farto e de olhares furtivos de desejos lânguidos que permitiu "traçar a fronteira do geral e do particular" para Patrícia e Chôlo. A amizade

> [...], é uma prática que supõe problematizações: as da relação com os outros, com a família e com o amor, por exemplo. [...], do olhar pousado sobre o outro, [...], a cláusula do segredo é suspensa em benefício de uma intimidade ao mesmo tempo diferenciada e elaborada. [...], a exigência de comunicação intensa se traduz por uma retórica da sensibilidade e da afeição. [...]. As novas exigências da intimidade, os mal-entendidos, as delicadezas crescentes, as amizades apaixonadas,

[171] FAUSTO, Boris. P.cit; p. 195

[172] Jornal "O Alto Madeira 31-01- 1918

> as discórdias entre *amantes* abrem outras possibilidades em que os correspondentes vão arriscar parte de si.[173]

Segundo Sidney Chalhoub, a quantidade de casos onde homens cometem homicídio por causa de mulheres é imensamente superior à condição inversa. Para o autor, o homem geralmente se desespera diante da possibilidade de perder a mulher amada. Ao analisar os crimes cometidos entre homens por causa de mulheres na Cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, o autor ressalta que:

> [...], talvez as mulheres se desesperassem menos com o rompimento amoroso, pois elas compreendiam que em geral não teriam dificuldades em arrumar outro amasio, ou outro parceiro se assim o desejassem. O homem, no entanto, sabia que estava atirado numa arena na qual a luta era árdua, e conquistar uma nova companheira poderia levar tempo.[174]

O desespero de Oscar ao saber que sua amasia se encontrava de gracejos com seu capanga, levou-o a cometer o crime em defesa da própria honra. Provavelmente uma junção de sentimentos tomou conta de seu coração, a possibilidade de perdê-la para outro homem e se ver desonrado diante da população do seringal onde ele estava inserido e o ciúme que sentiu ao saber do envolvimento amoroso de sua amada com seu empregado foram, talvez, os fatores que o motivaram a cometer o crime.

Na grande maioria das vezes os sentimentos que dominam o imaginário do criminoso passional são o ódio, a vingança, o rancor, a alto-afirmação, a prepotência, a intolerância, a preocupação com a imagem social, a

---

[173] VINCENT-BUFFAULT, Anne. Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p .9; 10; 11; 23.

[174] CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores na Belle époque, São Paulo. Editora Brasiliense S.A, 1986, p.156

necessidade de exercer o poder e o ciúme. É pouco provável que alguém consiga desassociar um crime passional do ciúme, o ciúme está sempre presente neste tipo de caso.

Na história do ciúme, esse sentimento nem sempre teve uma conotação negativa. Aristóteles, no século IV a.C., concebia o ciúme como o desejo de se ter o que outra pessoa possui. Era originariamente uma palavra boa e referia-se ao desejo de imitar uma coisa nobre da outra pessoa. Nesta acepção, o filósofo pensava o ciúme em termos de uma nobre "inveja". Somente mais tarde a partir do séc. IV é que Santo Agostinho passa a advertir que: "O amor é forte como a morte, o ciúme é cruel como o túmulo", concebia o ciúme como algo desfavorável à boa vivência do amor. Para Stendhal[175], o ciúme também tinha uma conotação negativa e estava atrelado à vaidade: "O que torna a dor do ciúme tão aguda é que a vaidade não pode ajudar-nos a suportá-la". Ainda segundo Stendhal, "o ciúme é o maior de todos os males". Sendo ou não verdadeira esta afirmação, a experiência do ciúme é comum nos relacionamentos amorosos e, na maioria das vezes, é o fator motivador para as brigas, desavenças e violências.

O crime apresentado a seguir é bastante interessante, e ao que tudo indica o que impulsionou Manoel Martins a agredir sua amasia Raimunda Gomes foi um forte sentimento de ciúmes que o dominou. O crime ocorreu no dia 28 de março de 1915 no lugar denominado "Boca do fosso do Mura" um seringal as margens do Rio Negro.

Manoel Martins e Raimunda Gomes bateram na porta de um senhor conhecido como Estevão Guedes da Silva, solicitando encarecidamente um lugar para passar a noite. Estevão, a princípio relutou em acolher o casal, afinal não os conhecia e provavelmente temia que não fossem pessoas do bem. Entretanto, ainda do lado de fora da casa, ao iniciar um breve diálogo, Manoel Martins se identifica como sendo um regatão[176] o que logo despertou a curiosidade em Estevão, afinal ele tinha interesse no comércio da região. Pensando nas vantagens

[175] STENDHAL. Do amor: Tradução Roberto Leão Ferreira – 2ed- São Paulo: Martins Fontes, 1999 – Clássicos. p. 94

[176] Sobre Regatões VER. MAIA, Álvaro. Gente te dos seringais. Brasília, 2 ed. 1987. p.85

comerciais que poderia tirar com aquele hóspede desconhecido, resolveu abrigá-lo.

> Estevão acolheu o casal, quando este passou em sua porta pedindo abrigo. Por ser Manoel Martins um regatão e Estevão ter interesse no comércio na região, achou por bem abrigá-los, mesmo sem conhecê-los. [177]

Os comerciantes conhecidos como regatões trabalhavam em pequenas embarcações e viviam subindo e descendo os rios, oferecendo e entregando mercadorias de diversas procedências. Estas mercadorias atendiam à população dos seringais e podiam ser adquiridas tanto no ato da passagem do regatão ao seringal, como através de encomendas. Tecidos, bebidas, tabaco, sombrinhas, luvas, sapatos, botas, vestidos, calças, leques, perfumes, farinha e rifles eram produtos bastante procurados pelos moradores dos seringais, e o lucro advindo desde comércio era bastante representativo. Interessado em saber mais sobre as vantagens desse comércio foi que Estevão logo se interessou em hospedar o casal desconhecido.

Ao entrarem na casa, Estevão ofereceu ao casal um quarto, um banho e convidou-os para jantar. Em um clima favorável, no decorrer do jantar, Estevão e o casal de hóspedes conversaram sobre assuntos diversos, discutiram sobre os lucros e os prejuízos advindos do comércio na região, falaram de possíveis problemas com vendedores e fornecedores e em certa altura da despretensiosa conversa até pensaram na possibilidade de negócios.

Neste clima harmônico de conversa informal os três participaram do jantar - que se constituía basicamente de farinha, peixe, carne de caça, macaxeira, pão, cachaça e café - revelaram suas histórias e experiências e passaram a se conhecer melhor.

Porém, aconteceu que findo o jantar, Manuel Martins tomou uma atitude estranha, o motivo de tal atitude não está explícito nos autos do processo.

---

[177] Processo Criminal 10-04 -1915

Como já foi dito, a literatura nos revela que a violência nos seringais muitas vezes não necessitava de um motivo aparente para acontecer, ela surgia no ímpeto, sem algo que a justificasse. E foi dessa forma que Manuel Martins agiu, sem pestanejar atirou no rosto de sua amasia uma xícara de café, sem que ela tivesse tempo para se defender. Nesse momento Estevão como proprietário da casa, chamou atenção de seu hóspede pedindo-lhe que respeitasse sua propriedade.

> A 28 de Março próximo findo pelas seis e meia horas da tarde, achando-se Estevão Guedes da Silva, Manoel Martins e Raymunda Gomes, amasia deste, jantando na casa do primeiro no logar bocca do fosso do Mura e tendo estes dois últimos achando-se hospedados, ao terminar o jantar, Manoel Martins atirou com uma xícara de café na cara de sua referida amasia Raymunda Gomes, cujo procedimento reprovou Estevão Guedes da Silva na qualidade de dono da casa aquém seu hospede deveria respeitar. [178]

Não se importando com a fala de Estevão, e não se contentado em jogar a xícara, Manuel jogou a mulher no chão e começou a pisá-la. Ao ver tal cena, e se indignando com a atitude de Manuel, Estevão tenta separar a briga, mas acaba se envolvendo numa luta corporal com seu hóspede, acabando por receber uma facada que lhe atingiu os braços. Separados por alguns minutos, voltaram os dois a brigar. Desta vez, Estevão põe termo a luta e num gesto brusco e ágil, atirou em Manoel que tombou imediatamente cercado por uma grossa possa de sangue**.**

> Não ligando importância Manoel Martins as observações que eram feitas, agarrou a sua amasia e deitando-a por terra começou a pisá-la, intervindo Estevão para por termo a luta. Desta intervenção resultou estabelecer luta corporal entre Manoel Martins e Estevão Guedes da Silva, sentindo este um ferimento de faca que aquele lhe

[178] Idem

> deu nos braços. Separada a luta por alguns minutos, entraram os referidos Manoel Martins e Estevão Guedes em luta novamente, ficando desta vez prostrado aquelle por uma bala de rifle que lhe fora detonada por Estevão.[179]

Este crime ocorrido na casa do senhor Estevão Guedes da Silva no ano de 1915 no lugar denominado “boca do fosso do Mura” oferece-nos bastante possibilidade de entendimento sobre como a violência se manifestava nos seringais do Amazonas. O que teria motivado este crime? Ao que tudo indica quando o casal bateu na porta de Estevão pedindo abrigo, não havia entre eles desavenças, pelo menos visíveis, tanto é que Estevão os acolheu. Isto leva-nos a imaginar que o motivo da desavença apareceu quando o casal já estava dentro da casa de Estevão e provavelmente no decorrer da conversa que se estabeleceu durante o jantar. De acordo com o documento Estevão se ausentou por um momento para ir até a cozinha buscar o café, nesse intervalo Manoel Martins e Raimunda Gomes ficaram sozinhos na sala de jantar e, talvez, nesse momento possa ter surgido um ponto de discórdia entre eles. Entretanto isso não aparece registrado nos autos do processo. Quando Estevão retorna com o café para serví-los, Manuel Martins atira impetuosamente uma xícara no rosto de sua amasia.

O que teria motivado Manoel Martins a jogar repentinamente uma xícara de café na face de sua amasia? Será que ela teria dito algo indesejado ou será que Manoel Martins percebeu que entre Estevão e Raymunda havia um jogo de sedução e encantamento? Ou será que Manuel percebeu que os dois trocavam olhares sedutores no decorrer do jantar, e isso despertou nele um ciúme, um ódio que o levou a agir repentinamente? Quem sabe Raymunda não se sentiu atraída por Estevão no primeiro momento que o viu e embevecida pelo desejo de estar em seus braços ela nem se deu conta de suas atitudes?

É interessante pensarmos nesta hipótese como resposta a essa pergunta. A literatura sobre as mulheres nos indica que uma boa quantidade de mulheres pobres optava pela condição de amasiada, devido aos custos e as

[179] Idem

complicações trazidas para se oficializar um casamento. “Cabe ressaltar que na classe subalterna o casamento formal não preponderava” [180]. Essa condição de amasia fazia com que muitas mulheres não se prendessem a um só homem. Caso seu amasio não correspondesse as suas expectativas, elas não temiam em trocar de amasio. Esta atitude deixava os homens inseguros diante uns dos outros, pois a qualquer momento sua mulher poderia ser levada pelo outro e isso gerava muito ciúmes e conflitos entre eles.

O historiador Antônio Emilio Morga, revela de uma maneira bastante interessante alguns aspectos que muitas vezes estão por detrás de uma atitude enciumada. Inspirado em Sthendal, Morga revela que o ciúme é um sentimento que nasce no momento em que o homem enciumado valoriza o rival, dando-lhe uma importância que muitas vezes não corresponde a essa valorização.

> E ao valorizar o “intruso” sua imaginação flutua entre a felicidade de um tempo vivido e um presente cheio de ardis. Com isso perde a capacidade de entender o acontecimento, e ao perdê-lo, imagens de uma suposta infelicidade o remetem a um mundo povoado de contradições. [181]

Por detrás de uma atitude enciumada está o medo da perda, porém a leitura de que por detrás de uma atitude desta está a valorização do outro, do rival, é talvez uma nova leitura que se possa fazer em relação ao ciúme. O autor ainda ressalta que:

> O enciumado não percebe a excessiva nudez de seus gestos e falas. Personagem de uma dor solitária, única, essas imagens que provocam no enciumado a confusão de sentimentos

---

[180] SOIHET, Rachel. Condição Feminina e formas de violência: Mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920. Rio de Janeiro Forense Universitária, 1989. p 248.

[181] APUD. MORGA, Antônio Emílio. Nos subúrbios do desejo: Masculinidade e sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no seculo XIX – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009. p. 49

> estrangulam a sua percepção colocada diante de um olhar turvo e embaçado pela dor. [182]

No caso apresentado, Estevão aparece como um homem que possui uma casa e condições de investir em um novo negócio, talvez isso tenha chamado a atenção da jovem Raimunda Gomes, e quem sabe deixado Manoel Martins em condições desaforáveis diante do outro, despertando nele o ciúme e uma impossibilidade de analisar as condições de ciúme em que estava inserido, permitindo-o uma valorização excessiva do seu rival. Em leitura subjacente, poder-se-ia dizer que a suposta atitude de Raimunda tenha sido mesmo a de flertar, de paquerar e trocar olhares com Estevão com uma suposta intenção de trocar de amasio, como dissemos anteriormente esta era uma atitude comum entre as mulheres urbanas no Rio de Janeiro no sec. XIX, os estudos de Sidney Chalhoub mostraram que:

> A mulher pobre reagia aos maus tratos do companheiro, utilizando-se do expediente de mudar de amasio. Esta “rotatividade das amasias” atirava os homens uns contra os outros e transformava as mulheres em vitimas machistas e manipuladoras, conscientes ou não, deste tipo de violência.[183]

A questão que nos leva ao questionamento dessa fonte é: Por que Raymunda fora agredida pelo seu amasio com tanta impetuosidade e porque Estevão partiu em defesa da moça, travando de forma brutal uma luta corporal com Manoel Martins? Não bastava Estevão apenas separar a briga? Por que ele se envolveu nessa história? Notem que por uns instantes os dois são separados, mas voltam a brigar novamente, isso mostra que nesse intervalo houve uma discussão entre eles. Que discussão poderia haver entre eles sendo que eles mal se conheciam? Deixando a mulher de lado, Manoel Martins declara briga a Estevão, só acabando com a morte do primeiro.

---

[182] Idem, p. 50

[183] CHALOUB, Sidney. Op.cit.; p 156.

É claro que não podemos afirmar categoricamente que o motivo desde crime tenha sido o ciúme de Manoel Martins em relação a sua amasia e o proprietário da casa que os hospedou naquela noite do dia vinte e oito de março de 1915, entretanto há fortes indícios na fonte de que o motivo possa ter sido este. Há indícios de que Raymunda Gomes possa ter usado de sua capacidade de sedução para conscientemente ou inconscientemente provocar o conflito que se estabeleceu.

A sedução sempre foi uma "arma" utilizada pelas mulheres para conseguirem determinados fins. Como afirmou Michele Perrot[184] "As mulheres nunca tiveram poder, mas sempre teve poderes", e o uso desse poder em determinadas situações deixou o homem tão envolvido diante de seu encanto que a mulher não hesitou em utilizar dessa arma poderosa para prendê-lo. Por este motivo que a sedução foi tão combatida pela igreja e pelo Estado no decorrer da história. Uma definição bastante interesse de sedução pode ser contemplada na obra de Sue Caulfield, e que nos ajuda a entender a intensidade de tal ato.

> É o aliciamento da frágil vontade da mulher por obra exclusiva da sugestão. É a suplica perseverante, é a blandícia envolvente, é o reiterado protesto de amor, a frase madrigalesca, a linguagem quente do desejo insatisfeito, a caricia persuasiva, o prelúdio excitante dos beijos, os contatos gradativamente indiscretos. Numa palavra é a refinada arte de Don Juan. [185]

Além da capacidade de sedução, as mulheres nos seringais do Amazonas apresentavam outras características interessantes de serem analisadas. Muitas delas possuíam comportamentos favoráveis ao mundo masculino:

[184] PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios: tradução Viviane Ribeiro – Bauru, Sp: EDUSC, 2005. p 57.

[185] Apud.. CAULFIELD, Sue. Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação do Rio de Janeiro (1918-1940) Campinas, SP: Editora da Unicamp/ Centro de pesquisa em história social e cultural, 200. p 252.

coragem, determinação, desejo de vingança e capacidade de articular situações foram atitudes encontradas no comportamento de algumas delas. Muitas nasciam com estas características, outras a adquiriam no decorrer da vida. A viuvez, o abandono do marido, a necessidade de sobrevivência na mata eram os fatores que as impulsionavam a serem fortes diante da vida. Características semelhantes a estas também foram encontradas nas mulheres urbanas no Rio de Janeiro no mesmo período analisado nesta pesquisa.

> Contradizendo a ideologia de que a mulher e "naturalmente" bondosa, frágil e delicada, temos algumas situações em que estas assumem um comportamento oposto a essas expectativas, aparecendo nelas os atributos considerados próprios dos homens como: brutalidade, voluntariedade, infidelidade, cobiça etc. O que poe em questão os comportamentos estereotipados para os dois sexos. [186]

Porém, nem sempre essas mulheres adquiriam o respeito e a aceitação da sociedade. Os estudos de Cristina Sheibe mostraram que algumas delas por fazerem uso de rifles eram tidas como "machonas" pela população. 'Mas ter arma de fogo era "atributo" dos homens, ter revolver na cintura ou impunhar rifle, era quase uma acusação de "machona" para uma mulher'. [187]

O fato é que estas mulheres estavam presentes na mata, e sendo aceitas ou não, a necessidade de sobreviver neste espaço levou-as a realizarem inúmeras tarefas e funções. Benzedeiras, rezadeiras, parteiras, curandeiras e até feiticeiras foram algumas das profissões adotadas por elas.

A mulher feiticeira aparece nos livros, na literatura e nos romances que tratam acerca dos seringais. Tidas como bruxas, estas mulheres eram muito procuradas quando alguém necessitava encomendar um "trabalho", seja para trazer de volta um amor perdido e ou para causar mal em alguém. O fato é que

[186] SOIHET, Rachel. op. cit.; p 315.

[187] WOLFF, Cristina Sheib. Op. cit.; p 211.

estas mulheres viviam nos seringais e eram procuradas sempre quando havia necessidade de seus serviços.

A feitiçaria foi condenada no Brasil desde o período colonial. Segundo Laura de Melo e Souza, um significativo número de feiticeiros veio degredados de Portugal logo no inicio da colonização, estas pessoas que foram incursas no crime de feitiçaria em Portugal, ao chegarem, disseminaram esta prática por onde passaram. Devido à junção de culturas indígenas, africana e européia a feitiçaria praticada no Brasil distanciou-se em parte da feitiçaria praticada na Europa, mas mesmo em terras tupiniquins ela não deixou de ser uma preocupação constante da Coroa Portuguesa, que condenava e ameaçava as pessoas que nela estivessem envolvidas. Contudo, a feitiçaria foi muito praticada e perpassou o período colonial, e foi a forma que muitos encontraram de lidar com seus medos, angústias e traumas.

> Foi uma das formas de ajuste do colono ao meio que o circundava, por vezes, protegeu-o dos conflitos e por outras refletiu as tensões insuportáveis que desabavam sobre seu cotidiano.Ajudou-o a prender o amante, matar o rival, afastar invejosos, lutar contra opressores, construir uma identidade cultural. Muitas vezes resolveu seus problemas com o outro mundo, outras tantas lançou-o em abismos terríveis, mas foi quase sempre a ponte para o sobrenatural.[188]

Nos seringais do Amazonas, algumas mulheres optaram por exercer a prática de feitiçaria mesmo quando esta era proibida e condenada pelas autoridades locais. O caso apresentado a seguir não se enquadra nos casos de crimes passionais, mas serve para mostrar que as mulheres nos seringais nem sempre foram vítimas da violência masculina, em algumas ocasiões estas

[188] SOUZA, Laura de Melo e. O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: companhia das Letras. 1986 p 155.

exerceram a violência, principalmente quando viram que seus interesses encontravam-se fortemente ameaçados.

Consta no Jornal O Alto Purus, do ano de 1911, um caso onde uma mulher tida como feiticeira no seringal denominado “Libertdade,” nas margens do rio Purus no Amazonas, conseguiu através de seus atos de feitiçaria eliminar o seu rival, que no caso era o próprio patrão, ou seja, o dono do seringal no qual ela morava.

A mulher já havia sido advertida inúmeras vezes pela prática de feitiçaria no seringal, ao ver-se ameaçada de expulsão, a feiticeira elabora um plano de assassinato contra o patrão*, tendo como apoio as informações contidas no livreto de São Cypriano[189], que ensinava passo a passo a elaborar um assassinato. O caso termina na mais terrível tragédia, e é cheio de informações e detalhes que expressam a cultura e modo de viver das pessoas na mata.

Os fatos são narrados por um viajante que percorria o rio Purus por ocasião do homicídio. Conta o viajante que não presenciou o crime “Eu não assisti propriamente a qualquer dos tristes acontecimentos, começou o nosso informante, mas tenho da forma com que lhes passaram, dados que lhes bastarão” [190]. Sua narrativa segue informando ao público através do jornal, que o crime ocorreu da seguinte forma:

O coronel José Ferreira estava, como de costume, no escritório de seu barracão, provavelmente envolvido em suas obrigações[191] que geralmente eram; receber as bolas de seringa, fruto do trabalho dos seringueiros que passavam a semana inteira na mata, envoltos na extração do látex produzindo as pélas de borracha para serem trocadas por mercadorias, manter o armazém abastecido para

---

[189] Cypriano, o feiticeiro é celebrado no dia 02 de outubro. Foi um homem que dedicou boa parte de sua vida aos estudos das ciências ocultas. Após deparar-se com a jovem (Santa) Justina, converteu-se ao catolicismo. Martirizado e canonizado sua popularidade excedeu a Fe Cristã devido ao famoso livro de São Cypriano, um compilado de rituais de magia.

[190] Jornal O Alto Purus 10-04-1911

[191] VER. WEINSTEM, Barbara. A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850-1920) Tradução Lólio Lourenço de oliveira – São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

que as devidas trocas pudessem ser efetuadas, ocupar-se do envio das pélas de borracha para o porto mais próximo para que a borracha pudesse seguir para o seu destino final, resolver problemas com casas aviadoras, preocupar se com os seringueiros e suas constantes fugas, enfim tarefas que faziam parte do seu cotidiano e que lhe exigiam bastante tempo, dedicação e atenção. Sentado em sua mesa e bastante envolvido entre papéis e cálculos, não percebeu que João Antônio, vindo de fora, entrou sorrateiramente no escritório, passando despercebido também pelo farmacêutico Nilo Vervier e pelo professor Guimarães que estavam envolvidos numa conversa no entorno do barracão.

> O assassinato deu-se no dia primeiro do corrente como o ALTO PURUS noticiou. O coronel José Ferreira achava-se no escriptorio de seu barracão diante de uma mesa de trabalho, onde costumava demorar-se, quando apareceu “sorrateiramente” o caboclo João Antônio sem ser pressentido por nenhuma das duas pessoas que mais próximo do local se encontrava.[192]

O caboclo João, o suposto assassino, instrumentalizado por sua mãe e inspirado pelas práticas de magias* e “sem ser pressentido, [...], e a uns quatro metros de distância atirou sobre o coronel Jose Ferreira”. Os tiros feriram-no no coração, braço e pernas. E mesmo ferido de morte, relata o nosso viajante que o coronel lutou heroicamente pela vida antes do último suspiro.

> O primeiro tiro foi feri-lo no coração, a victima ergueu-se num grande esforço, correu sobre o assassino que desfechou o segundo e o terceiro tiro, os quaes alvejaram um braço e uma perna do coronel José Dias Ferreira. Braço e pernas seccionavam horrivelmente, sem que o criminoso detivesse sua ira assassina. Dois novos tiros prostraram o coronel Jose Ferreira que entanto conseguira alcansar o rifle retirando-o do poder do assassino.[193]

[192] Jornal O Alto Purus 10-04-1911

[193] Idem

O eco provocado pelos disparos somado ao barulho de luta no interior do barracão despertou a atenção das duas testemunhas evocadas pelo informante do crime que se encontravam papeando no entorno do barracão. Ao entrarem, perceberam que o caboclo João, criado como filho pelo coronel, evadia-se apressadamente do local do sinistro. Em vão correram ao encontro dele. Entretanto, não o alçando decidiram voltar e socorrer o coronel quem tanto necessitava de socorro e ajuda.

> Foi quando acudiram vindo de fora os srs: Vervier e o Guimarães, o criminoso largou então a correr sendo perseguidos por aquelles senhores que não conseguindo prende-lo voltaram sem perda de tempo para socorrer o ferido.[194]

Se esta história terminasse aqui, já ficaríamos chocados com a forma com que a violência se manifestava nos seringais no ímpeto, sorrateiramente, sem ser esperada. Entretanto, a história prossegue com as ultimas palavras proferidas pelo coronel e que chocaram as pessoas que estavam ao seu redor na hora de sua morte. O coronel acreano que se aventurou a desbravar as terras do Amazonas em busca do "ouro negro" encontrou ainda forças para relatar o que lhe tinha ocorrido e solicitou que chamassem seu guarda livros que se encontrava em Sena Madureira. O coronel José Ferreira resistiu o tempo necessário para fazer algumas declarações importantes, logo depois desfaleceu em meio aos olhares de todos.

> O coronel José ferreira exausto em meio a uma poça de sangue, pôde ainda dizer quem fora o assassino e recomendou que mandassem logo chamar o seu guarda livros o Sr: Marinho Falcão que a data estava em Sena Madureira. Pouco tempo depois sobreviveu o valoroso acreano, algumas horas apenas durante as quaes, fallou sempre com admirável coragem no sofrimento e fez algumas declarações importantes.[195]

---

[194] Idem

[195] Idem

Diante de diversos ouvintes e na presença do astuto jornalista, o nosso informante passa então a expôr com detalhes o que ouviu pela própria boca daqueles que presenciaram e viveram as últimas horas de vida do coronel. Segundo o coronel, João Antônio foi mandado por sua mãe, uma feiticeira que não gostava do coronel por ele a ter ameaçado várias vezes de expulsá-la do seringal “Liberdade” caso ela continuasse com as práticas de feitiçaria que tanto o incomodava. Declarou também que João Antônio havia sido criado por ele como um próprio filho.

> -Sabe o que teria motivado o crime?
>
> -João Antônio foi mandado por sua mãe uma cabocla “feiticeira” que não gostava do coronel Jose Ferreira por este tê-la ameaçado de expulsão, caso ella continuasse na prática de abusos nocivos ao seringal.
>
> - E esse João Antônio?
>
> - Era um rapaz de uns vinte e oito anos, creado pelo próprio coronel Jose Ferreira.[196]

Em confissão, a mãe do caboclo João informa para as autoridades competentes que o motivo do crime foi o medo das ameaças constantes de expulsão feitas pelo coronel e “fiada nas regras do seu livro São Cypriano, que ensinava a maneira de assassinar, no dia primeiro de outubro, sem que o assassino viesse a ser descoberto. Quinze dias Ella levou a cathechizar o filho nesse sentido”.

Conta o viajante que a morte do patrão José Ferreira provocou uma convulsão social por justiça no seringal e seu entorno. Então, um grupo de aproximadamente setenta e oito homens, que trabalhavam no seringal, empregados do coronel José Ferreira, se dirigiu a localidade de Concórdia onde se encontravam presos os supostos assassinos, chegando ao início da madrugada.

[196] Idem

> Pois não. O assassinato do coronel Jose Ferreira repercutia muito mal em Liberdade. Alguns empregados do seringal quiseram logo tirar a revanche e vieram para as margens com homens armados. Uma vez nas margens souberam que o caboclo João Antônio e sua mãe estavam em Concórdia, puseram-se a caminho e num total de setenta e oito homens chegaram a meia noite a prisão.[197]

Sobre intenso espancamento os “honrados e ávidos de justiça” agrediram fortemente João Antônio e sua mãe, “a feiticeira”, a fim de retirar-lhes a tão desejada confissão. João Antônio foi o primeiro a confessar, provavelmente entre súplicas de misericórdia assumiu ser o responsável pelo crime, logo em seguida foi a vez de sua mãe, que confirmou ter preparado, mediante os passos ensinados no livro de São Cypriano, o filho para a realização de tamanha tragédia. Apontando o livro, mostrou que o mesmo se encontrava sublinhado na parte que ensinava como e quando o crime deveria ocorrer.

> O assassino e a bruxa foram fortemente surrados. Afim que confessassem o crime. Caboclo confessou tudo, com detalhes. Terminada a confissão, coube a vez à velha que confirmou as declarações do filho. Indicando o livro de São Cypriano onde encontrara as regras que sublinhara com tinta preta e o primeiro de outubro marcado com uma cruz. [198]

O uso de livros em adivinhações foi muito difundido no decorrer da idade média, mas essa prática podia ser perfeitamente encontrada em outros períodos da história, para Laura de Melo e Souza, nas zonas rurais no decorrer do séc. XIX, a prática de livros em adivinhações era muito utilizada “As adivinhações com livros e chaves foi muito conhecida durante a idade média,

---

[197] Idem

[198] Idem

persistiu na época moderna, e era freqüente em muitas áreas rurais no sec. XIX. [199]

Ao revirarem os pertences dos acusados, os “amantes da justiça e da ordem” descobriram dentro do livro de São Cypriano que a suposta feiticeira carregava consigo indícios de magia. Ponta de cigarro, fios de cabelos e papéis coloridos.

> Ao lado do livro uma ponta de cigarro que fora do coronel Jose Ferreira embrulhada em uma madeixa de cabelos e mais sete pedaços de papeis de cores, enrolados tudo conforme as prescrições de São Cypriano.[200]

Ainda para a autora, o uso de objetos em práticas de magias e de feitiçaria obedecia a certos costumes regionais. Na Bahia, por exemplo, eram comuns estas práticas usando tesoura, peneira e fios de cabelo. Já no Pará e Amazonas eram comuns os seguintes práticas “Adivinhar através do uso de balaio, tesoura, raízes indígenas e oração de são Pedro foram praticas muito utilizadas no Pará”. [201]

Diante daquilo que os “amantes da justiça” entenderam como provas condenatórias e práticas de feitiçaria colocaram estes objetos condenatórios numa fogueira para que o “maléfico” ardesse no seu próprio mal.

> A mala que continha estas coisas foi devorada por uma fogueira ahi mesmo acessa, depois começou o tiroteio.
>
> Caboclo João tomou as primeiras cinco balas, exatamente nas mesmas partes do corpo em que atingia sua victima. Seguiu-se-lhe à velha, e por fim um tiroteio cerrado sob os dois cadáveres, a

[199] SOUZA, Laura de Melo e. op. cit.; p 162

[200] Jornal O Alto Purus 10-04-1911

[201] Idem, p. 162

> maneira de massacre, poz termo a horrível tragédia.
>
> Eis tudo. A mais que o crime ficou perfeitamente exclarecido: Mãe cabocla não cessava de chamar a si, e a S. Cypriano a responsabilidade do quanto ocorrera. Só Ella dizia – fora culpada” [202]

A história desta feiticeira revela muito acerca das coisas que aconteciam nos seringais. O crime cometido por ela foi pensado, planejado e arquitetado, como demonstra a documentação analisada. Ela se preocupou com todos os detalhes da façanha, seguiu à risca todas as informações contidas no livro de São Cypriano, que ensinava passo a passo o assassinato, escolheu o dia certo, além de preparar, por quinze dias, seu filho de vinte e oito anos para a realização da tragédia. Todos estes passos apontam indícios do quanto esta mulher estava decidida a cometer o crime e o quando a ameaça de expulsão do seringal a incomodou.

Não se sabe ao certo o quanto de verdade existe neste documento, uma vez que o caso é contado por um viajante que tendo chegado dos altos rios num vapor trouxe a notícia do assassinato do coronel e a contou ao jornal. Era comum, as notícias chegarem por meio de viajantes que percorriam os altos rios, as dificuldades de acesso, de transporte e de meios de comunicação dificultavam a chegada de informações acerca do que vinha acontecendo nos rios. Por este motivo nem sempre as notícias eram confiáveis, mas era a única maneira de saber o que de fato acontecia nos lugares mais distantes da mata.

> Pessoas chegadas ontem do Rio Juruá, nos trouxeram a infausta noticia do bárbaro assassinato do conceituado seringalista coronel Pancrácio Brito. Paira desconfiança em torno de certo figurão, apontado como mandante do crime.[203]

---

[202] Jornal O Alto Purus 10-04-1911

[203] JACOB. Paulo. Andirá. Governo do Estado do Amazonas/secretaria de Estado e cultura/ Editora da Universidade Federal do Amazonas, Universidade do Estado do Amazonas, 2003. p 127

Contudo, esta história possui alguns dados que não foram esclarecidos na narrativa do viajante. Contudo, algumas indagações sugiram no manuseio desta fonte: Por que o bravo acreano criou como filho o caboclo João que se tornou o algoz da sua existência? Será que o motivo do crime induzido por uma mulher do “seringal Liberdade”, identificada pelo próprio coronel como feiticeira, e que por estas práticas foi ameaçada de expulsão pelo patrão teria sido realmente esse?

Outra pergunta a qual não encontramos resposta é a que se refere às constantes ameaças de expulsão pelo coronel, uma vez que a literatura nos indica que para ter o controle sobre e sob o seringal os patrões não ficavam no campo das ameaças. O que realmente havia entre o patrão, a mulher feiticeira e o caboclo João, criado como filho pelo próprio coronel?

Finalizando, ainda podemos questionar qual seria a relação entre o patrão e seus seringueiros, uma vez que o relato diz que em torno de setenta e oito homens saíram para vingar a morte do patrão. Os estudos acerca dos seringais nos dizem que a relação entre patrão e seringueiro era marcada por constantes conflitos, onde o patrão se apropriava de inúmeras maneiras para coagir e disciplinar o seringueiro. Por que eles saíram em defesa do patrão?

Reafirmamos que não encontramos na fonte trabalhada nenhum vestígio que pudesse esclarecer este instigante triângulo, entretanto a literatura sobre o cotidiano dos seringais é repleta de filhos ilegítimos criados pelos coronéis como se fossem seus próprios filhos. Não queremos inferir nenhum valor de verdade, apenas chamamos à atenção do ávido leitor para as lacunas deixadas nessa histórias.

São poucos os casos onde as mulheres aparecem como responsáveis diretas por crimes nos seringais, mas não podemos dizer que elas sempre foram vítimas da violência masculina. Mesmo em número bastante reduzidos foi possível encontrar alguns casos onde elas aparecem como agressoras.

O livro de processos julgados e decretados no Estado do Amazonas, do ano de 1915, traz um resumo de um crime que ocorreu na região dos seringais de Camutama/Purus, onde Raymunda Gregório do Nascimento foi a mandante e Juventino Manoel Ferreira o autor. Por se tratar de um resumo do processo, o

motivo do crime não está explícito, contando apenas o depoimento das testemunhas,

> Affirmam estas (testemunhas) que a ré mandou e o réo executou o delicto pelo qual é acusado sem mais referencia, justificam o crime conscientemente preparado e barbaramente levado a efeito.[204]

Assim como a feiticeira do seringal "Liberdade", Raymunda Gregório planejou o crime e arquitetou como faria para executá-lo, e executou-o de forma bárbara, é claro que não podemos generalizar as situações, pois atitudes assim consistiam em um caso ou outro isoladamente, o que não podemos é colocar a mulher em condição apenas de vítima. Existiam sim, as que se deixavam dominar, mas também existiam as que iam contra a atitude violenta do homem e reagiam muitas vezes com igual violência.

> A reconstrução de papeis femininos, como mediações que possibilitem a sua integração na globalidade do processo histórico de seu tempo, parece um modo promissor de lutar contra o plano dos mitos, normas e estereótipos. [205]

O último caso que apresentaremos neste capítulo se insere no contexto de crimes sexuais, conhecido como crime de defloramento, que diante da lei recebia as mesmas penalidades que os crimes de estupro. O defloramento de menores era um crime que acontecia em grandes proporções no Brasil no decorrer do sec. XIX. Entre os juristas seu nome podia ser entendido como crime de sedução, desvirginamento ou defloramento e combatê-lo era antes de tudo punir um princípio moral da sociedade, que era a honra das famílias. Preocupados com

---

[204] Livro de processos julgados e decretados no Amazonas/ 1915

[205] DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. 2ed. Ver. São Paulo: Brasiliense, 1995. p 13.

o que poderia acontecer com a mulher após um crime dessa natureza foi que juristas eclesiásticos e médicos passaram a combatê-lo e a puni-lo fortemente.

> A lei punia o defloramento porque "estorva a finalidade social da mulher na família legal e moralmente constituída e podia levar-la a prostituição. [206]

Georges Vigarello, ao estudar a violência sexual nos séculos XVI-XX, nos indica algumas possibilidades para pensarmos esta questão. Diz que a

> Passagem de um silêncio relativo para uma visibilidade ruidosa, esse crime está presente como nunca nas investigações da policia, nos documentos da Justiça, nos artigos de imprensa, nos debates da opinião pública. [207]

Crime que infringe moralmente quem é aviltado pela sordidez da violência sexual, esta condição é um emaranhado complexo entre o corpo, o olhar, a moral que esta história vem lembrar. Para a mulher, esta vergonha, dor e desonra sempre é vista e pensada como se ela fosse agente ativa do próprio crime no qual fora vítima. O deslocamento do olhar provoca e suscita no mundo feminino um sentimento de profunda vergonha de si mesmo. Neste sentindo todo preconceito é direcionado para que a própria mulher questione a si mesma e a leve a pensar se não cedeu voluntariamente ao ato do estupro. "A vergonha, por exemplo, inevitavelmente sentida pela vitima, liga-se à intimidade imposta, à imagem que se oferece dela, à sua publicidade possível".[208] Educada para repelir tentativas que alvitram contra sua honra, a mulher mergulha num mundo de ambigüidades dos seus sentimentos. De vítima passa a ser vista e pensada como agente provocador da violência sexual. Sua honra esvazia-se num labirinto de dor

---

[206] CAULFIELD, Sue. Op. cit.; p. 253

[207] VIGARELLO, George. História do Estupro: violência sexual nos séculos XVI –XX. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 7

[208] Idem, p. 8.

e vergonha. Entregue aos sacrilégios do mundo masculino e desonrada, entrega-se ao mundo das lágrimas. A dor por ser mulher, a dor da vergonha, a dor da perda da honra surge para o imaginário feminino como culpa diante do olhar que a condena e a censura. “[...], num cenário adaptado aos próprios gostos e recursos, [...]. O ideal seria esconder e renunciar ao corpo, tapar os órgãos pelos quais penetram o gosto do mundo e o pecado, [...]”.[209]

Condenada por ser mulher, decifrada como lasciva tentação dos pecados carnais mundanos, o mundo feminino passa pela história da humanidade como um lugar a ser vigiado e punido. Condenada ao degredo de pecados silenciosos e contidas confissões e de corações entristecidos e olhares melancólicos, a mulher se vê entre o labirinto do pudor e os prazeres que lhe são negados. Filhas do medo, mães do silêncio, esposas do recato, mulheres do mundo feérico.

> As mulheres eram tidas como a representação do privado, e sua participação ativa enquanto mulheres em praça pública era rejeitada por praticamente todos os homens. [...]. É no ceio do espaço privado que o individuo se prepara para afrontar o olhar dos outros; ali configura-se sua apresentação, em função das imagens sociais do corpo. [210]

Francisca Ribeiro denunciou Antônio Alves da cunha por crime de defloramento. A história se passou na beira do Rio Madeira, no lugar denominado “Boca do Mirary”. O processo analisado é composto de duas versões. A primeira versão é apresentada por Francisca, a suposta deflorada e “ofendida”, que alega ter sido pega à força e obrigada a manter relações sexuais com Antônio Alves da Cunha. Este apresenta uma versão, totalmente contrária aos fatos narrados por Francisca.

---

209 DIBIE, Pascal. O quarto de Dormir: um estudo etnológico. Trad. Paulo Azevedo N. da Silva. Rio de Janeiro: Globo, 1988, p. 79.

210 Ver, PERROT, Michelle (Org.). História da Vida Privada: Da revolução Francesa à primeira guerra. Trad. Denise Bottmann e Bernado Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 27 – 446.

De acordo com o depoimento de Francisca Ribeiro, moça de aproximadamente vinte a vinte e um anos de idade, estava ela à beira do Rio Madeira lavando roupa, quando se aproximou Antônio Alves da Cunha, que de longe sentado numa pedra, passou a observá-la. Vendo-a agachada na beira do rio, com as saias erguidas e emboladas entre as coxas e a virilha, Antônio ficou admirado ao contemplar a beleza de suas pernas. Como estava muito envolvida em sua atividade costumeira, nem se deu conta da presença masculina de Antônio.

Não resistindo aos encantos e à forte emoção que aquelas imagens produziam em seu corpo, e percebendo que ela estava desacompanhada, o homem resolveu aproximar-se e ao encontrá-la agachada, lavando as roupas, Antônio agarrou-a pelas costas e deitando-a forçosamente no barranco próximo, teve com ela relações sexuais.

> Verifica-se que no dia 28 do corrente anno denunciou a promotoria pública a Antônio Alves Cunha, como incurso nas penas do art. 267, do Código Penal da República por haver, a 24 do outubro do anno próximo findo, deflorado a menor de vinte annos de idade Francisca Ribeiro, no logar "Boca do Mirary, deste termo e comarca, sob promessa de casamento.[211]

Segundo Francisca, ao concluir o ato sexual, Antônio passou a seduzi-la com palavras e promessas de casamento, ao mesmo tempo em que a amedrontava dizendo que se o pai dela viesse a tomar conhecimento do caso, castigá-la-ia. A promessa de casamento era o único meio que um homem tinha de reparar um ato de defloramento e talvez Antônio tivesse conhecimento disso. "Todo aquele que desonesta mulher honrada, e para isso lhe promete casamento, deve ser por leis divinas e humanas, obrigados a satisfação dessa promessa".[212] Temendo o que pudesse vir a acontecer, foi que ele passou a seduzi-la com tais promessas, ao mesmo tempo em que a ameaçava caso seu pai viesse a tomar

[211] Recurso Criminal de Humaytá – 28-01-1920

[212] SILVA, Maria Beatria Nizza da. Op.cit.; p 89

conhecimento do fato. Entretanto Francisca sabendo que ele já era casado, não acreditou nas propostas feitas por ele e resolveu denunciá-lo.

> A vinte e quatro de outubro do anno próximo passado, estando a lavar umas roupas a beira do Madeira, o denunciado vendo-a desacompanhada, pegou-a pelas costas, subjugou-a, e teve com ella relações sexuais, nada tendo dito em casa porque o denunciado fizera-lhe medo, lembrando que, se o pae della soubesse, a castigaria, que o denunciado, depois de ter deflorado prometeu-lhe casar-se com ella, porém não queria, por saber ser elle casado.[213]

Ao narrar os fatos, Francisca Ribeiro coloca-se no lugar de inocente, ela se apresenta como uma moça despercebida, que estava apenas cumprindo suas tarefas cotidianas quando aparece Antônio Alves, homem malicioso que alimentava maldades e desejos eróticos no coração. Sem culpa e sem poder de reação ela foi pega de surpresa e teve que forçosamente manter relações com o acusado. Por este prisma Antônio surge como um sedutor que se aproveita da inexperiência da vítima a fim de tirar-lhe a virgindade.

Chamado a prestar depoimento e a esclarecer o motivo que o levou a cometer tamanha violência, Antônio Alves da Cunha contestou a versão apresentada por Francisca Ribeiro, afirmando que a história havia se passado de forma bem diferente do que fora relatado pela moça. Segundo Antônio Alves, ele não fez nada sem o consentimento de Francisca e que de forma alguma a forçou ou ofendeu a sua virgindade que a história também não havia se passado na beira do rio Madeira, porém da seguinte forma:

---

[213] Recurso Criminal de Humaytá – 28-01-1920

Um dia, estando ele a trabalhar no corte de seringa, como fazia todas as manhãs, Francisca Ribeiro foi até a estrada de seringa, e com gestos e insinuações, deu a entender que queria deitar-se com ele. Na primeira vez Antônio a mandou embora, dizendo que não queria cometer tal ato. Aconteceu que Francisca passou a insistir e, voltando ela mais uma vez ao local, então tiveram relações sexuais, mas que de forma alguma ele atentou contra a virgindade dela, afinal não a encontrou virgem.

> A essas affirmativas da offendida contestou o denunciado, declarando que nem a forçou nem a offendeu em sua virgindade e nem teve com ella relações a beira do Rio Madeira, e sim, na estrada de seringa onde ela apareceu espontaneamente, que a primeira vez mandou-a embora, e voltando la à estrada, da mesma forma pela segunda vez, então tiveram relações sexuais, já não a tendo encontrado virgem.[214]

De acordo com o código de moralidade da sociedade no século XIX uma moça nunca poderia deixar transparecer a sua libido ou o seu desejo de deitar-se e copular-se com um homem, isso era condenado tanto pela sociedade como pelo os juristas. As mulheres que demonstravam sentir tal sensação não eram tidas como honestas e honradas, por esse motivo raramente elas deixavam transparecer o que sentiam ou o que queriam, mesmo diante de situações como as que se encontrava Francisca Ribeiro, uma mulher jamais admitia que se entregou porque sentiu desejo ou vontade de fazê-lo. Sue Caulfield, ao citar as pesquisas feitas por Esteves sobre a análise de processos de defloramento na virada do século XIX para o XX na cidade do Rio de Janeiro, ressalta que:

> Ela não encontrou processos nos quais as moças reconheciam abertamente a excitação sexual, ou se consideravam parceiras "ativas". Seu estudo corrobora as observações de juízes como Eurico

[214] Idem

Cruz, que, escandalizado com a audácia das moças modernas, dos anos 20, declarou que o atrevimento das jovens e suas confissões sobre a excitação física eram sem precedentes.[215]

Francisca não confessou que sentiu desejo e vontade de manter relações sexuais com Antônio, e quando chamada novamente a prestar esclarecimentos sobre a nova versão dos fatos apresentados por Antônio, Francisca Ribeiro confessou que teve relações com o acusado sim, negando somente que não fora na estrada de seringa conforme havia sido dito por ele, que tiveram relações uma segunda vez, só que no mato próximo a sua casa, onde fora buscar lenha.

Com a palavra novamente a informante offendida, disse ainda que nunca fora a estrada de seringa, tivera relações, uma segunda vez sim, no matto próximo a sua casa, onde fora buscar um páo de lenha.[216]

Depois desse último depoimento, a situação de Francisca toma novos rumos no processo de julgamento, porque, ela que se encontrava até então em uma posição de "ofendida" passou a ser vista e analisada de outra forma pelo juiz que acompanhava o caso.

Muitos processos acabam julgando não o acusado, mas a vitima, e a questao muitas vezes é saber se ela merece ou não casar, ou se

[215] CAULFIELD, Sue. Op. cit.; p336

[216] Recurso Criminal de Humaytá – 28-01-1920

> "provocou" ou não a situação do defloramento.[217]

Em seu depoimento, Francisca Ribeiro alterou mais uma vez o lugar aonde o episódio ocorreu, afirmando que não havia sido na estrada de seringa e sim no mato próximo a sua casa, no entanto as outras afirmações feitas por Antônio não foram contestadas por ela, que não desmentiu a acusação feita de que não era mais virgem. Esse fato mudou toda posição do juiz frente às informações oferecidas por ela.

A virgindade era o fator que determinava à conduta e a honestidade de uma mulher solteira, sem ela sua posição diante da sociedade ficava comprometida. A mulher solteira não virgem era tida como uma mulher sem moral, sem conduta digna, que não era confiável, uma mulher fácil, e aos olhos da sociedade, uma mulher assim tinha pouca credibilidade.

> A perda da virgindade era um evento critico na vida de uma mulher solteira, provocando fofocas na vizinhança (as vezes ate matérias nos jornais)e abrindo a possibilidade de uma atitude tão enérgica quanto um processo contra o deflorador.[218]

Além de Francisca não desmentir Antônio a respeito da sua virgindade, outro agravante sustentou ainda mais a decisão do juiz de inocentar o homem das acusações feitas pela moça, o fato dela ter ocultado a história da própria mãe, contando-a meses depois do acontecido. Por que será que Francisca não contou à mãe logo após o fato ocorrido? Será que ela teve medo da reação dos pais ou será que a história realmente não se passou tal qual ela relatou em depoimento?

---

217 WOLFF, Cristina Sheib. Op. cit.; p 238.

218 Idem, p 226

> Ë preciso notar que não contestou o facto de haver declarado o acusado não ter a encontrado virgem, e que se tendo passado em 24 de outubro, contra a sua vontade, somente em abril do anno seguinte o revelou a sua mãe.[219]

Diante da lei para que um crime se configurasse dentro do quadro de crimes de defloramentos eram necessários alguns requisitos básicos. Primeiro que o ato tivesse sido praticado em mulheres de menor idade e virgens, segundo que o ato tenha ocorrido por meio de sedução e terceiro que tenha sido contra a vontade da vítima.

> Não basta para a integração do delicto o facto material da copula com a mulher virgem, é preciso ainda que seja esta de menor idade e tenha consentido iludida pela seducção, pelo engano ou pela fraude. Se a mulher resistiu, se essa resistência foi subjulgada pela violência physica ou moral do homem, ou se é menor de dezesseis anno. Não há defloramento e, sim estupro. Mas se a mulher de dezesseis anos livremente consentiu no acto e se entregou ao homem sem seducção , engano ou fraude, não existe crime a punir.[220]

A história contada por Francisca Ribeiro não se enquadrou em nenhum dos requisitos básicos exigidos por lei para se configurar crime de defloramento. A idade dela era superior aos dezesseis anos, que correspondia à idade máxima para se caracterizar crime de defloramento, ela não havia sido seduzida por Antônio, uma vez que foi ela quem demonstrou interesse em deitar-se com ele, não era mais virgem quando o fato ocorreu, um agravante em favor da

[219] Recurso Criminal de Humaytá – 28-01-1920

[220] Idem

absolvição do condenado. Ou seja, Francisca não tinha nada a seu favor que pudesse comprovar que ela havia sido vitima de defloramento. Para piorar ainda mais as coisas até as testemunhas que segundo a literatura eram unânimes em defender a vítima “As testemunhas além de falarem do que tinham ouvido sobre o caso, costumam depor sobre a conduta da vítima[221].” neste caso, foram contra.

> Destes autos não consta a certidão de idade da offendida, porem, todas as testemunhas são unânimes em dar-lhe a idade de 20 a 21 annos, e também em affirmar que nunca ouviram fallar em namoro della offendida com o denunciado.[222]

Mediante tais evidências não restou ao juiz de direito, responsável pelo julgamento do caso, inocentar e perdoar Antônio Alves da Cunha pela ofensa que lhe fora imputada, ficando comprovado assim que Francisca Ribeiro não havia sido vítima de defloramento algum.

> Julgo improcedente a denuncia de fls.23 e, por tanto, absolvo o réo Antônio Alves da Cunha da accusação que lhe foi intentada, visto como, nos termos da nossa lei, em vigor, art 267, do Código Penal da Republica, para que se caracterize crime de defloramento, necessário se faz a reunião dos três seguintes elementos:
>
> __ Cópula completa ou incompleta com mulher virgem
>
> __ Que esta seja de menor idade – e que tenha consentido por meio de sedução, engano ou fraude. [223]

[221] WOLFF, Cristina Sheibe. Op. cit.; p 240

[222] Recurso Criminal de Humaytá – 28-01-1920

[223] Idem

Antônio Alves da Cunha fora absorvido da acusação de defloramento que lhe fora imputada, no entanto, ao manusear esta fonte alguns questionamentos vieram à superfície. Primeiro, se Francisca sabia que não fora obrigada a manter relações sexuais com Antônio, que a relação aconteceu por livre e espontânea vontade dela, que fora ela quem foi atrás dele na estrada de seringa, por que então ela o denunciou? A literatura indica que muitas mulheres, ao denunciarem seus agressores, tinham a pretensão que eles cumprissem a promessa de casamento, mas nesse caso, Francisca sabia que Antônio já era casado, logo ela deveria imaginar que não tinha como ele cumprir a promessa de casamento feita a ela. Por que então ela o denunciou? Será que rumores sobre o acontecido percorriam o seringal e temendo que tudo viesse a ser revelado foi que ela tomou a atitude de denunciá-lo?

Segundo: Antônio era um homem casado quando se deitou com Francisca, ele a prometeu em casamento logo após a cópula, usou palavras de sedução para mantê-la calada frente ao acontecimento, ameaçou-a caso ela contasse aos pais. Por que em momento algum esse comportamento dele fora questionado? Quando Antônio relatou à justiça o fato de que Francisca não era mais virgem quando manteve relações sexuais com ela, todos os outros fatores que compunham o crime foram deixados de lado, o fato dela não ser mais virgem foi o motivo maior da absorção do condenado. Será que se Francisca não fosse mais virgem e ainda assim Antônio a tivesse tomado á força a justiça o absorviria?

Segundo Natalie Zemon Davis, na França, durante o período da idade média, eram somente estes os “casos” que o rei concedia o perdão a um condenado.

> Quando o homicídio ou crime, ocorrera por acidente, sem maus pensamentos ou más intenções, quando era cometido por uma pessoa sem discernimento, e portanto, supostamente sem fraude, malicia ou maldade, quando são resultante de uma briga repentina, perdoável por causa da raiva, quando era cometido por pessoa de “rara excelência”e cuja a morte seria uma grande perda para o reino, quando cometido por um velho de

vida pregressa isenta de brigas e contendas, ou quando o crime fora ocorrido após vinte anos, sem ter acusação nem processo. [224]

Não queremos, não podemos e nem pretendemos comparar as histórias de perdão ocorridas na França na idade média, com a realidade do Brasil no sec. XIX no interior dos seringais, entretanto um fato nos chamou à atenção. Em todas as situações de perdão apresentadas pela autora, o que se avaliava era a condição ou a situação em que o acusado estava envolvido, em nenhuma dessas situações o acusado dependia de uma prerrogativa da vítima para ser inocentado. Como vimos no caso acima, a inocência de Antônio foi toda baseada no fato de Francisca Ribeiro não ser mais virgem. Isso indica o quando a virgindade era um valor moral para a sociedade brasileira no sec.XIX. A perda da virgindade diminuía todas as chances de uma boa reputação feminina, além de dificultar, consideravelmente suas chances de encontrar um bom casamento. “A perda da virgindade diminuía consideravelmente as chances matrimoniais da população feminina e não deixaram as leis do Reino de examinar a questão cuidadosamente”.[225]

Através dos casos e das histórias apresentadas neste capítulo, percebemos que a violência nos seringais não escolhida classe social, cor, nacionalidade, profissão ou qualquer outro requisito para acontecer. Ela possuía uma linguagem que era usada por todos, estrangeiros, comerciantes, patrões, empregados, seringueiros, feiticeiros, todos os que viviam no cotidiano dos seringais e nele e por ele aprenderam a se defender dos riscos imaginários e reais que a mata oferecia.

As histórias contadas através dos casos apresentados são relatos de experiências vividas por homens e mulheres que trabalhavam, casavam-se, amasiavam-se e envolviam-se em diversas situações de amor, paixão e sedução, e que por motivos distintos, acabaram se envolvendo em brigas e violências em

---

[224] DAVIS, Natalie Zemon. Historia de perdão e seus narradores na França do século XVI: Tradução de José Ruens Siqueira. – São Paulo: Companhia das letras. 2001. p 31.

[225] SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Op. cit.; p. 71

nome destes sentimentos. Honra, ciúme, vingança, rapto, traição, estupro, feitiçaria e intriga foram alguns dos casos apresentados. Estes são os motivos que levavam as pessoas nos seringais a cometerem atos de violência.

A honra, um valor a ser preservado pela sociedade do séc. XIX, era um bem inviolável, qualquer ameaça a sua segurança era motivo de reação violenta. Preservar a honra da família e das mulheres era função masculina, para o homem a honra estava atrelada a sua capacidade de exercer a sua masculinidade, já para as mulheres a honra estava ligada a pureza sexual.

Muitos homens nos seringais espalhados pelo Amazonas cometeram crimes por motivo de ciúme, sobre esse sentimento verificamos que ele pode ser interpretado também como uma valorização do outro, o sujeito possuído pelo sentimento de ciúme tente a valorizar o seu rival, e essa valorização aguça a ainda mais o medo da perda, e impulsiona o sujeito a eliminar o outro que lhe representa uma ameaça.

É interessante pensarmos que as questões que envolvem honra, ciúme e virgindade se encontram registradas em grande quantidade de processos de crimes passionais do sec. XIX. Boris Fausto, ao pesquisar crimes desta natureza na cidade de são Paulo, e Sue Caulfield na cidade do Rio de janeiro, puderam comprovar que a defesa da honra e o ciúme eram os motivos mais declarados pelos assassinos de mulheres nestas duas cidades. Isso leva-nos a entender que os mesmos valores que norteavam a conduta dos sujeitos que viviam nos "grandes centros" espalhados pelo Brasil afora, eram os mesmos vividos e preservados pelos sujeitos que viviam um cotidiano totalmente distinto, no recôndito da mata, nos seringais do Amazonas.

Nesta perspectiva o conceito sobre "cultura" formulado pelo sociólogo Clifford Geertz, pode ser perfeitamente aplicado nessa situação. Para o autor a cultura é um conjunto de significados partilhados, um conjunto de ações que

norteiam os comportamentos. “O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. [226]

A violência praticada pelas mulheres nos seringais do Amazonas acontecia em proporções reduzidas em relação à violência masculina. Algumas mulheres por apresentarem um comportamento mais ousado para a sociedade de sua época, não se curvaram frente a violência masculina, e em alguns momentos chegaram a praticar, a arquitetar e a planejar crimes e atos de violência nos seringais.

Vimos que não foi apenas da violência que a mulher lançou mão para conquistar seus objetivos. Algumas usaram do poder de sedução e da sensualidade para prender o seu amor quando este lhe escapava das mãos.

A sensualidade e o poder de sedução da mulher foram, durante o séc. XIX, uma das grandes preocupações do discurso religioso, moral, médico e jurídico, tais discursos como podemos perceber sempre condenavam a mulher diante da volúpia e luxúria amorosa, e pregavam a moderação, a castidade e até a abstinência sexual.

Para a mulher deste período o amor verdadeiro é oriundo do afeto, do respeito entre o casal, da educação dos filhos e da manutenção da unidade familiar. Todos os discursos éticos, morais e religiosos do século XIX no que tange à condição feminina, tiveram por objetivo combater o corpo feminino. O amor carnal se apresentava como uma doença que precisava ser combatido e controlado.

Não podemos afirmar que nos seringais do Amazonas as mulheres se preocupavam com os valores morais que a sociedade de sua época pregava. O que podemos perceber através das histórias trabalhadas é que estas mulheres vivenciaram e experimentaram as várias formas de amor, como demonstra toda a documentação analisada.

---

[226] GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1978. p 15

Considerações Finais:

À parte isso, tenho em mim
todos os sonhos do mundo.
Fernando Pessoa

A Pluralidade das experiências:

Concluir um trabalho não significa colocar ponto final. Afinal, o que dizer das histórias, dos sentimentos e dos diálogos que ainda não foram revelados? A história da exploração da borracha no Amazonas é uma história encantadora, marcada pela exuberância da floresta, pela imensidão dos rios e pelos mistérios que da mata emanam, estes são "ingredientes" que tornam a história do Amazonas sedutora, gostosa de saborear e desvendar.

Muitos trabalhos já a descreveram em seus vários aspectos: econômicos, políticos, sociais e culturais. Entretanto, a cada reencontro e a cada nova releitura, personagens, fatos, acontecimentos, singularidades e pluralidade são narradas e novos conhecimentos são adquiridos.

Muito se tem falado sobre as mulheres e seu universo. A historiografia brasileira e internacional, nas últimas décadas, tem revelado um rico quadro teórico metodológico sobre o assunto, ao mesmo tempo em que olhares, ao escavacar fontes documentais, tais como relatos de viajantes estrangeiros,

romances, inventários, processos criminais, processo de habilitação de casamento, acordo civil, diários, cartas, modinhas, vestuário, jornais, processo de separação, óbitos, entre outros, tem contribuído de forma incisiva para o estudo de novos temas a respeito da condição feminina.

O objeto dessa pesquisa tratava exatamente disso: trazer à superfície as histórias vividas pelas mulheres da floreta e cercanias, e que vivenciaram o período da exploração da borracha nos seringais do Amazonas. Mulheres de diversas procedências que penetraram de forma significativa num mundo construído pela brutalidade masculina na busca do enriquecimento. Mulheres que surgiram no manusear das fontes e desconstruíram mitos, ideologias e estereótipos sobre sua existência e participação na construção do mundo da borracha na floresta.

Floresta de encantos e magia. De encontros amorosos, traições, ciúmes, morte e dor. Floresta dos bailes, casamentos, reuniões sociais, charutos, vestidos e luvas parisienses. Floresta e suas histórias de herança e espólios. Floresta menina, floresta mulher. Floresta banhada pelo rio Amazonas - vidas em movimentos a arquitetar a cartografia do mundo do Seringal.

Busquei desvendar as experiências vividas pelas mulheres nos seringais levando em conta as tensões e as contradições que se estabeleceram entre elas e seu tempo; entre elas e a sociedade na qual estavam inseridas. Ao examinar, dissecar e escarafunchar as fontes, verdadeiras testemunhas do passado, compreendi que foi por volta do ano de 1872 que os seringais do Amazonas começaram a se desenvolver, deste então a região passou a receber um contingente muito grande de pessoas. Homens, mulheres e crianças que abandonaram seu lugar de origem para se aventurar pelas entranhas da floresta e, conhecer seus mistérios, seus perigos e sua magia, e dela extrair o sustento e a riqueza tão sonhada.

As mulheres que se aventuraram nesta jornada foram em sua grande maioria àquelas que acompanharam seus maridos, filhos e amantes. Vinham de vários lugares da Europa e de diversas regiões do Brasil,

principalmente do Nordeste. Ao chegarem, foram se estabelecendo em Manaus e no interior do Amazonas.

Estas mulheres reinventaram a vida nesta região, criaram seu próprio viver, passaram por novas experiências e desempenharam papéis diferentes. Casadas, solteiras, viúvas, amasiadas, amantes, feiticeiras, sedutoras, ricas, pobres, violentas, professoras, agricultoras, seringueiras, mães ou filhas, estas mulheres marcaram presença no Amazonas no final do séc. XIX e início do XX, deixando rastros de sua existência.

Poucas foram as mulheres que se embrenharam na mata no início do processo de formação dos seringais, nesses tempos a mata era recanto dos índios que, assustados com a chegada dos novos habitantes, trataram logo de esconder suas mulheres temendo perdê-las para o "estranho" que invadia a floresta. Mas essa medida pouco adiantou, logo muitas índias acabaram sendo capturadas e levadas à força para viverem na condição de amasiadas com os seringueiros.

Essa situação perdurou por pouquíssimo tempo, logo os seringais foram tornando-se mais populosos e as mulheres que chegaram foram ocupando seus lugares na mata. Algumas trabalharam diretamente na produção da borracha como seringueiras, outras atuaram em atividades extrativas diversas, outras cuidavam da horta, outras realizavam trabalho de parteiras, feiticeiras, curandeiras e outras simplesmente foram mães, donas de casa, filhas ou esposas.

Algumas mulheres preferiram não viver na mata, geralmente eram àquelas vinham da Europa e não estavam habituadas aos desafios da floresta. Estas mulheres passaram a viver nas vilas e comarcas próximas aos seringais, e a presença delas nessas localidades contribuiu com o desenvolvimento da região, trouxe ares de urbanidade, sociabilidade e afetividade. O comportamento delas influênciou no comércio, pois, sempre atentas aos baluartes da moda, buscavam na mata o requinte a que estavam habituadas a ter e a ver na Europa. Essa situação levou muitos comerciantes a se dedicarem exclusivamente à clientela feminina, atendendo-a com tecidos, chapéus, batons, ornamentos,artigos de luxo e vestidos que seguiam a tendência da moda parisiense.

A maneira que essas mulheres encontraram para se adaptar às mudanças bruscas que tiveram que enfrentar foi tentando reproduzir na mata os costumes, os hábitos e o cotidiano que estavam habituadas, “As imigrantes trouxeram consigo seus costumes e seus valores, seus sonhos e suas saudades[227]”.

No Amazonas encontraram um ambiente que não se assemelhava em nada ao europeu, por isso tiveram que reinventar a vida conforme as possibilidades que tinham, formulando assim novos hábitos e nova cultura. Elas criaram seu próprio viver, casaram, amaram, constituíram famílias, criaram seus filhos, trabalharam, viram de perto a expansão e o declínio da borracha no Amazonas e, em meio a todo esse processo, teceram suas histórias de vida.

Na mata, o casamento era uma alternativa para poucas, pois para realizar o matrimônio conforme as exigências da igreja católica, era necessário ter recursos para se deslocar até uma vila ou comarca e pagar as taxas para a efetivação deste. Taxas que geralmente eram altas e nem todos os casais tinham condições de pagá-las.

O maior número de registros de casamentos no período encontra-se entre as classes privilegiadas. O casamento era talvez o momento mais importante da vida dessas mulheres, afinal elas se preparavam durante uma vida para serem boas esposas, boas mães e boas donas de casa. O dia esperado era comemorado com toda festa e pomba almejada para a ocasião. Os jornais desempenhavam um papel importante no processo de divulgação dos matrimônios, tinham a função de informar, parabenizar, anunciar e até normatizar a conduta da sociedade diante de um pedido ou de uma cerimônia de casamento. A imprensa tornou-se um veículo de divulgação não só da modernidade e das transformações que o Amazonas experimentava, mas também passou a normatizar a conduta feminina.

A preocupação dos jornais com as possibilidades de casamento era, pode-se inferir destinada a

---

[227] SILVA; Janine Gomes da. Lugares do recôndito, espaços de sociabilidade: Histórias das mulheres imigrantes de Joinville. In: História das mulheres de Santa Catarina. (Org). Antonio Emilio Morga. Argos editora Universitária e letras contemporâneas, Santa Catarina, 2001.

> classe média. Eram principalmente as moças dessa classe que, para ascenderem socialmente ou manterem o padrão de vida, precisariam de um casamento com possibilidades de elevação ou manutenção do nível social. Um casamento menos vantajoso representaria um empobrecimento que, com certeza, muitas famílias não estariam dispostas a aceitar. Alem disso, como essas moças haviam sido preparadas para serem esposas e ame, não possuíam experiência de trabalho fora de tais funções. [228]

Por viverem em um tempo em que as transformações sociais ocorriam de forma intensa pelo país, estas mulheres, aos poucos, foram se libertando de alguns padrões sociais de comportamento. As notícias da implantação da República e o burburinho que elas causaram na sociedade brasileira, juntamente com as transformações ocorridas na região Amazônica, que recebia grande fluxo emigratório neste período, que diariamente desembarcavam em seus portos trazendo informações, curiosidades e inovações, fizeram com que o cotidiano dessas mulheres sofresse alterações, e aos poucos, elas passaram a ter mais visibilidade nos espaços públicos.

Elas falaram através de várias linguagens, como demonstra a documentação analisada e estudada. Linguagens que escreveram e registraram, através de simbologias e significados, seu viver cotidiano dentro de um "mundo" descrito e narrado como território masculino. Território onde as relações de poder ditavam as regras, onde a violência predominava, onde não se falava de outra forma a não ser através da linguagem do rifle, da tocaia, da morte e da dor.

Neste espaço, as mulheres foram se moldando conforme os acontecimentos, algumas aceitando outras reagindo às inúmeras formas de violência impostas a elas. Honra, ciúmes, traição, sedução, vingança e medo foram apenas alguns dos motivos que levaram as pessoas nos seringais a praticarem a violência. Violência esta marcada por um cenário onde as mulheres ora eram autoras, ora coadjuvantes.

---

[228] PEDRO Joana Maria. Mulheres do Sul. In História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2007. p 308

Não tivemos a intenção de falar de uma verdade, mas sim falar das histórias das mulheres nos seringais, vilas e cercanias. Talvez nosso objetivo maior tenho sido atentar para a pluralidade nos modos de vida das mulheres que se fizeram presentes nos seringais do Amazonas. Mostrar como elas construíram suas alternativas de sobrevivência por caminhos distintos, amparados por valores, conflitos, concepções, crenças e tradições vinculadas intimamente as suas culturas.

Fontes Documentais:

ARQUIVOS/ AMAZONAS

MUSEU AMAZÔNICO
DEPÓSITO PÚBLICO DO FÓRUM ENOQUE REIS
PALÁCIO DA JUSTIÇA
IGHA – INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO AMAZONAS

JORNAIS:

Jornal do Purus 30-04-1893
Jornal do Purus 13-05-1905
Jornal do Purus 02-03-1905
Jornal do Purus 02-03-1905
Jornal do Purus 21-05-1911.

Jornal do Purus 04- 06-1911
Jornal do Purus 10-11-1915

Jornal O Alto Purus 10-02-1918

Jornal O Alto Purus 20-01-1918

Jornal O Alto Purus 28-02-1915.

Jornal O Alto Purus 30-01-1915.
Jornal O Alto Purus 18-08-1914.
Jornal O Alto Purus 11-04-1915.
Jornal O Alto Purus 25-04- 1915

Jornal O Alto Purus 30 -11-1915

Jornal O Alto Purus 5-02-1915.

Jornal O Alto Purus 15-03- 1915.

Jornal O Alto Purus 18 -05-1918.
Jornal O Alto Purus 10-04-1911

Jornal O Alto Madeira 27- 05-1917
Jornal O Alto Madeira 11-12-1922

Jornal O Alto Madeira 11-12-1922

Jornal O Alto Madeira 20 -01-1917

Jornal O Alto Madeira- 31-01-1918.
Jornal O Alto Madeira 31-01-1918

Jornal Correio do Purus 20 -08-1908.

Jornal Senna Madureira 21-01-1918
Jornal Senna Madureira 27-01-1913

PROCESSOS:

Processo de acordo civil - 1920
Processo de apelação civil - 1916

Processo para habilitação de casamento – 1920

Processo de habilitação de casamento 1894

Inquérito sobre a morte de Rosa Amacio de Almeida 1909

Processo de inventario: Depósito Público do Fórum Enoque Reis 1912.

Processo Criminal - 1915

Livro de processos julgados e decretados no Amazonas- 1915

Recurso Criminal de Humaytá – 1920

RELATÓRIO:

Dois anos de saneamento no Amazonas.

Bibliografia Regional:

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. T**rabalhadores do Rio Muru:** O rio das cigarras (1970-1990). São Paulo: PUC Dissertação de Mestrado, 1995. 163p.

ALVARES, Maria Luiza Miranda; D'INÇÃO, Maria Ângela (Orgs.). Coleção Eduardo Galvão. **A MULHER EXISTE?** Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: GEPEM, 1995. 234p.

BATISTA, Luciana Marinho. **Muito Além dos Seringais**: Elites, Fortunas e Hierarquias no Grão- Pará, c. 1850-1870. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, 2004.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia Formação social e Cultural.** Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999. 480p.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva.** 34. ed. Portugal: Guimarães Editores, 1982. 339p.

CORRÊIA. Maria Terezinha. Princesa do Madeira. **Os festejos entre populações ribeirinhas de Humaitá-AM** – São Paulo: Humanitas, 2008. 61p

COSTA, Heloisa Lara Campos da. **As Mulheres e o Poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005. 363p

COSTA, Rosa do Espírito Santo da. **História do Amazonas**. Série Monteiro de Souza. Manaus: Edições Govêrno do Estado do Amazonas, 1965. 142p.

CUNHA, Euclides da. **Amazônia**: um paraíso perdido. 3. ed. Manaus: Valer, 2003. 190p

DEAN, Warren. **A Luta pela Borracha no Brasil:** Um estudo de história ecológica. São Paulo: Nobel, 1989. 286p.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **No tempo dos seringais:** Coordenadoras Marly Rodrigues e Maria Helena Simões Paes. São Paulo: Atual, 1997. 39p.

GARCIA, Etelvina. **O Poder Judiciário na história do Amazonas**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado de Governo / Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas, 2002. 87p.

JACOB, Paulo. **Andirá**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria do Estado de Cultura / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003. 265p.

LEONARD, Victor. **Os Historiadores e os rios:** Natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15. Editora Universidade de Brasília, 1999. 270p.

MAIA, Álvaro. **Gente dos Seringais**. Rio de Janeiro: Borsoi, 1956. 375p.

PANTOJA, Mariana. **Os Milton**: Cem anos de história nos seringais. Recife: Fundação Joaquin Nabuco / Editora Massagana, 2004.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A mulher no periodismo.** In: Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920). Doutoramento em História. Puc-SP, 2001. 279p

REIS, Artur César Ferreira. **O Seringal e o Seringueiro**. 2. ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. Governo do Estado do Amazonas, 1977. 172p.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia: natureza, homem e tempo**: uma planificação ecológica 2 ed. Rio de janeiro: civilização Brasileira, 1982. Coleção retratos do Brasil. 245p

TORRES, Iraildes Caldas. **As Novas Amazonidas**. Manaus: Edua, 2005. 140p.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia:** expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo: HUCITEC – Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 371p.

WOLFF, Cristina Sheib. **Mulheres da Floresta**. Uma história do Alto Juruá. Acre. (1880-1945). São Paulo: Hucitec, 1999, 291p

Bibliográfica Geral:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de**. História da Vida Privada no Brasil. Império**: a corte e a modernidade nacional. Coordenador-Geral da coleção Fernando A. Novais; Alencastro, Luiz Felipe de (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997,

ALGRANT, Leila Mezan. **Honradas e devotas da colônia.** Condição feminina nos conventos e recolhimentos no sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro. Jose Olimpo. Edunb, 1993.

ALMEIDA, Angela Mendes de. "**Os Manuais de Casamento dos séculos XVI e XVII.**". In: Samara, Eni de Mesquita (Org.). Revista Brasileira de História: Família e Grupo de Convívio. São Paulo, ANPUH\Marco Zero, vol.9, n.17, set. de 1988/fev de 1989, 91-207 p.

_________ (org.). **Pensando a família no Brasil**; da colônia à modernidade. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987.Amazonas, 2009.

ANDERSON, Michael. **Elementos para a História da Família Ocidental, 1500-1914.** Lisboa: Editorial Quero, 1984.

ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **O Erotismo Seguido de Reflexões sobre o Problema do Amor.** Tradução Antônio Daniel A. de Abreu. São Paulo, Ed. Princípio, 1991,

AREND. Silvia Maria Fávero. **Amasiar ou casar? A família popular no final do sec. XIX.** Porto Alegre. Editora da Universidade UFRGS, 2001.

BELLINI, Ligia. **A coisa Obscura**: Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil Colonial. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.

BESSA, K. A. M. **O crime de sedução e as relações de gênero**, cadernos *Pagu* 2, 1994.

BOLOGNE, Jean Claude. **História do pudor**. Tradução de Telma Costa. Rio de Janeiro. Elfos Ed: Lisboa: Teorema, 1990.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Editora Cultrix Ltada, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Mariia Helena Kühner. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOXER, C. R. **O Culto de Maria e a prática da misoginia.** In: **A mulher na expansão Ultra Marina Ibérica**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

BOYER, Charles R. **A igreja e a expansão Ibérica** – 1440-1770, trad. Lisboa, Edições 70, 1981.

BROWN, Judith C. **Atos Impuros**: A vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença. Tradução Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis, Lunardelli, 1979.

CARDOSO, Sérgio.(Org.). **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. 508 p. Carla Bassanezi (coord. De textos) 9 Ed – São Paulo: contexto, 2007.

CASTRO, F.J.V. **Delitos contra a honra da mulher**, 2 ed. Rio de janeiro: Freitas Bastos, 1932.

CASTRO, H.M.M. **A cor do silencio**: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, século XIX. Rio de Janeiro: arquivo Nacional, 1995.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940) – Campinas SP. Editora da Unicamp/ Centro de pesquisa em historia social da cultura, 2000.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. O cotidiano dos trabalhadores na Belle époque, São Paulo. Editora Brasiliense S.A, 1986.

CHATIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CITELLI, Adilson. **Romantismo**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

CORBIN, Alain. **Saberes e Odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos XVlll e XIX. Tradução Lígia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CORREIA, M. **Os crimes da paixão.** São Paulo: Brasiliense, 1981

__________, **Morte em família**: representações jurídicas e papeis sexuais. Rio de Janiero: Graal, 1983

COSTA, Heloísa Lara Campos da. **As Mulheres e o Poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2. ed., 1983.

COSTA. J.C. **O pensamento brasileiro sob o império,** in Sergio Buarque de Holanda (org) Historia geral da civilização Brasileira. São Paulo: Difusão européia do livro, 1967, vol. 2, PP 323-342.

CUNHA, Maria Tereza Santos. **Armadilhas da Sedução**. Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

__________, **Práticas de leitura entre professores primários**. In: Historia das mulheres de Santa Catarina. (Org). Antonio Emilio Morga. Argos editora Universitária e letras contemporâneas, Santa Catarina, 2001.

CZECHWSKY, Nicole(Org.). **A Fidelidade: um horizonte, uma troca, uma memória.** Tradução de Moacyr Gomes Jr.. Porto Alegre: L&PM, 1992.

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In Historia das mulheres no Brasil. (ORG) Mary Del Priore.

DANTAS, Julio. **O amor em Portugal no século XVIII**, Lisboa, sociedade Editora Arthur Brandão e Cia.,s.d.

DAOU. Ana Maria. **A belle époque Amazônica**. Editora: Jorge Zahar, 2004.

DAVIS, Natalie Zemon. **Historia de perdão e seus narradores na França do século XVI:** Tradução de José Ruens Siqueira. – São Paulo: Companhia das letras. 2001.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente 1300-1800**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo, 1989.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

DIBIE, Pascal. **O Quarto de Dormir**: um estudo etnológico. Tradução Paulo Azevedo Neves da Silva. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

ELIAS, Norberto. **O Processo Civilizador**. Tradução da versão inglesa, Ruy Jungmamn; revisão, apresentação e notas, Renato Janine Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2v. 1993.

ENGEL, Magali. **Historia da sexualidade.** In Domínios da história: ensaios de teorias e metodologias (org) Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. Rio de janeiro: Campus, 1997.

_________, **Meretrizes e Doutores:** Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do sertão nordestino**. In História das mulheres no Brasil. (ORG) Mary Del Priore. Carla Bassanezi (coord. de textos) 9 Ed – São Paulo: Contexto, 2007.

FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano: **A criminalidade em São Paulo (1880-1924)** 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

FIGUEIREDO, Luciano. **Mulheres nas Minas Gerais**. In História das mulheres no Brasil. (Org.) Mary Del Priore. Carla Bassanezi (coord. de textos) 9 Ed – São Paulo: contexto, 2007.

FLANDRIN, Jean-Louis**. O Sexo e o Ocidente:** Evolução das atitudes e dos comportamentos. Tradução de Jean Progin. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel . **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução M. T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 7. ed., Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

___________, **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREYRE, Gilberto **Vida social no Brasil nos Meados do Século XIX**. 3ª. ed. rev. Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 1985.

___________, **Modos de homem & modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FUGIER, Anne Martin. **Os ritos da vida privada burguesa.** In: Historia da vida privada, vol. 4. Da revolução Francesa à Primeira Guerra. (ORG.) Michelle Perrot: Tradução, Denise Bottman, partes 1 e 2, Bernardo Joffily, partes 3 e 4 – São Paulo, Companhia das letras, 1991. P.201

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos editores, 1989.

HABERMAS, Jürgen. **Mudanças estruturais da Esfera Pública**: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HERCULANO, Alexandre. **Estudos Sobre o casamento civil. Por ocasião, do opúsculo do Sr. Visconde de SEABRA sobre estes assuntos .** 2 edição. Lisboa, 1892.

JACOB. Paulo. **Andirá**. Governo do Estado do Amazonas/secretaria de Estado e cultura/ Editora da Universidade Federal do Amazonas, Universidade do Estado do Amazonas, 2003.

KÖHLER, Carl. **História do vestuário**. Tradução de Jefferson Luís Camargo; revisão da tradução Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAVER, James. **A Roupa e a Moda:** uma história concisa. Capítulo final {por} Christina Probert. Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1889.

LIMA, Lana Lage da Gama (Org.). **Mulheres, adúlteros e padres**. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1987.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero:** a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MACFARLANE, Alan. **História do Casamento e do Amor**: Inglaterra, 1300-1840. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MACHADO, Lia zanotta. **Masculinidades e violências**. In Masculinidades (org.) Monica Raisa Schpun. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. – Petrópoles, RJ: Vozes, 1996.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lucia. **Recônditos do Mundo Feminino.** In: NOVAIS. Fernando A. (Org.) **História da Vida Privada no Brasil 3. República**: da *Belle époque* à era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MENDONÇA, Lúcio de. **O Marido da Adúltera**. Rio de Janeiro, Editora Trés, 1974.

METCALF, C. Alida. A mulher como intermediaria: Estudos de casos de história e de literatura. In: MORGA, Antonio Emilio; BARRETO, Cristiane Manique (Orgs.). **Gênero, Sociabilidade e Afetividade**. Itajaí/SC: Casa Aberta Editora, 2009.

MORGA, Antônio Emilio (Org.). **História das Mulheres de Santa Catarina**. Florianópolis. Letras Contemporâneas/ Ed. Argos. 2001.

_________, **Nos subúrbios do desejo.** Masculinidade e sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no século XIX. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

_________, **Práticas Afetivas Femininas em Nossa Senhora do Desterro no século XIX**, 1994. 200f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Setor de Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 1994.

MOTT, Luis. **O pecado da família na Bahia de Todos os Santos.** Centro de Estudos Baianos, Salvador, 1992.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. **Mulheres e história: A inserção da Mulher no contexto cultural de uma região de fronteira** (Rio Grande do Sul), In: ZAHIDÉ, L. Muzart (Org.). Mulheres-Século XIX. Revista do curso de Pós-Graduação em Letras, periodicidade semestral. Florianópolis: Ed. da UFSC, v. 23, 1991

__________, **O Imaginário da Cidade:** visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PERNOUD, Régine. **A Mulher nos tempos das Cruzadas**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru/SP: Edusc, 2005.

_________, **História da Vida Privada:** Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1991, v. 4.

__________, **Maneiras de morar**. História da vida privada, vol. 4. Da revolução Francesa à Primeira Guerra. (ORG.) Michelle Perrot: Tradução, Denise Bottman, partes 1 e 2, Bernardo Joffily, partes 3 e 4 – São Paulo, Companhia das letras, 1991.

__________, **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

__________, **Práticas da Memória Feminina**. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins (Org.). **Revista Brasileira de História** – A mulher no espaço público. São Paulo: ANPUH\Marco Zero, n. 18, vol. 9, 10-19p., ago./set. 1989.

__________, **Solteiros e solitários**. In: Historia da vida privada, vol. 4. Da revolução Francesa à Primeira Guerra. (ORG.) Michelle Perrot: Tradução, Denise Bottman, partes 1 e 2, Bernardo Joffily, partes 3 e 4 – São Paulo, Companhia das letras, 1991.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros:** trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925). 2. ed. Manaus: Edições: Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura / Editora da Universidade do Amazonas, 2003.

PINTO, Luís de Aguiar Costa. **Lutas e família no Brasil**. S. Paulo, 1980.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_________, Deus da licença ao diabo: **A contravenção nas festas religiosas e igrejas paulistas no século XVIII.** In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). História da Sexualidade no Brasil.

__________, **Condessa de Barral: a paixão do Imperador**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

QUAQUARELLI, Cláudio. " **Sociabilidade e relações afetivas entre gêneros do universo popular**". In: História: Questões & Debates – Espaço da Sociabilidade, ano 16, n. 30, janeiro/junho 1999. Publicação semestral da Associação Paranaense de História (APAH) e do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. 39-56 p.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite:** prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. .

RIBEIRO, Renato Janine (Org.). **A Sedução e suas Máscaras: ensaio sobre Don Juan.** São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

ROCHE, Daniel. **História das Coisas Banais**: Nascimento do Consumo nas Sociedades Tradicionais (séculos XVII-XIX). Tradução de Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, LDA, 1997.

ROSEN, George. **Da Polícia Médica à Medicina Social**: ensaios sobre a história da assistência médica. Tradução de Angela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**, Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizinte; Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família na sociedade paulista do séc XIX** (1800-1860). São Paulo, 1980 – Tese de doutorado, USP.

__________, **As mulheres, o poder e a família.** São Paulo: Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

SCHOPENHAUER. **A vontade de amar.** Tradução Aurélio de Oliveira, Rio de Janeiro, Tecnoprint, [s.d.]

SCOTT, Jean. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. Tradução de Christina Rufino Dabat. Recife: [s.n], 1991.

SHEIBE, Cristina. **A construção da sustentabilidade nos seringais em crise.** Uma questão de gênero. Alto Juruá, Acre/Brasil, 1912 a 1943.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **A cultura no Brasil colônia**. Petrópolis, 1981.

_________, **A imagem da concubina no Brasil colonial:** ilegitimidade e herança, in Albertina de Oliveira costa e Cristina Bruschini (orgs.) Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina. São Paulo: vértice, Fundação Carlos Chagas, 1989, pp 17-60.

__________, **O divórcio na capitania de São Paulo**. In Vivencia: historia da sexualidade e imagens femininas. São Paulo: Brasiliense, Fundação Carlos chagas, 1980. condição feminina. São Paulo: vértice, Fundação Carlos Chagas, 1989, pp 17-60.

__________, **Sistema de Casamento no Brasil Colonial.** São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

SOIHET, Rachel. **Condição Feminina e formas de violência:** Mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920. Rio de Janeiro Forense Universitária, 1989.

SOUZA, Gilda de Mello. **O Espírito das roupas:** a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Laura de Mello e. **O padre e as feiticeiras**. Nota sobre sexualidade no Brasil colonial, in Ronaldo Vainfas (org.) Historia e sexualidade no Brasil, Rio, Graal, 1996.

_________, **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

STEARNS, Peter N. **História das Relações de Gênero.** Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.

STENDHAL. **Do Amor**. Tradução Wilson Lousada. Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint S. A., 1ª. ed. 1822.

TORRES, A. E. M. **A mulher e o Júri**. Rio de Janeiro: jacinto, 1934.

VAINFAS, R. "**A teia de intrigas"**, in Ronaldo Vainfas (org.), Historia da sexualidade no Brasil. Rio de janeiro: Graal, 1986, PP 41- 66.

__________, **Trópicos dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VENANCIO. R.P. **Nos limites da sagrada família: ilegitimidade e casamento no Brasil colonial**, in Ronaldo Vainfas (org.) historia e sexualidade no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza.** Tradução de Léo Schlafam. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_________, **História do Estupro**: violência sexual nos séculos XVI-XIX. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da Amizade:** Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

___________, **História das Lágrimas**: XVIII-XIX. Tradução Luiz Marques e Martha Gambini. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

WOLFF, Cristina Scheibe; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina de Oliveira (Orgs.). **Leituras em rede gênero e preconceito.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

_________, **Como se forma uma boa dona de casa**". A educação das mulheres teuto-brasileiras na colônia de Blumenau (1850-1900) In: Historia das mulheres de Santa Catarina. (Org). Antonio Emilio Morga. Argos editora Universitária e letras contemporâneas, Santa Catarina, 2001.